

**José Pereira da Silva**  
(org. e ed.)

**MORFOSSINTAXE**  
**DA LÍNGUA PORTUGUESA**  
Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

S586m

Silva, José Pereira da, 1946–

Morfossintaxe da Língua Portuguesa / José Pereira da Silva. São Gonçalo (RJ) : Faculdade de Formação de Professores (UERJ), 2002. (Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 2)

143 p. ; 14 X 21 cm

ISBN 85.314-0601-3

1. Língua Portuguesa. 2. Gramática. 3. História. 4. Língua portuguesa – Estudo e ensino. I. Título

CDD-469.5

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

**Reitora**

Nilcéa Freire

---

**Vice-Reitor**

Celso Pereira da Sá

---

**Sub-Reitor de Graduação**

Isac João de Vasconcellos

---

**Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa**

Maria Andréa Rios Loyola

---

**Sub-Reitor de Extensão e Cultura**

André Luís de Figueiredo Lázaro

---

**Diretor do Centro de Educação e Humanidades**

Lincoln Tavares Silva

---

**Diretora da Faculdade de Formação de Professores**

Mariza de Paula Assis

---

**Vice-Diretor da Faculdade de Formação de Professores**

Marco Antônio Costa da Silva

---

**Chefe do Departamento de Letras**

Flavio García de Almeida

---

**Sub-Chefe do Departamento de Letras**

Fernando Monteiro de Barros Júnior

---

**Coordenador da Pós-Graduação em Língua Portuguesa**

Afrânio da Silva Garcia

---

**Coordenador de Publicações do Departamento de Letras**

José Pereira da Silva

---

**Editor dos Cadernos de Pós-Graduação em Língua Portuguesa**

José Pereira da Silva

---

SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO – <i>José Pereira da Silva</i> .....   | 05  |
| A INEXISTÊNCIA DA FLEXÃO DE GÊNERO NOS<br>SUBSTANTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA – <i>Patrícia<br/>Ribeiro Corado</i> .....                | 07  |
| COMPARANDO A LÍNGUA ESPANHOLA COM A LÍN-<br>GUA PORTUGUESA – <i>Jupira Maria Bravo Pimentel</i> ....                                  | 15  |
| CONSTITUINTES IMEDIATOS – <i>Jaline Pinto da Silva</i> ....   | 24  |
| A DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA: UM DESAFIO PARA<br>OS ESTUDIOSOS DA LÍNGUA PORTUGUESA – <i>José<br/>Roberto de Castro Gonçalves</i> ..... | 34  |
| ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS DAS PALAVRAS – <i>Patrícia<br/>Miranda Medeiros</i> .....   | 44  |
| COMPOSIÇÃO POR PREFIXAÇÃO OU DERIVAÇÃO<br>PREFIXAL? – <i>Flavia Maia Bonfim</i> .....   | 56  |
| INDIANISMOS EM IRACEMA – <i>Luciana Barbosa Duarte</i>  | 64  |
| ESTUDO ETIMOLÓGICO – GRANDE FERRAMENTA<br>PARA O USO CORRETO DOS HOMÔNIMOS HOMÓ-<br>FONOS – <i>Sylvia Costa Barbosa</i> .....         | 83  |
| OS SUFIXOS FORMADORES DE ADJETIVOS COM I-<br>DÉIA NEGATIVA – <i>Juliana C. De Lima Muniz</i> .....                                    | 125 |
| PALAVRA, VOCÁBULO E TERMO – <i>Luciana Barbosa<br/>Duarte</i> .....   | 137 |

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## APRESENTAÇÃO

A Coordenação de Publicações do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem o prazer de apresentar o segundo número dos *Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa*, que agora vem com trabalhos dos professores-alunos de Especialização em Língua Portuguesa, tratando especialmente de aspectos da morfossintaxe do idioma.

Os textos aqui divulgados correspondem a trabalhos finais apresentados como parte da avaliação de disciplinas oferecidas pelo redator desta apresentação, tendo-se usado o critério de disponibilizar o material apresentado digitalmente, na forma apresentada, fazendo-se apenas a editoração e diagramação e as revisões de praxe.

Neste segundo número, contribuíram Flávia Maia Bonfim, Jaline Pinto da Silva, José Roberto de Castro Gonçalves, Juliana C. de Lima Muniz, Jupira Maria Bravo Pimentel, Luciana Barbosa Duarte, Patrícia Miranda Medeiros, Patrícia Ribeiro Corado e Sylvania Costa Barbosa, com trabalhos apresentados no final do ano de 2001 ou início do ano 2002.

Lembramos aos interessados que, no primeiro número desses *Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa*, foram publicados os seguintes trabalhos, voltados para o aspecto diacrônico dos estudos de Língua Portuguesa: “Evolução dos pronomes demonstrativos do latim ao português”, do Professor José Roberto de Castro Gonçalves; “A evolução dos tempos verbais”, da Professora Priscila Brügger de Mattos; “A formação dos pronomes na língua portuguesa”, da Professora Jupira Maria Bravo Pimentel; “A influência indígena nos topônimos do município de São Gonçalo”, da Professora Norma Cristina da Silva Moreira; “Contribuições Africanas nos Falares do Brasil”, da Professora Jaline Pinto da Silva; “Origem e uso do futuro do subjuntivo”, da Professora Patrícia Miranda Medeiros; “Provérbios: sabedoria de um povo – os provérbios e seus opostos”, da Professora Nadir Fernandes Rodrigues Cardote e “Permuta entre /b/ e /v/” e o Professor José Marcos Barros Devillart e ainda pode ser adquirido com o editor.

## **Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02**

O organizador dos *Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa* não se responsabiliza pelas opiniões dos autores, que entregam os textos digitados para a específica finalidade de serem publicados e contribuem com a sua divulgação, adquirindo sempre um pequeno número de exemplares para que se cubram as despesas da publicação.

Estes *Cadernos* estão abertos para acolher também, nos próximos números, a contribuição dos *ex-alunos* e *ex-professores* do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa para que também a produção anteriormente elaborada por esse corpo não fique excluída ou engavetada.

O *Catálogo de Produção* do Departamento de Letras, com 92 páginas de indicações bibliográficas de seu Corpo Docente, teve a contribuição de dezesseis professores do seu quadro efetivo atual e também está disponível a quem desejar.

Espera-se que esta iniciativa encontre eco entre os docentes e discentes do Departamento de Letras para que não seja apenas mais um grito de um colega que está se despedindo e faz muitas misuras e caretas para que todos percebam a sua próxima programada ausência.

Aguardando as suas críticas e as suas sempre bem desejadas sugestões, a Coordenação de Publicações do Departamento de Letras promete levar absolutamente a sério todas as suas opiniões e corrigir todos os erros possíveis nos próximos números ou reedições, ressalvada a falta de recursos para uma publicação tecnicamente mais elaborada.

Atenciosamente,

*José Pereira da Silva*  
**Organizador e Editor**

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## A INEXISTÊNCIA DA FLEXÃO DE GÊNERO NOS SUBSTANTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Patrícia Ribeiro Corado*

### INTRODUÇÃO

O termo gramatical **flexão** indica a <<curvatura; dobra>> de um determinado vocábulo diante da necessidade de adaptação à sua multiplicidade de empregos e aplicações. De acordo com Joaquim Mattoso Câmara Júnior, o mecanismo flexional "*apresenta-se em português sob o aspecto de segmentos fônicos pospostos ao radical, ou sufixos*". Desde então, mestre Mattoso já nos chamava a atenção para as confusões que se pretendem discutir aqui: "*São sufixos flexionais, ou desinências, que não devem se confundir com sufixos derivacionais, destinados a criar novos vocábulos*".

Parece-nos ter sido também (e talvez principalmente) essa a confusão que deu origem à maneira incoerente e equivocada por meio da qual o estudo do gênero do substantivo é exposto nas gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa.

Observa-se com bastante frequência a confusão entre a categoria gramatical e portanto lingüística - o gênero - e a categoria biológica e, portanto, extralingüística - o sexo. Embora o assunto tenha sua discussão aparentemente esgotada, ainda registram-se ocorrências do equívoco em recentes obras destinadas aos Ensinos Fundamental e Médio.

As reflexões acerca desses problemas de abordagem no estudo do gênero dos substantivos em Língua Portuguesa e, em especial, a tentativa de comprovação da inexistência do processo de flexão de gênero dos nomes substantivos em nossa língua constituem o corpo do trabalho monográfico que aqui se apresenta.

### DESENVOLVIMENTO

Iniciemos este estudo procurando definir claramente o que constitui o mecanismo lingüístico da flexão. Vejamos, então, o que nos diz J. Mattoso Câmara Jr. ao conceituar o referido termo em seu Dicionário de Lingüística e Gramática:

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

*"Processo de <<flectir>>, isto é, fazer variar um vocábulo para nele fazer expressar dadas **categorias gramaticais**." (grifos nossos)*

Observemos agora os seguintes pares: homem / mulher; gato / gata; boi / vaca; menino / menina; professor / professora; cão / cadela.

Como se pôde notar, o que temos são palavras diferentes, cujos significados são diferentes. Fato simples que, contudo, já vem nos provar que o processo do qual trataremos aqui não constitui meramente alteração gramatical, como seria o caso de bonito / bonita quando se diz *menino bonito* e *menina bonita*, onde semanticamente as palavras destacadas não sofrem qualquer alteração.

Além disso, vale lembrar que são os adjetivos, termos gramaticalmente determinados, que se modificam para concordarem com o substantivo, termo gramaticalmente determinante.

Os substantivos é que se chamam propriamente masculinos ou femininos, porque cada substantivo é classificado num ou noutro grupo; ao contrário, os adjetivos, com sua dupla terminação, são classificadores. Quando se diz a terminação masculina, ou a terminação feminina do adjetivo, indica-se, por esse meio, a terminação que o adjetivo adota para referir-se aos substantivos masculinos ou aos femininos. (Rocha Lima)

Isso significa que a flexão é um mecanismo de modificação formal sofrido pelos adjetivos para acompanhar gramaticalmente o substantivo.

A expressa variação formal de uma **mesma palavra** é o que, segundo José Carlos de Azeredo, caracteriza a flexão. É isso o que acontece, por exemplo, em amarelo / amarelos / amarela / amarelas; canto / cantas / canta / cantamos / cantais / cantam; mosquito / mosquitos etc. Pares como aluno / aluna; gato / gata não constituem meras variações formais da mesma palavra, sua alteração não se limita ao aspecto gramatical, são termos lexicais distintos.

José Carlos Azeredo nos chama a atenção ainda para o fato de que

o conceito de flexão é incompatível com a quantidade de 'exceções' observada na classe dos substantivos. Para muitos substantivos em -o não existe contraparte feminina em uso (mosquito, besouro, papagaio, lagarto (lagarta é inseto), veado, camundongo); em outros pares de nomes, a fêmea é designada por um lexema que nenhuma regra é capaz de produzir



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

(homem / mulher, carneiro / ovelha; cavalo / égua etc.).

Apesar disso, é comum lermos em nossas gramáticas que vaca é o feminino de boi. O mais coerente seria descrever, segundo orientação de Rocha Lima anteriormente transcrita, o nome vaca como um substantivo feminino e o nome boi como um substantivo masculino.

Observemos que mesmo não tratando do assunto sob a mesma ótica aqui apresentada, J. Mattoso Câmara Jr. já nos aponta para o equívoco ainda hoje presente nas salas de aula de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio:

Na descrição da flexão de gênero em português não há lugar para os chamados <<nomes que variam em gênero por heteronímia>>. O que há são substantivos primitivamente masculinos, e outros, a eles semanticamente relacionados, primitivamente femininos.

Não apenas os nomes que variam por heteronímia, mas todos os substantivos pertencem a um gênero que ordinariamente vem marcado nos dicionários de sua respectiva língua.

Em Língua Portuguesa, são masculinos os nomes aos quais se pode antepor o artigo o ou outro determinante masculino e são femininos os nomes aos quais se pode antepor o artigo a ou outro determinante feminino. Assim:

### NOMES MASCULINOS      NOMES FEMININOS

**o** livro

**sua** caneta

**aquele** caderno

**a** cadeira

**seu** irmão

**minha** prima

**lindo** homem

**boa** filha

Casos como boi / vaca, porco / porca nos apontam com muita clareza para o fato de que qualquer falante do Português se vale da oposição de **significado** entre macho e fêmea para identificar o gênero desses substantivos. Pode-se então dizer que, nesses últimos exemplos, o gênero, que é, como já vimos, uma classificação eminentemente gramatical, passa a ser motivado por uma distinção lexical e acaba por corresponder a essa distinção.

É por isso que o mestre Bechara, em sua Moderna Gramática

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

do Português, diz que "*esta determinação genérica não se manifesta no substantivo pelo processo de flexão*".

É inegável a existência de alguns pares de substantivos nos quais, aparentemente, se explicita a flexão de gênero: lobo / loba; garoto / garota; menino / menina; pato / pata; filho / filha. Mas a verdade é que, assim como ocorre nos pares heterônimos, o que motiva a inclusão num ou noutro grupo é a classe léxica.

A aproximação da função cumulativa derivada de -a como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em barca de barco, saca de saco, fruta de fruto, mata de mato, ribeira de ribeiro, etc., quanto em gata de gato, porque dá ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de distinguir uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie de gênero ao tema primário' [HCv.3,536n.38;HCv.4,21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão barco - barca e lobo - loba, a informação de que a oposição masculino - feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é a forma geral, não-marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer." (grifos nossos)

(BECHARA, Evanildo. *Gramática Moderna do Português*. p. 132)

O masculino, sendo o termo não-marcado da oposição, é o escolhido para designar a classe ou a espécie em sentido amplo: o brasileiro (o povo brasileiro); o trabalhador (a classe trabalhadora); o homem (a humanidade) etc.

Por outro lado, é o feminino utilizado para fazer referência uma infinidade de qualidades semânticas específicas. Assim, temos: barco - barca (barco grande); linho - linha (fio de linho ou, por extensão, de outro material); jarro - jarra (tipo específico de jarro); cerco - cerca (objeto construído para estabelecer o cerco); manto - manta (grande manto); caneco / caneca (tipo específico de caneco), lobo - loba (fêmea do animal chamado lobo).

A aplicação semântica vista nos pares acima faz com que esse e muitos outros possíveis exemplos não sejam considerados formas de uma flexão, mas palavras diferentes, marcadas pelo **processo de derivação**. Até porque, como já falamos aqui, a função semântica está fora do domínio da flexão.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Provavelmente, por analogia material ao processo de flexão sofrido pelos adjetivos é que os gramáticos puseram no mesmo plano pares de adjetivos (lindo / linda) e de substantivos (menino / menina).

Entendendo a formação do feminino nos substantivos em Língua Portuguesa como um processo derivacional, torna-se muito mais convincente a explicação do que ocorre com pares como abade / abadessa; ator / atriz; barão / baronesa; cão / cadela; czar / czarina; embaixador / embaixatriz; maestro / maestrina; galo / galinha, nos quais a indicação de gênero se dá por meio de sufixo derivacional.

Assim, imperador se caracteriza, não flexionalmente, pelo sufixo derivacional -dor, e imperatriz, analogamente, pelo sufixo derivacional -triz. Da mesma sorte galinha é um diminutivo de galo, que passa a designar as fêmeas em geral da espécie <<galo>>, como perdigão é um aumentativo limitado aos machos da <<perdiz>>. Dizer que -triz, -inha ou -ão são aí flexões de gênero é confundir flexão com derivação.

(MATTOSO, Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*, p. 89)

Dessa forma, as manifestações formais de indicação lingüística das diferenças semânticas referentes ao sexo dos seres animados podem ser duas: 1) a heteronímia, na qual palavras diferentes apontam para cada um dos sexos (boi / vaca; homem / mulher; pai / mãe; carneiro / ovelha etc.); 2) a mudança de **sufixo** (menino / menina; aluno / aluna; gato / gata, porco / porca etc.). Observe-se que falamos aqui em sufixos, uma vez que o termo desinência está intimamente relacionado ao processo flexional, no qual acrescentamos um elemento ao final de uma palavra para que ela concorde com outra, o que, por tudo que já foi visto, não é o caso dos substantivos.

Além dos dois tipos de manifestação formal, podem ainda ocorrer dois outros tipos de manifestação de substantivos em relação à designação de sexo: 1) Indiferença a essa designação com manutenção do gênero gramatical definido (a águia, o indivíduo, a vítima, a borboleta, a formiga, a criança, a pessoa, a criatura, a testemunha etc.); 2) Designação do sexo por meio da flexão genérica dos adjuntos (o agente / a agente; o artista / a artista; o dentista / a dentista; o jornalista / a jornalista; o indígena / a indígena; o gerente / a gerente; o mártir / a mártir; o jovem / a jovem etc.).

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

A análise histórica da língua nos faz observar o fato de que muitos nomes substantivos passaram a ter aplicações genéricas diferentes, ou seja, nomes que hoje são masculinos aparecem em registros históricos com aplicações femininas e vice-versa. Segundo Evânildo Bechara, essa mudança pode ser motivada por aproximações semânticas entre palavras (sinônimos e antônimos), influência da terminação, contexto léxico em que a palavra funciona ou ainda pela própria fantasia que moldura o universo do falante. Assim, para citar alguns exemplos, já foram femininos *fim*, *mar*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *fantasma*; e já foram masculinos nomes como *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *linguagem*, entre outros.

A inconsistência do gênero gramatical não se comprova apenas pela análise da história interna de uma língua. Se compararmos, por exemplo, a distribuição de gêneros de alguns substantivos em três línguas neolatinas diferentes (português, francês e espanhol), ficará evidente que a distinção genérica dos nomes substantivos não é motivada por fundamentos racionais, e sim pela tradição fixada pela norma e pelo uso. Substantivos como *sal* e *leite*, que são masculinos no português, no espanhol são femininos: *la sal* e *la leche*. A palavra *sangue*, masculina no português, tem uso feminino tanto no francês (*le sang*) como no espanhol (*la sangre*).

Sendo o gênero, de um modo geral, uma convenção histórica determinada pelo uso, torna-se mais fácil entender e explicar por que alguns substantivos, a depender da variedade lingüística na qual são postos em uso, apresentam aplicações genéricas diferentes. É o caso, por exemplo, de *cal* e *grama* (unidade de peso), cuja aplicação em linguagem coloquial e menos escolarizada é *quinhentas gramas* e *o cal é branco*, enquanto na linguagem formal prefere-se *quinhentos gramas* e *o cal é branca*.

## CONCLUSÃO

A própria definição lingüística do termo **flexão** já nos põe diante da contradição que é falar em mecanismo flexional na variação genérica dos substantivos em Língua Portuguesa.

Sendo a flexão um processo que expressa categorias gramaticais, fica patente a impossibilidade de encarar pares como *boi* / *vaca*

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

ou gato / gata, nos quais há evidente variação semântica, como formas de uma flexão genérica.

Até porque, não é aos nomes substantivos, gramaticalmente determinantes, que cabe a curvatura sugerida pelo termo flexão.

Os substantivos chamam-se propriamente masculinos ou femininos e assim devem ser inseridos num ou noutro grupo. Em Língua Portuguesa, são masculinos os nomes aos quais se pode antepor o artigo o ou outro determinante masculino e são femininos os nomes aos quais se pode antepor o artigo a ou outro determinante feminino.

Embora aparentemente alguns pares de nomes substantivos explicitem a flexão genérica (gato / gata; lobo / loba; aluno / aluna; menino / menina), deve-se ter a clareza de que a inclusão no grupo de substantivos masculinos ou no grupo de substantivos femininos depende diretamente da oposição semântica entre macho e fêmea.

Outros aspectos da realidade são expressos pela oposição masculino - feminino, sendo o masculino, termo não-marcado da oposição, escolhido para a designação da classe ou espécie em sentido amplo (o brasileiro - em referência ao povo brasileiro) e o feminino utilizado para expressar qualidades semânticas específicas (barca - barco grande; loba - fêmea do lobo).

Como se observa, a oposição masculino - feminino nos substantivos em língua portuguesa está tomada por referências semânticas e acaba por corresponder a elas. Assim, por essas e por tantas outras argumentações expostas no desenvolvimento deste trabalho monográfico, torna-se impossível considerar pares como lobo / loba; cão / cadela; galo / galinha; menino / menina; embaixador / embaixatriz formas de uma flexão, visto que se trata de palavras diferentes, com significados diferentes, marcadas por um **processo de derivação**.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

### BIBLIOGRAFIA

- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática do Português*. 37ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. . 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997
- MARTINS, Dileta Silveira & ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português Instrumental*. 20ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999
- SILVA, José Pereira da. *A Inexistência da Flexão de Gênero nos Substantivos da Língua Portuguesa* [s. d.]

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## COMPARANDO A LÍNGUA ESPANHOLA COM A LÍNGUA PORTUGUESA

*Jupira Maria Bravo Pimentel*

### I - INTRODUÇÃO

Comparar a língua espanhola com a língua portuguesa é um universo muito amplo, uma vez que se têm vários aspectos e abordagens para serem apontados e comentados.

Pensando nisso, é que se faz necessário delimitar o campo ao léxico que fará parte deste confronto, deste exame, a fim de conhecer algumas semelhanças e diferenças, ou mesmo relações entre as duas línguas.

Será cotejado o léxico da língua espanhola com o da língua portuguesa, no que diz respeito aos heterossemânticos e aos heterogênicos. É um universo de estudo bastante interessante, uma vez que ocorrem muitas confusões por parte dos falantes das duas línguas.

Na presente pesquisa, a comparação ocorreu através da análise de alguns livros didáticos, bem como de algumas gramáticas da língua espanhola, fazendo um paralelo com o vocabulário da língua portuguesa.

O presente estudo não tem a menor intenção de esgotar o assunto, porque é um breve exercício de examinar simultaneamente as línguas espanhola e portuguesa

### II. DESENVOLVIMENTO

#### 1. As Línguas

A língua é um organismo vivo que se modifica ao longo do tempo. Palavras novas surgem para expressar conceitos igualmente novos; outras deixam de ser utilizadas, sendo substituídas.

##### 1.1. Como surgiu o português?

A língua portuguesa origina-se do latim, que era a língua ofi-

## **Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02**

cial do antigo Império Romano. Podem se distinguir duas formas do latim: o latim clássico, que era empregado pelas\* pessoas cultas e pela classe dominante, e o latim vulgar, que era utilizado pelas pessoas do povo. O português origina-se do latim vulgar, que foi introduzido na Península Ibérica pelos conquistadores romanos.

O domínio cultural e político dos romanos na península permitiram que eles impusessem sua língua, que, entretanto, mesclou-se com os substratos lingüísticos lá existentes, dando origem a vários dialetos, genericamente chamados romanços. Esses dialetos foram, com o tempo, modificando-se até constituírem em novas línguas.

Dá-se o nome de neolatinas às línguas que provêm do latim vulgar. Entre elas, pode-se citar o espanhol, o francês, o italiano, o romeno e o português.

### **1.2. Como surgiu o espanhol?**

O castelhano é o idioma derivado do latim vulgar que se impôs na Espanha durante o processo de unificação, na luta contra a dominação dos árabes, luta esta que durou mais de sete séculos.

Na Espanha, além do castelhano, falam-se outros idiomas: o catalão, o galego, e o basco. A Constituição Espanhola de 1978 declara como língua oficial o castelhano. Por ser o idioma oficial de toda a Espanha, é também chamado de espanhol. Assim, a penetração da língua espanhola se foi impondo também como um fato consumado, sobrepondo-se a outras línguas do território.

É o idioma neolatino mais difundido no mundo e a língua oficial de mais de vinte nações.

### **1.3. O léxico do português**

Desde o século XVI, época da formação do português moderno, o português falado em Portugal manteve-se mais impermeável às contribuições lingüísticas externas. Já no Brasil, em decorrência do processo de formação de sua nacionalidade, está mais aberto às contribuições lingüísticas de outros povos. Assim, no português usado hoje no Brasil, pode-se perceber a influência de outras línguas. Do



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

contato com o índio incorporam-se palavras como: *cipó*, *mandioca* e etc.

A partir do processo de escravidão no Brasil, mesclam-se i-números vocábulos de línguas africanas, tais como: *quiabo*, *samba*, *vatapá* e etc.

Pode-se encontrar também no português atual, palavras provenientes de línguas estrangeiras modernas, tais como:

- a) do italiano: *pizza*, *espaguete*, etc.
- b) do francês: *champanhe*, *abajur*, etc.
- c) do inglês: *sanduíche*, *futebol*, etc.
- d) do espanhol: *borracha*, *capataz*, etc.

Desse modo, torna-se visível que a língua se modifica no tempo: palavras novas, das mais diversas origens, são incorporadas ao idioma e logo absorvidas pelos falantes, que passam a utilizá-las no seu processo diário de comunicação.

### 1.4. O léxico do espanhol

A maior parte das palavras que compõem a língua espanhola deriva do latim hispânico, como o português.

Além do latim, elementos de outras línguas intervieram na formação do espanhol, como do ibérico, língua desaparecida antes da romanização:

- a) do vasco: *esquerdo*, *pizarra* etc
- b) do grego: *banho*, *idéia* etc
- c) do germânico: *guerra*, *guardar* etc
- d) do árabe: *algodão*, *cifra* etc. Conviveu durante séculos na Península Ibérica.
- e) do francês: *ligeiro*, *selvagem*, etc. Especialmente durante a Idade Média, nos séculos XVII e XVIII.
- f) do italiano: *escolta*, *soneto*, etc. Especialmente durante o

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

Renascimento.

- g) do inglês: *computador, parque*, etc. Em especial nas últimas décadas.

Junto com o legado léxico que cada época herda do passado, todas as línguas ampliam suas necessidades na medida em que geram novas idéias e se descobrem novas realidades, novas experiências.

Para atender a tais necessidades expressivas ou comunicativas são necessárias novas palavras. Por isso, as línguas dispõem de certos recursos capazes de gerar novos termos.

Além disso, se os novos termos são tomados por outras línguas, se adaptando ao sistema morfológico, fonético e sintático da língua receptora antes de serem plenamente assimilados por esta, é porque eles se tornam novos vocábulos da língua receptora.

## 2. DIVERGÊNCIAS LEXICAIS ENTRE O ESPANHOL E O PORTUGUÊS

O ato de comparação é realizado pelo ser humano a todo instante, quando se deseja estabelecer um confronto entre diversos aspectos de um mesmo assunto.

Quando se fala em comparar, vem à mente a idéia de se estabelecer simultaneamente semelhanças e diferenças, a fim de que se possa conhecer, examinar o assunto em questão.

### 2.1. Os heterossemânticos

São vocábulos que, apesar de terem semelhança gráfica, têm significados diferentes em espanhol e em português:

| <u>Espanhol</u> | <u>Português</u> | <u>Exemplos:</u>                                  |
|-----------------|------------------|---|
| Apellido        | sobrenome        | Mi nombre es María y mi <b>apellido</b> es Souza. |
| Apurado         | apressado        | Estoy <b>apurado</b> para llegar a la oficina.    |
| Arrestar        | prender          | La policía quiere <b>arrestar</b> al ladrón.      |

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

|                           |               |  |
|---------------------------|---------------|--|
| Berro<br>con tomate.      | agrião        | A mí me gusta la ensalada de <b>berro</b>          |
| Borrar                    | apagar        | El alumno está <b>borrando</b> el cuaderno.        |
| Brincar<br>pedras.        | saltar        | Los niños están <b>brincando</b> sobre las         |
| Calzada<br><b>zada.</b>   | pista da rua  | En la calle los coches andan por la <b>cal-</b>    |
| Cachorro                  | filhote       | Aquella perra ha tenido dos <b>cachorros</b> .     |
| Cena<br>te.               | jantar        | Mi abuela suele servir la <b>cena</b> a las siete. |
| Clausurar                 | interditar    | Esta calle será <b>clausurada</b> para reparos.    |
| Coche                     | carro         | Mi papá compró un <b>coche</b> nuevo.              |
| Competencia<br>muy grande | concorrência  | La <b>competencia</b> para el empleo es            |
| Contestar                 | responder     | Yo he <b>contestado</b> a mi profesor.             |
| Copo                      | floco         | Comemos <b>copos</b> de maíz todos los días.       |
| Cuello                    | pescoço       | Mi <b>cuello</b> está ornado con un collar.        |
| Chorizo                   | linguiça      | A mí me gusta <b>chorizo</b> de carne vacuna.      |
| Distinto                  | diferente     | Yo soy <b>distinto</b> de las otras personas.      |
| Embarazada                | grávida       | Mi prima está <b>embarazada</b> .                  |
| Enojar                    | aborrecer     | Mi hermano está <b>enojado</b> .                   |
| Escoba                    | vassoura      | El brujo tiene una <b>escoba</b> .                 |
| Escenario                 | palco         | Los niños están en el <b>escenario</b> .           |
| Escritorio                | escrivantina  | En la sala hay un <b>escritorio</b> .              |
| Exquisito<br><b>sita.</b> | refinado      | La comida de mi abuela es muy <b>exqui-</b>        |
| Hormigón                  | concreto      | La casa necesita de <b>hormigón</b> .              |
| Jubilación                | aposentadoria | El vecino está <b>jubilado</b> del empleo.         |

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

|                   |                   |   |
|-------------------|-------------------|---|
| Ladrillo          | tijolo            | Las paredes son hechas con <b>ladrillo</b> .  |
| Largo             | comprido          | Mi cabello es <b>largo</b> .                  |
| Lograr<br>bajo.   | conseguir         | El hombre ha <b>logrado</b> éxito en el tra-  |
| Oficina           | escritorio        | Yo voy a la <b>oficina</b> trabajar.          |
| Palco             | camarote          | Los teatros tienen <b>camarotes</b> .         |
| Pronto            | logo, brevemente  | Pablo saldrá <b>pronto</b> para ir al cine.   |
| Rato              | momento           | Espere un <b>ratito</b> , por favor.          |
| Rojo              | vermelho          | Nuestra <b>sangre</b> es roja.                |
| Rubio             | loiro             | El pelo de mi hija es <b>rubio</b> .          |
| Salsa             | molho             | A mí me gusta pollo con <b>salsa</b> .        |
| Sitio             | local             | Me encuentre en este <b>sitio</b> , Carlos.   |
| Sótano            | porão             | En mi casa hay un <b>sótano</b> .             |
| Taller<br>cerca   | oficina           | El mecánico trabaja en un <b>taller</b> aquí  |
| Taza              | xícara            | José toma café en un <b>pocillo</b> .         |
| Tirar             | lançar,jogar fora | Esos niños <b>tiran</b> papeles al suelo.     |
| Todavía<br>rirse. | ainda             | Mi abuela <b>todavía</b> es joven para mo-    |
| Vaso              | copo              | Me gustaría beber un <b>vaso</b> de refresco. |
| Zurdo             | canhoto           | Mi hijo, Víctor, es <b>zurdo</b> .            |

### 2.2. Os heterogênicos

São vocábulos que apresentam variação de gênero entre o espanhol e o português.

#### 2.2.1. Espanhol - Português

Masculino

Feminino

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

|                |                |
|----------------|----------------|
| El árbol       | a árvore       |
| El color       | a cor          |
| El desorden    | a desordem     |
| El estante     | a estante      |
| El estreno     | a estréia      |
| El fraude      | a fraude       |
| El origen      | a origem       |
| El puente      | a ponte        |
| El aprendizaje | a aprendizagem |
| El coraje      | a coragem      |
| El homenaje    | a homenagem    |
| El lenguaje    | a linguagem    |
| El mensaje     | a mensagem     |
| El paisaje     | a paisagem     |
| El pasaje      | a passagem     |
| El viaje       | a viagem       |

### 2.2.2. Espanhol - Português

| <u>Feminino</u> | <u>Masculino</u> |
|-----------------|------------------|
| la cárcel       | o cárcere        |
| la estratagema  | o estratagema    |
| la labor        | o labor          |
| la leche        | o leite          |
| la miel         | o mel            |
| la nariz        | o nariz          |
| la paradoja     | o paradoxo       |

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

|              |             |
|--------------|-------------|
| la protesta  | o protesto  |
| la risa      | riso        |
| la sal       | o sal       |
| la sangre    | o sangue    |
| la señal     | o sinal     |
| la sonrisa   | o sorriso   |
| la costumbre | o costume   |
| la cumbre    | o cume      |
| la legumbre  | o legume    |
| la vislumbre | o vislumbre |

### III- CONCLUSÃO

Tanto o espanhol como o português compartilham a mesma fonte principal: o latim, embora tenham sofrido influências de outras línguas.

O professor Alfredo Maceira Rodríguez, em sua pesquisa intitulada *Contribuição do espanhol ao léxico do português*, analisa a situação das duas línguas, dizendo: "...ambas as línguas receberam um bom número de vocábulos de origem árabe introduzidos nestas línguas devido à sua longa permanência na península e a diversos contatos, militares ou comerciais, que ocorreram entre o mundo mulçumano e o peninsular". Por isso que ambas têm um léxico tão comum, causando muitas vezes confusão nos falantes das referidas línguas.

Os heterossemânticos refletem esta situação tão singular de confusão, uma vez que há palavras que podem induzir ao estudante brasileiro a uma compreensão equivocada de sua significação, os quais têm grafia igual, ou quase igual, a palavras do português, mas com significados diferentes.

No que tange aos heterogênicos, a dificuldade lexical está centrada na oposição dos gêneros de uma língua com a outra, fazendo com que o processo comunicativo fique prejudicado, uma vez que

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

causa estranheza para o falante da língua portuguesa.

Esta é, realmente, uma breve pesquisa, porque o assunto é abrangente e necessita de um estudo mais detalhado para que se possam evidenciar as relações de semelhança e de diferença entre a língua espanhola e a língua portuguesa, procurando-se minorar as frequentes confusões entre elas.

Comparar é fascinante, porque é através deste ato que o homem progride intelectual e moralmente.

### IV – BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*.- 37.ed. ver.e ampl. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. – 12.ed. – Rio de Janeiro : FAE, 1992.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1994.

J. GARCÍA, María de los Ángeles. *Español sin fronteras: curso de lengua española*. – São Paulo : Scipione, 1996.

SARMIENTO Ramón y SÁNCHEZ Aquilino. *Gramática básica del español: norma u uso*. – 3.ed. SGEL, 1991.

SARMIENTO Ramón y SÁNCHEZ Aquilino. *Gramática básica del español: norma y uso*. – 3.ed. SGEL, 1991.

SOUZA, Jair de Oliveira. *Español para brasileños*. – São Paulo : FTD, 1997.

TERRA, Ernani. *Curso prático de língua, literatura e redação*. – São Paulo : Scipione, 1997.

[www.filologia.org.br/revista](http://www.filologia.org.br/revista)

## CONSTITUINTES IMEDIATOS

Jaline Pinto da Silva

### INTRODUÇÃO

As pesquisas lingüísticas têm passado por uma série de transformações ao longo do tempo, embora esta ciência ainda seja relativamente nova, comparada aos estudos da gramaticologia.

É mister ressaltar que as inovações da Lingüística muito podem contribuir para uma boa descrição da Língua Portuguesa, uma vez que é capaz de apresentar novas visões cientificamente comprovadas, que podem solucionar muitos problemas que a gramática normativa não consegue resolver ou explicitar de forma coerente. E é a partir dessa visão, que o presente trabalho tem por objetivo mostrar os processos e as contribuições que os constituintes imediatos estão trazendo para a análise sintática e morfológica do português.

### I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### *1.1 Definição e exemplos de constituintes imediatos*

A *a priori*, faz-se necessário definir o que é constituinte imediato. Segundo CRYSTAL em seu dicionário de Lingüística e Fonética:

Constituinte imediato é o termo usado na análise gramatical, com referência às divisões que podem ser efetuadas dentro de uma construção sintática, em qualquer nível. (p. 63, 1988)

Tal dicionário apresenta o seguinte exemplo para análise: *Os meninos estão dormindo*. Nesta sentença, os constituintes imediatos seriam *os meninos* e *estão dormindo*, os quais, por sua vez, poderiam ser analisados em constituintes imediatos também (*os + meninos, estão + dormindo*); o processo continua até que se atinjam constituintes irreduzíveis. O mesmo autor supracitado ressalta em sua definição que este tipo de análise teve muito destaque na lingüística estruturalista de Bloomfield.

Mattoso Câmara Jr, já em seu tempo, na década de 50, também trabalhava com o conceito de constituintes imediatos. Em seu dicionário, no verbete “constituintes”, Mattoso chama a atenção para



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

esse fenômeno, citando que os constituintes imediatos resultam da adição, união, de unidades formais para constituírem uma unidade lingüística complexa ou superior. Assim está descrito em seu dicionário:

Constituintes: nome que se dá na lingüística descritiva moderna aos elementos formais que constituem uma forma lingüística complexa. São depreendidos pela análise, e esta só cessa quando se chega aos constituintes imediatos, isto é, que se articulam sem intermédio de outros.” (p. 83: 1981)

Neste mesmo verbete tem-se o exemplo da palavra *lobas*, onde se pode afirmar que este vocábulo é uma unidade complexa porque resulta da combinação de um radical com seu significado lexical mais a marca de feminino que é o a mais a marca de plural mediante o pluralizador s. Vale lembrar que o –s não é plural, é o resultado da combinação.

Outro exemplo citado por Mattoso é o caso da seqüência de dois adjetivos: “*olhos femininos encantadores*”. De acordo com a nossa língua, esses dois adjetivos só podem aparecer numa seqüência coordenada. Coordenada sindética: *femininos e encantadores* ou assindética: *femininos, encantadores* separados por pausa. No entanto, no exemplo apresentado não há pausa. Explica-se este fato da seguinte maneira: havia uma unidade que inicialmente era a união de dois elementos formais. Constituída esta unidade, *encantadores* entrou no sintagma depois que este estava resolvido complexamente. Desta forma, *olhos femininos* enquanto uma única unidade, pôde ser acompanhada pelo adjetivo *encantadores*. E como este entrou em segundo lugar, ele está menos coeso em relação ao substantivo *olhos* do que *femininos*. Essa coesão diminuída permite que *encantadores* possa vir no início: “*encantadores olhos femininos*”. Contudo, em relação a *olhos* não se pode dizer: “*femininos olhos encantadores*”, uma vez que esta seqüência quebraria o sintagma.

Citando este mesmo verbete em uma palestra na Academia Brasileira de Letras, Bechara correlaciona o exemplo supracitado com a seqüência: “a atual situação política”, onde se têm dois adjetivos. O sintagma complexo inicial era *situação política* e a esse sintagma, acrescentou-se outro adjetivo sem pausa, menos coeso que é *atual*, permitindo se dizer: *a atual situação política* ou *a situação política atual*. Jamais, a situação atual política, uma vez que se esta-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

ria rompendo semântica e sintaticamente o sintagma complexo *situação política*.

KARONE em seus estudos morfosintáticos, define a análise em constituintes imediatos da seguinte forma:

Consiste esta análise em fazer cortes sucessivos no texto considerado. A cada corte, obtêm-se duas partes, os constituintes imediatos da unidade submetida à análise naquele momento.” (p. 77: 2000)

A definição supracitada vem seguida dos seguintes exemplos:

1. Algumas reses mais sedentas lambiam a terra úmida.
2. Elas mugiam.

A segunda oração mostra com clareza o lugar do corte analítico, que só pode ser para separar os dois termos: elas / mugiam.

Já a primeira sentença poderia suscitar alguma dúvida, como esta: se o sujeito é tão importante quanto o predicado, visto que até concordam, o primeiro corte deveria separar um elemento complementar: algumas reses mais sedentas lambiam / a terra úmida.

Mas a comutação (troca de uma unidade por outra que possa ocupar o mesmo ponto na cadeia sintagmática) de cada parte com os constituintes imediatos da segunda oração, que não deixam margem a dúvidas, evidencia o desacerto desse corte:

- *elas* a terra úmida
- algumas reses mais sedentas lambiam *mugiam*

Os dois produtos são gramaticalmente inaceitáveis. O corte correto vai propiciar construções aceitáveis:

- elas lambiam a terra úmida.
- Algumas reses mais sedentas mugiam.

Continuando o processo de comutação, vão-se definindo os constituintes imediatos em outros níveis, e as partes assim obtidas vão sendo sucessivamente submetidas à análise.

PERINI, cujos estudos sobre a gramática têm se apoiado nas contribuições e evoluções da Lingüística dos últimos anos, assim de-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

fine constituintes: “ (...) certos grupos de unidades que fazem parte de seqüências maiores, mas que mostram certo grau de coesão entre eles.” (p. 44: 2000)

Para ilustrar tal conceito, tem-se o seguinte exemplo:

- A casa de Lulu é azul e branca.

Diante desta sentença, os falantes “sentem” que a casa de Lulu forma uma unidade, o que não se verifica com Lulu é azul. Dizemos então que a casa de Lulu é um constituinte e que Lulu é azul (na frase citada) não é um constituinte.

A idéia é que as frases são formadas de constituintes, muitas vezes uns dentro dos outros. Assim, a frase acima poderia ser analisada, entre outros, os constituintes seguintes:

*a casa de Lulu é azul e branca*

*a casa de Lulu*

*casa de Lulu*

*azul e branca*

*é azul e branca etc*

Note-se que certos constituintes estão dentro de outros: o constituinte *a casa de Lulu* está dentro do constituinte *a casa de Lulu é azul e branca*, e o constituinte *azul e branca* está dentro do constituinte *é azul e branca*, que por sua vez está dentro de *a casa de Lulu é azul e branca*. Note-se ainda que a frase completa é também um constituinte.

Vale ressaltar que na gramática gerativa, usa-se a expressão: “sentença constituinte” com referência a uma sentença encaixada, que acontece quando uma sentença subjacente foi introduzida em uma outra sentença(matriz). Por exemplo, na frase *O gato sentado no capacho miou*, a oração *sentado no capacho* seria inserida na sentença matriz *O gato miou*, através de uma transformação apropriada, e se tornaria uma sentença constituinte.

Embora o parágrafo acima dê uma conotação diferente ao emprego de constituinte, pode-se afirmar, que diante das definições apresentadas, que há uma regularidade no que se refere ao conceito de

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

constituintes imediatos. Linguístas e gramáticos atuais têm uma mesma visão do assunto, no sentido de que a análise em constituintes é um traço relevante de qualquer sistema gramatical. E é desta importância que se tratará no próximo capítulo.

### 1.2. A hierarquia dos constituintes imediatos

Segundo Perini, a oração se estrutura de uma maneira hierárquica, isto é, contém constituintes que, por sua vez, contêm outros constituintes. É preciso levar esse fato em conta ao se fazer a análise. Por exemplo:

\* Meus tios arranjaram um bebê demasiadamente barulhento.

Pode-se fazer os seguintes cortes:

[meus tios] - [arranjaram] – [um bebê demasiadamente barulhento]

Esses são os constituintes imediatos da oração; cada um deles terá uma função especial (essas funções se denominam, na ordem: sujeito, predicado e objeto direto).

Vale ressaltar que alguns desses constituintes têm, por sua vez, uma estrutura interna sintaticamente caracterizável. Assim, meus vizinhos se divide em *meus* e *vizinhos* e cada uma dessas palavras tem sua função sintática dentro do sintagma meus vizinhos. O constituinte *arranjaram* é sintaticamente simples, por ser formado de uma única palavra, e portanto não pode ser mais analisado em termos sintáticos, no entanto, pode sê-lo em termos morfológicos. O constituinte *um bebê demasiadamente barulhento*, por sua vez, é complexo, e precisa ser analisado. Há um determinante (um); um núcleo do sintagma nominal (bebê) e um modificador (demasiadamente barulhento). Finalmente, o constituinte que funciona como modificador desse sintagma, *demasiadamente barulhento*, ainda pode ser analisado sintaticamente. Pode-se dividi-lo em: um intensificador (demasiadamente) e um núcleo do sintagma (barulhento).

Esta estruturação hierárquica pode ser representada por árvores, pela caixa de Hockett, por barras verticais, parênteses, colchetes, sempre em número progressivo, acompanhando a seriação dos cortes.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### III. A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE EM CONSTITUINTES IMEDIATOS

#### 3.1. *Vocábulo: uma superposição de blocos binários*

Como se ilustrou no capítulo anterior, a análise em constituintes imediatos mostra que a frase não é uma simples sucessão de vocábulos, mas uma superposição de camadas binárias, uma vez que todos os cortes realizados segmentam os blocos em dois elementos.

Essa análise prossegue ao nível do vocábulo, mostrando que este não é uma seqüência de morfemas, mas uma superposição de blocos binários. KEHDI exemplifica esta assertiva a partir do substantivo *formalização*.

A segmentação morfemática revela os morfemas constitutivos desse vocábulo e faz com que se pense que o referido vocábulo é uma mera seqüência de morfemas:

*Form (a)*     *-al*                     *-iz*                     *-a*                     *-ção*

Contudo, como o sufixo *-ção* exprime ação ou resultado da ação, só pode agregar-se a uma forma verbal; na verdade, o sufixo foi anexado ao verbo *formalizar* (após a eliminação do *-r* do infinitivo.)

Por sua vez, os verbos em *-izar* são normalmente formados a partir de bases adjetivas: *formal + izar*.

Finalmente, o adjetivo *formal* constitui-se do substantivo *forma* + o sufixo *-al*.

Percebe-se assim, que o vocábulo em questão se constitui pela superposição de camadas representadas, cada uma, por um elemento *nuclear (radical)* e um elemento *periférico (afixo/desinência)*. Os dois elementos de cada camada são os constituintes imediatos. Dessa forma, o vocábulo não é interpretado como uma sucessão de morfemas e sim, como uma superposição de blocos de constituintes imediatos.

Há uma dupla vantagem nessa técnica descritiva. Por um lado, evita-se atribuir aos morfemas o mesmo grau de aderência com relação aos morfemas antecedentes e conseqüentes, o que acarretaria descrições longas e não correspondentes à estrutura real do vocábulo. Por outro lado, a análise em constituintes imediatos, permite-nos, por

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

exemplo, considerar *formalização* como um derivado sufixal e não como um derivado trissufixal, dada a presença de três sufixos: -al, -iz e -ção.

Outra vantagem oferecida pela análise em constituintes imediatos é que cada camada depreendida pode ser discutida nas partes da gramática em que as formações similares foram tratadas.

BECHARA, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, enfatiza também esta importância de ser feita a análise por constituintes imediatos na morfologia, a fim de solucionar problemas com os derivados tidos como parassintéticos. Tal justificativa é explicitada através do vocábulo *descobrimento*. Este vocábulo cria um problema aparente de classificação porque é composto por prefixo e sufixo. E tê-los ao mesmo tempo complica a teoria lingüística, já que uma das características da linguagem é a sua linearidade, ou seja, os elementos lingüísticos se colocam passo a passo, não entram ao mesmo tempo na construção da palavra. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não se deve enquadrá-lo no grupo das palavras parassintéticas, uma vez que (considerando *des + cobri + mento*): trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *-ment (o)*. Em suma: Quando se pergunta a uma pessoa o que é descobrimento, obtém-se a resposta: “É o ato de descobrir”. Desta forma, quando se diz que descobrimento é o ato de descobrir, o elemento lingüístico que traduz a idéia de ato é o sufixo *-mento*. Assim, chega-se a conclusão de que *descobrir* já estava incorporado no radical, portanto, não recebe prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, não é um vocábulo parassintético.

Nesta mesma gramática supracitada há ainda outros exemplos semelhantes ao vocábulo *descobrimento*, tal como, *desrespeitosamente*, onde os constituintes imediatos são *desrespeitosa* por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit*, este último radical primário ou raiz.

Desta forma, a partir dos constituintes imediatos, Bechara justifica o fato de não haver a parassíntese. Basta que se parta do princípio que numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual\* *farmacolar*, da mesma forma se explica *perfeitá-*

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

vel, cuja forma primitiva virtual é \*pfeitar.

### 3.2. *Procedimentos para a depreensão dos constituintes imediatos ao nível do vocábulo*

Eugene A. Nida, em sua obra *Morphology*, apresenta de forma clara, ordenada e operatória, procedimentos para a depreensão dos constituintes imediatos ao nível do vocábulo. Assim como o Bechara, Valter Kehdi aplica esses mesmos princípios usando exemplos em português.

Princípio 1: “*As divisões deveriam amoldar-se às relações significativas*”

O princípio acima pode ser discutido, levando-se em conta, por exemplo, o adjetivo desgostoso. Neste caso, o sentido é, indiscutivelmente, “cheio de desgosto”, o que remete à segmentação desgosto + os, trata-se, portanto de um derivado sufixal.

Princípio 2: “*As divisões são feitas na base da substituição de unidades maiores por unidades menores pertencentes à mesma classe de distribuição externa ou a uma classe diferente.*”

Foi esse o princípio utilizado na divisão inicial do vocábulo *formalização* já citado. A comparação com *cassação* e *constituição* revelou o caráter de bloco de formaliza-

Princípio 3: “*As divisões deveriam ser tão poucas quanto possível*”

Por este princípio o autor defende as partições binárias. Um vocábulo deve ser inicialmente dividido em dois constituintes imediatos, cada um desses será dividido em mais dois outros e assim sucessivamente. Desta forma, cada camada será constituída de dois constituintes imediatos; um nuclear e outro periférico. Só excepcionalmente poderão ser aceitas divisões ternárias.

Princípio 4: “*As divisões deveriam ser corroboradas pela estrutura total da língua*”.

Trata-se, este, do princípio mais difícil de se aplicar, pois pressupõe conhecimento prévio das várias estruturas do idioma. Por

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

exemplo, o adjetivo *desrespeitoso*.

Pelo princípio 1, poderia-se segmenta-lo em *des* + *respeitoso* (= não *respeitoso*), caso de derivação prefixal. A possibilidade de interpretar-lo como “quem tem *desrespeito*” conduz à segmentação *des-respeito* + *oso*, derivação sufixal.

Aparentemente, há aspectos formais que confirmam as duas divisões: o prefixo *des-* prende-se, normalmente, a adjetivos (*respeitoso*), e o sufixo *-oso* agrega-se a substantivos (*desrespeito*).

No entanto, se a segmentação for até ao fim, se constatará que uma das possibilidades é mais interessante. No primeiro momento: *des* + *respeitoso*

Num segundo momento: *respeito* + *oso*

Um exame atento de cada uma das camadas pode revelar que o sufixo *des-* aparece ligado a um adjetivo, o que é normal em português; o sufixo *-oso*, por sua vez, segue-se ao substantivo *respeito*, o que também é freqüente em nossa língua.

Com relação à segunda possibilidade: *resrespeito* + *oso*, o segundo momento nos conduz a: *des* + *respeito*. Ocorre que, aqui, o prefixo *des-* está ligado a um substantivo, o que é excepcional em português (raros são os exemplos como *descaso*, *desfavor*).

Assim sendo, a primeira solução está mais de acordo com a estrutura total de nossa língua. Nesse caso, é preferível considerar *desrespeitoso* como um derivado prefixal.

Princípio 5: “*No mais, não havendo diferença, uma divisão em constituintes imediatos tem precedência sobre uma divisão em constituintes imediatos descontínuos.*”

Embora sejam mais freqüentes os exemplos de constituintes imediatos contínuos, não são raros, em português, os casos de constituintes descontínuos, isto é, não contíguos.

Segundo Valter Kedhi, nos verbos parassintéticos, o prefixo e o sufixo estão em relação de solidariedade formal e semântica, e constituem, portanto, um exemplo de constituintes descontínuos, separados pelo radical; não só não se pode excluir o prefixo ou o sufixo, como, via de regra, o sentido do prefixo exprime a idéia de mo-



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

vimento, direção, em reforço da noção frequentativa do sufixo.

### IV. CONCLUSÃO

Conclui-se que os constituintes imediatos podem ser definidos como sendo os morfemas constitutivos de uma forma complexa, articulados sem intermédio de outros. Nessa perspectiva, o vocábulo é analisado como uma superposição de camadas binárias, constituídas de um elemento nuclear, chamado radical, e um periférico, podendo ser um afixo, uma desinência ou vogal temática.

Vale ressaltar que esta técnica de análise em constituintes imediatos é aplicável também à frase, como se ilustrou no decorrer do presente trabalho, não se restringindo, portanto, somente ao âmbito da morfologia, mas também ao ramo da sintaxe.

### V. BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2001.

———. *Constituintes imediatos* in [www.filologia.org.br/academia](http://www.filologia.org.br/academia)

CAMARA, J. Mattoso Jr. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 10<sup>a</sup> ed. Petrópolis : Vozes, 1981.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1985.

KARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo : Ática, 2000.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo : Ática, 1990.

PERINI, Mário. *Gramática Descritiva do Português*. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo : Ática, 2000.

**A DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA  
UM DESAFIO PARA OS ESTUDIOSOS  
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

*José Roberto de Castro Gonçalves*

**Desde que não podia dar presentes, eu  
dava belas palavras. (Ovídio)**

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho visa a estudar o Processo de Formação de Palavras, priorizando a Derivação Parassintética.

Iniciamos o estudo no segundo capítulo, buscando o conceito dado à derivação parassintética por alguns professores: Evanildo Bechara, Celso Cunha, Margarida Basílio, Flávia de Barros Carone e Valter Kehdi. Após o levantamento dos conceitos, fizemos um aprofundamento, seguindo a abordagem da Margarida Basílio.

Antes de enfatizarmos o tema proposto, achamos imprescindível elaborarmos um capítulo, onde estivéssemos enfocando os *Constituintes Imediatos*, que seriam o pré-requisito, para a abordagem da derivação parassintética.

A partir desse enfoque, fomentaremos no quarto e quinto capítulos a discussão da derivação parassintética ou circunfixação, mostrando a importância do elemento semântico na caracterização desse estudo.

**DEFINIÇÃO DE PARASSÍNTESE OU CIRCUNFIXAÇÃO**

Com o intuito de fazer um estudo das concepções, as quais os autores consideram sobre a derivação parassintética, propusemos neste capítulo, abordar os conceitos de alguns estudiosos, referentes ao assunto:

1. Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de parassíntese, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado. Para outros, o processo consiste na entrada simultânea de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo. (BECHARA, p. 343)

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

2. Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se *parassintéticos*, palavra derivada do grego *pará* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A *parassíntese* é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação: *a-doç-ar* → *en-tard-ecer*, *a-munhec-ar* → *en-velh-ecer*. (CUNHA, p. 119)

3. Damos o nome de derivação parassintética ao processo de formação de palavras que consiste na adição simultânea de prefixo e sufixo a uma base para a formação de uma palavra. (BASÍLIO, p. 43)

4. A parassíntese, denominação que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) aboliu, embora o fenômeno exista e persista: é a derivação simultaneamente prefixal e sufixal. Prefixo e sufixo teriam certa semelhança com significantes descontínuos, que se articulam a uma base em um mesmo momento. (CARONE, p. 41)

5. Processo não consignado pela NGB, a parassíntese ou derivação parassintética, muito comum em português, consiste na adjunção simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical, de forma que a exclusão de um ou de outro resulta numa forma inaceitável na língua. Tomemos, como exemplo, o verbo esclarecer; não existe o adjetivo esclare, nem o verbo clarecer. (KEHDI, p. 17)

Como saber se uma determinada construção envolvendo prefixo e sufixo é um caso de derivação parassintética ou não?

BASÍLIO afirma que, tradicionalmente, o reconhecimento se faz pela possibilidade ou não de se extrair um dos afixos da construção e ter como resultado uma palavra da língua. Havendo a possibilidade, a construção não seria considerada parassintética.

Mais especificamente, dada uma palavra que apresente prefixo e sufixo em sua construção, dizemos que esta palavra é um caso de derivação parassintética se, ao suprimirmos qualquer dos afixos, obtivermos uma forma não existente na língua.

A base do procedimento é clara: se ao suprimirmos qualquer dos afixos o resultado é uma forma não-existente, isso indica que a construção não pode ter sido feita pelo simples acréscimo de um afixo a uma base já afixada; afinal, ninguém forma palavra adicionando um afixo a uma forma que não existe.

Por exemplo, dizemos que *desalmado* é uma formação parassintética porque não temos em português *desalma* ou *almado*. Ora, se

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

não temos *desalma*, é claro que não podemos dizer que *desalmado* é formado pelo acréscimo do sufixo *-ado* à base *desalma*. Do mesmo modo, se não temos *almado*, não podemos dizer que *desalmado* é formado pelo acréscimo do prefixo *des-* a *almado*. Mas podemos dizer que *desalmado* é formado pelo acréscimo simultâneo do prefixo *des-* e do sufixo *-ado* ao substantivo *alma*, ou seja, *desalmado* é um caso de derivação parassintética.

A partir da explicação, BASÍLIO conceitua a *derivação parassintética* como sendo um processo complexo de formação, não só morfologicamente, mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e/ou semântica do sufixo. Essa complexidade é bastante nítida em casos como *desalmado*, onde a função de *-ado*, que caracteriza um ser como possuidor virtual do que é expresso na base, é contrariada pela função semântica do prefixo *des-*, resultando da combinação o sentido “sem alma” para o adjetivo.

BASÍLIO informa ainda, que o procedimento tradicional de reconhecimento de formações parassintéticas é insuficiente por tratar apenas de uma das faces da questão, a da possibilidade de formação.

De fato, é correto dizer que temos uma formação com acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo quando vemos que é impossível ter esta formação com acréscimo de afixos em dois níveis, conforme verificamos no caso de *desalmado*.

No entanto, isso não justifica que limitemos a esses casos a derivação parassintética. Na verdade, a derivação parassintética não é necessariamente ligada à existência ou não de formas prefixadas ou sufixadas.

### CONSTITUENTES IMEDIATOS

Segundo BECHARA, em análise mórfica é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* +

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

mento); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment(o)*.

KEHDI afirma que um vocábulo deve ser inicialmente dividido em dois constituintes imediatos; cada um dos constituintes imediatos será dividido em mais dois outros e assim sucessivamente.

Cada camada será, dessa forma, constituída de dois constituintes imediatos, um nuclear e outro periférico.

Só excepcionalmente poderão ser aceitas divisões ternárias. Em português, os verbos parassintéticos são formados de três constituintes imediatos simultâneos: *aclarar* = *a* + *clar(o)* + *ar*.

Esse traço distingue-os dos vocábulos cujos prefixos e sufixos não estão em relação de simultaneidade, como em:

*injustiça* = *injust(o)* + *iça* ou *in* + *justiça*

Embora sejam mais freqüentes os exemplos de constituintes imediatos contínuos, não são raros, em português, os casos de constituintes imediatos descontínuos, isto é, não contíguos.

Nos verbos parassintéticos, o prefixo e o sufixo estão em relação de solidariedade formal e semântica, e constituem, portanto, um exemplo de constituintes imediatos descontínuos, separados pelo radical; não só não podemos excluir o prefixo ou o sufixo, como, via de regra, o sentido do prefixo é dinâmico, reforçando, dessa forma, o sentido do sufixo: em *apedrejar* (*a* + *pedr(a)* + *ejar*), o prefixo exprime a idéia de movimento, direção, em reforço da noção freqüentativa do sufixo.

### A PARASSÍNTESE OU CIRCUNFIXAÇÃO

A profa. Flávia de Barros *Carone* considera que há na parassíntese um problema não resolvido, pois seria necessário estabelecer duas subcategorias: os parassintéticos que se formam com prefixo e sufixo (*enternecer*, *esclarecer*, *amanhecer*) e os que se formam apenas com prefixo e desinências verbais (*engavetar*, *esburacar*, *aclarar*). Considerar a existência de sufixo no segundo grupo exigiria uma redefinição de sufixo que englobasse os morfemas flexionais do verbo; mas as gramáticas costumam sempre diferenciar sufixo derivativo de

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

vogal temática e desinências (morfemas flexionais). Por outro lado, se optarmos por uma distinção entre duas subcategorias, será necessário redefinir a própria parassíntese, com base apenas no fator simultaneidade.

Como lembra Valter *Kehdi* certos verbos (e outros vocábulos) constituídos de prefixo + radical + sufixo não apresentam simultaneidade dos afixos: *reflorescer* (compare com *florescer*); *injustiça* (compare com *injusto/justiça*). A classificação desses vocábulos como derivados prefixais ou sufixais baseia-se numa análise em constituintes imediatos.

Não há necessidade de distinguir formas como *esclarecer* e *aclarar*, com o argumento de que, na segunda, não figura um sufixo. Na realidade, as únicas flexões possíveis para o adjetivo *claro*, radical de *aclarar*, são: *claro / clara / claros / claras*.

A terminação *-ar*, de valor verbal, está contribuindo para que a palavra *claro* mude da classe dos adjetivos para a dos verbos, ou seja, está desempenhando um papel sufixal; uma das funções do sufixo é contribuir para a mudança da classe gramatical do radical. Assim, tanto *esclarecer* como *aclarar* são exemplos de verbos parassintéticos. O sufixo *-ec(er)*, de *esclarecer*, tem valor meramente aspectual (incoativo/causativo) e não interfere na caracterização do processo de formação do verbo.

Geralmente, os prefixos que figuram nos parassintéticos têm um sentido dinâmico: *embarcar* (*em-*: movimento para dentro), *desfolhar* (*des-*: ato de separar); o que explica o fato de a maioria desses derivados serem verbos. Contudo, podemos encontrar, ainda que raramente, substantivos/adjetivos parassintéticos: é o caso de *subterrâneo* (considerando que *subterra* e *terrâneo* são formas inexistentes), bem como de *contrerrâneo*, *desalmado* etc.

Normalmente, os nomes deverbais não são parassintéticos, ainda que os verbos de que procedem o sejam: *esclarecimento* e *esclarecedor* são derivados sufixais.

Freqüentemente o caráter parassintético de um verbo só se revela quando levamos em conta o subsistema de que ele faz parte. Apresentamos, a seguir, alguns casos que ilustram essa afirmação.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Há exemplos curiosos de verbos cujo radical é um adjetivo que exprime cor, e que, aparentemente, não seriam parassintéticos: *amarelar*, *azular*. Todavia, se considerarmos o subsistema dos verbos formados por esses adjetivos, verificaremos que são, na maioria, parassintéticos: *acinzentar*, *alaranjar*, *arroxear*, *avermelhar*, etc...

Ora, nesses verbos mencionados ocorre o prefixo *a-*. Como os adjetivos *amarelo* e *azul* começam pela vogal *a-*, podemos admitir que houve a crase desse *a-* inicial do radical com o prefixo *a-*: *aamarelar* → *amarelar*.

A regra fonológica da crase é comum na morfologia portuguesa, como mostram os exemplos: normal (de norma + al), gostoso (de gosto + oso) etc.

Portanto, parece-nos plausível considerar os verbos *amarelar* e *azular* como parassintéticos, em função das duas observações acima.

Entretanto, queremos assinalar que se trata de uma hipótese, uma proposta, visto que há verbos derivados de adjetivos que indicam cor que não são parassintéticos: *branquejar*, *verdejar*, etc.

Assim também devem ser classificados verbos como *requentar* e *reverdecer*, embora nossos dicionários registrem as formas *quentar* e *verdecer*, o que poderia dar-nos a impressão de que as primeiras formas são derivadas por prefixação.

Alguns verbos de base adjetival, antecidos do prefixo *re-*, são parassintéticos: *refinar*, *refrescar*, *reloucar* (dada a inexistência de formas como *finar* (*de fino*), *frescar*, *loucar*). Esse subsistema permite-nos concluir que *requentar* e *reverdecer* são formados a partir dos adjetivos *quente* e *verde*: *re* + *quente* + *ar/re* + *verde* + *ecer*, em paralelismo com os demais verbos mencionados.

KEHDI afirma que o exame do subsistema pode também revelar que um determinado vocábulo, aparentemente formado por parassíntese, é, na verdade, um derivado prefixal. Tome-se, por exemplo, o adjetivo *inquebrantável*. A inexistência de *quebrantável* e *inquebrantar* tem conduzido alguns a considerar *inquebrantável* como parassintético. No entanto, a ocorrência de *inquebrável*, *indesejável*, *impensável*, em que o prefixo se atrela ao adjetivo, e não ao verbo (*inquebrar*, *indesejar*, *impensar*), mostra-nos que esses adjetivos são

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

todos derivados prefixais.

Para ilustrar o que foi relatado, o prof. *Ismael de Lima Coutinho* esclarece que as formas parassintéticas podem ser *nominais* e *verbais*.

Os parassintéticos nominais são constituídos por nomes, substantivos ou adjetivos: *alinhamento*, *embarcação*, *desalmado*, *enterramento*, *tresmoitado*, *alentejano*.

Os parassintéticos verbais são representados por verbos da primeira e segunda conjugação: *embarcar*, *abraçar*, *pernoitar*, *reparar*, *transbordar*, *envernizar*, *esfriar*, *empoçar*, *exorbitar*, *enterrar*, *anoitecer*, *envelhecer*, *entardecer*, *embravecer*, *enraivecer*, *esclarecer*.

Segundo a prof<sup>a</sup> *Margarida Basílio* o que caracteriza a derivação parassintética não é a presença ou ocorrência simultânea de prefixo e sufixo junto à base, mas a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação. Assim, nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintéticas.

### O FATOR SEMÂNTICO

Como lembra BASÍLIO, o problema de como reconhecer uma derivação parassintética através da abordagem tradicional não daria conta do significado da formação. A conclusão disso é que temos de levar em conta na análise o fator semântico.

Isto é, quando a supressão de um afixo nos deixa como resultado uma palavra existente na língua, temos ainda que verificar se o significado da construção global corresponde à função semântica do afixo retirado com a base resultante. Se isso não ocorrer, a forma poderá ser considerada como derivação parassintética.

Considerem, ao lado de “*desalmado*”, formas como *desdentado*, *descerebrado*, *desempregado*, *desabrigado*, etc.

O adjetivo *desdentado* significa “sem dente”; é, portanto, semanticamente paralelo a *desalmado*. Há uma diferença entre os dois casos, no entanto: existe o verbo *desdentar* em português. Assim,



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

normalmente não se considera desdentado como derivação parassintética, mas como sendo o particípio passado do verbo desdentar.

BASÍLIO afirma que essa análise, não é adequada, visto que o sentido de desdentado é, sobretudo, “sem dente” ou “falho de dentes”, e não “paciente do ato de desdentar”. A diferença fica patente nas frases abaixo:

- a) João é *desdentado*.
- b) O soco de Pedro deixou João *desdentado*.
- c) João foi *desdentado* por Pedro.

Em *a*, afirmamos que João não tem dentes; em *b*, que o soco de Pedro o deixou sem dentes. Só em *c* teríamos em *desdentado* uma relação com o ato de desdentar; e exatamente neste caso a frase é de aceitação duvidosa. Porém, mesmo admitindo que *c* pode ser uma frase aceitável para alguns, ainda assim temos que dar conta das duas possibilidades de interpretação, o que só será feito se admitirmos que desdentado tem duas formações: uma parassintética, em que temos a admissão simultânea de *des-* e *-ado* ao substantivo *dente*, para expressar o sentido adjetivo “sem dente”; e uma em dois níveis, em que temos o acréscimo de *-do*, caracterizador de particípio passado, à base do verbo desdentar.

O mesmo tipo de raciocínio se aplica nos demais exemplos, como *desempregado*, *desabrigado*, *descerebrado*, etc, o que mostra que podemos ter derivações parassintéticas mesmo em casos em que a supressão de um afixo teria como resultado uma palavra da língua. Essa possibilidade, entretanto, não é contemplada em gramáticas normativas ou descrições morfológicas.

Segundo KEHDI, outro caso interessante é o de verbos que apresentam duas formas, uma com prefixo comum na formação de parassintéticos e outra sem o referido prefixo: alargar – largar, embandeirar – bandeirar, respigar – espigar

Naturalmente, a ausência do prefixo na segunda forma levamos a pôr em dúvida o traço de parassíntese dos verbos da primeira coluna.

É importante assinalar que, num grupo de derivados, deve ha-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

ver relações não só formais, mas também semânticas.

Examinando os três pares de verbos mencionados, observamos que os membros de cada par apresentam uma relação apenas formal. Do ponto de vista semântico, as relações são vagas ou, até, imperceptíveis:

alargar – “tornar largo”

largar – “soltar”

embandeirar – “ornar com bandeiras”

bandeirar – “organizar bandeira, ser bandeirante”

respigar – “recolher as espigas”

espigar – “criar espiga (o milho, o trigo)”

Assim sendo, o elemento comum aos membros de cada par é apenas o radical:

largar – formado de larg(o) + ar

alargar – formado de a + larg(o) + ar

embandeirar – formado de em + bandeira + ar

(bandeirar – formado de bandeira + ar)

respigar – formado de re + espiga + ar

(espigar – formado de espiga + ar)

Portanto, KEHDI afirma que os verbos *alargar*, *embandeirar* e *respigar* são parassintéticos. A omissão do prefixo implicaria um significado diferente para cada um desses verbos; para o sentido que apresentam, o prefixo é indispensável.

Essas considerações e exemplos levam-nos a atribuir ao elemento semântico um papel também importante na caracterização da parassíntese.

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## CONCLUSÃO

Podemos concluir que a derivação parassintética distingue-se da derivação prefixal e sufixal porque o prefixo e o sufixo são acrescentados a um só tempo ao morfema lexical, constituindo, portanto, um único morfema gramatical, de caráter descontínuo. Observamos a diferença entre: *feliz – infeliz – felizmente – infelizmente e tarde – tardecer – entarde – entardecer*; no primeiro conjunto, todos os vocábulos são atualizados em português, enquanto no segundo, o nome *entarde* e o verbo *tardecer* não são lexicalizados, portanto *entardecer* decorre de afixação simultânea.

As observações apresentadas nesta monografia, permitem-nos mostrar que a parassíntese não pode ser conceituada com base exclusiva na simultaneidade dos afixos; o exame de subsistemas, bem como a análise do aspecto semântico, são, também, critérios indispensáveis para a caracterização desse processo de formação vocabular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo : Ática, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro : Lucerna, 2001.
- CÂMARA Júnior, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Referente à Língua Portuguesa. 14<sup>a</sup> ed. Petrópolis : Vozes, 1988.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo : Ática, 1997.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7<sup>a</sup> ed. rev. Rio de Janeiro : Ao livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : FAE, 1986.
- KEHDI, Valter. *Formação de Palavras em Português*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo : Ática, 1990.

## ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS DAS PALAVRAS

*Patrícia Miranda Medeiros*

### INTRODUÇÃO

A palavra possui aspectos expressivos que estão ligados a componentes semânticos e morfológicos, os quais não estão completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais. Tomaremos com mais ênfase neste trabalho o caráter semântico da palavra, levando em consideração os demais aspectos, que são de grande importância para o entendimento da palavra em determinado contexto.

Ao lado disso, a palavra sofre alterações semânticas determinadas pelos inúmeros contextos nos quais são empregados. Tais alterações são causadas por variados fatores, entre eles a metáfora e metonímia, as quais estaremos abordando neste trabalho.

Para analisar as alterações semânticas metafóricas e metonímicas, usaremos como *corpus* da pesquisa a linguagem publicitária que constitui um recurso rico na elaboração de enunciados largamente utilizados para atrair o receptor - consumidor. Tais recursos são artifícios que têm como intenção principal encantar através da fantasia e da elaboração de uma imagem mental.

### LÍNGUA E PALAVRA – ORGANISMOS VIVOS

A Língua é um organismo vivo, e por isso, sofre transformações através dos tempos, as transformações são frutos do convívio social, onde as palavras sofrem mudanças de sentidos, determinadas pelo meio. Como fruto social, a língua, assim como as relações econômicas e políticas, individualiza as pessoas, isolando-as em grupos. Uma coisa é certa, todos adquirem uma língua enquadrada nos moldes da língua culta/padrão ou familiar/ coloquial e, até mesmo, as duas. Neste caso, o indivíduo tem a possibilidade de escolher entre a língua culta ou coloquial, dependendo do ambiente.

Dentro desse contexto, está a escolha das palavras. Há grupos com vasto e variado vocabulário (jurídico, financeiro, literário, etc) e outros com vocabulário limitado, causado, talvez, pela falta de aces-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

so à leitura, que constitui um meio rico na aquisição de novos vocabulários. Cabe ressaltar que não estamos aqui com intuito de fazer uma crítica social, mas de demonstrar que apesar das diferenças e variações lingüísticas, há condição para comunicação, pois mesmo havendo certo distanciamento lingüístico os indivíduos de classes diferentes são capazes de se entenderem. Portanto, fazendo uso correto da norma culta ou usando a linguagem coloquial, há comunicação. Este é um dos aspectos que torna a língua rica, pois além das diferenças causadas através do tempo, existe a diferença sócio-cultural, o que não impede uma real comunicação entre os grupos.

Para exemplificar a riqueza das significações de uma palavra citaremos trechos da pesquisa feita por Letícia Miranda Medeiros e Lígia Moraes de Matos, (MEDEIROS, 2001) em que a palavra cabeça e boca são usadas nos mais diferentes contextos e significações. As autoras tiveram como base de consulta o Dicionário Brasileiro de Fraseologia.

No trecho: “Não repare nas minhas tolices. Estou hoje sem cabeça” encontramos a expressão estar sem cabeça. Não significa, é claro que uma pessoa está sem a parte superior que fica acima do pescoço, e sim, que está sem vigor para fazer qualquer coisa. O cérebro fica na cabeça, portanto, estar sem cabeça quer dizer não se achar em condições de pensar, raciocinar...

Na frase : “ ... Se algum dia te volto a apanhar com a boca na botija ...” (Tomás de Figueiredo, Nô Cego), encontramos a expressão com a boca na botija. Segundo o dicionário Aurélio a palavra botija é um vaso cilíndrico, de boca estreita, gargalo curto e pequena asa. Porém, a expressão acima quer enfatizar alguém pegado no flagrante e não uma pessoa que esteja com a boca no objeto chamado botija....

A expressão botar a boca no mundo tem um sentido figurado, conotativo muito forte. Não quer dizer que alguém irá colocar a boca (literalmente) no mundo inteiro. Podemos analisá-la como alguém que faz gritaria, produz alarido, propaga boato ou mentira, reclama. Portanto, da mesma forma, é usar as palavras para propagar uma mensagem.

Ademais, a palavra evoca as condições socioculturais dos falantes, exemplo: policial/ polícia, resíduo/resto, redigir/escrever<sup>1</sup> entre outros, o primeiro de cada par refere-se à forma culta, o segundo ao uso mais coloquial.

---

<sup>1</sup> Exemplos retirados do livro *Introdução à Estilística* de Nilce Sant'Anna Martins (o. p. cit. p. 63)

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

Além das diferentes variações de uso das palavras, existe a variação de sentido, que está intrinsecamente ligada ao uso em determinado contexto. Tatiana Slama-Czacu na obra *Lenguaje y contexto*<sup>2</sup> define palavra como:

signo sonoro, que contém um núcleo significativo, que se atualiza e se completa pelo seu aparecimento em um conjunto de linguagem concreta. As palavras exprimem a realidade justamente porque podem moldar ou completar o significado conforme a situação.

Como vimos, as palavras podem adquirir novos sentidos quando usadas em diferentes situações. Além disso, segundo a autora,

A língua oferece amplas possibilidades de continuar criando, para as mesmas palavras, novos significados. As notas particulares, casuais, em geral desaparecem depois de seu emprego concreto e momentâneo, mas, quando o sentido novo corresponde a uma necessidade de expressão mais extensa, pode penetrar no vocabulário e finalmente tornar-se essencial para todos.

E é assim que as palavras com seus mais variados sentidos vão surgindo sendo amplamente utilizadas pelos usuários da língua.

Mas qual seria a definição de palavra? Em um texto, as palavras são facilmente percebidas na língua escrita pelos espaços em branco ou pontuação que ocorrem entre uma e outra.

Convém ressaltar que, levando em consideração o aspecto morfológico Valter kedhi (*op. cit.* p. 10)) menciona que a palavra, segundo a NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira, é considerada, foneticamente, como constituída de fonemas e sílabas e provida ou não de tonicidade, dentro desse aspecto é denominada *vocábulo*. E do ponto de vista semântico a denominamos *palavra*. Estaremos, neste trabalho, utilizando a denominação *palavra*, pois ressaltaremos os recursos semânticos.

Além do mais, a palavra recebe outras designações dependendo do ponto de vista em que está sendo analisada. Na sintaxe, a palavra é denominada *termo*. Exemplo, na oração “O livro foi editado no ano 2000”, “livro” é o termo da oração que exerce função de núcleo do sujeito.

---

<sup>2</sup>Citação retirada do livro *Introdução à Estilística* de Nilce Sant’Anna Martins (o. p. cit. p. 77 e78)

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Cabe ressaltar que a palavra, às vezes, não coincide com o vocábulo, pois pode acontecer de duas palavras terem o mesmo vocábulo fonológico. Exemplo: “Falta *cavá-lo*”, este exemplo na língua falada pode causar dúvidas quanto ao sentido da palavra, pois o mesmo vocábulo fonológico pode referir-se à uma palavra: substantivo masculino cavalo ou duas palavras: verbo cavar mais o pronome oblíquo “lo”.

Por causa dessa particularidade, na morfologia usa-se duas designações, palavra ou vocábulo. A denominação “palavra” é utilizada quando esta apresenta significação lexical.

É necessário notar que as palavras assumem uma conotação especial causadas, dentre outros motivos, pelo emprego metafórico ou metonímico e são largamente utilizadas tanto na língua culta, quanto na língua coloquial. As metáforas populares, exemplo: “Ela é uma *gata*” (*gata* = metáfora de mulher bonita), tão freqüentes na gíria, são menos surpreendentes e se repetem até se desgastarem, já as metáforas dos artistas são originais, imprevistas e não se repetem. “O amor é *fogo* que arde sem se ver” (Camões). O importante é saber que as alterações semânticas das palavras ocorrem determinados pelo contexto e pelo uso nas mais diferentes classes sociais.

### METÁFORA E METONÍMIA: CONCEITO E USO

As relações entre palavras numa língua, segundo Ullmann (1997), podem ser estabelecidas entre dois nomes, entre dois sentidos ou entre nomes e sentidos ao mesmo tempo. Existem as alterações causadas por relações de semelhança de sentidos e por contigüidade de sentidos.

Nas mudanças semânticas por semelhanças de sentidos, **metáfora**, há uma associação mental, objetiva ou subjetiva entre os significados. As mudanças objetivas são baseadas em semelhanças na aparência, exemplo: “Pizza *maracanã* - sentido de muito grande”; ou de função: “*Matar* a fome” – com função de acabar com, eliminar.

Já as mudanças subjetivas, geram inúmeras metáforas sensoriais. Exemplo, “Música *doce*”, “Idéias *luminosas*” Existe também a transferência de sentido, de domínio conceitual relativo ao homem,

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

“*Pé da montanha*”, “*Pulmão da cidade*”, “*Boca da garrafa*”, entre outros, e domínio conceitual referente a animais, exemplo, “Ele fez um *gato*”, gato no sentido de desvio de energia. “Ele é um *gato*” A palavra gato refere-se a homem bonito.

As alterações por contiguidade de sentidos, a **metonímia**, refere-se a elementos dos mais diversos planos conceituais, uma aproximação entre o significado de uma palavra e uma parte do significado de outra palavra, dos quais citaremos alguns.

- a) criador pelo produto, “*Ler Machado de Assis*”,
- b) objeto pela pessoa que o possui, “Ele é o *câmara*” – indivíduo que opera o equipamento.
- c) marca pelo objeto, “*Comprei a gilete*”, lâmina de barbear.
- d) a parte pelo todo ou o todo pela parte. “Ele não tem um *teto*” – uma casa.
- e) tempo ou lugar pelas pessoas que se acham no tempo ou lugar, “*A nação americana sofreu um atentado*” – componentes da nação
- f) o continente pelo conteúdo ou vice-versa, “*Comi dois pratos*” – o conteúdo do prato.
- g) A matéria pelo objeto, “*compro ouro*” – cordão, anel, pulseira de ouro.
- h) Lugar pelo produto ou características ou vice-versa, “*Estamos em greve*”, *Place de la Greve* foi o local da primeira reunião onde foi decidida a manifestação.
- i) Abstrato pelo concreto, “*Pratique a caridade*”, ou seja, atos de caridade.
- j) O sinal, ou símbolo, pela coisa significada ou vice-versa, “*Ele abdicou o trono*”, deixou de ser rei.

A metáfora e metonímia são recursos estilísticos usados para dar elegância e criar imagens em um texto escrito ou falado. Neste caso, a palavra desenvolve, a par de seu sentido original, novos valores semânticos.



# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## LINGUAGEM PUBLICITÁRIA E RECURSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS

Na linguagem Publicitária são usados vários recursos para persuadir o consumidor, assim como a figura, as cores, a linguagem figurada, etc. Estaremos analisando os anúncios que contêm os recursos semânticos de metáfora e/ou metonímia, para que possamos perceber o quando tais recursos ajudam na persuasão do receptor – consumidor.

Partiremos da definição de ‘Linguagem’ como sistema de sinais empregados pelo homem para comunicar suas idéias e pensamentos; a transmissão do pensamento por meio da palavra ou de qualquer outro meio de exprimir o que sente e o que pensa. E ‘Publicidade’, o termo referente à vulgarização, divulgação e à propaganda por anúncios, cartazes, reclamos etc. No presente trabalho, selecionamos algumas propagandas vinculadas na “Revista Veja”, “Revista Domingo”, parte integrante do “Jornal do Brasil”, e também “Jornal O Globo”.

Queremos explicar que daremos ênfase à frase principal da propaganda, que possui metáfora e/ou metonímia, deixando de lado os textos explicativos que porventura aparecerem nos anúncios.

Estaremos dispendo em anexo somente as três primeiras propagandas analisadas, pois as figuras exercem um papel muito importante na interpretação do texto do anúncio.

1 – O banco “Santander” veiculou uma propaganda com a figura de dois pares de pés, um par de adulto e um par de um bebê, com o texto **Toca aqui. Aqui tem um dedinho do Santander, trazendo mais confiança para você.** Na palavra “dedinho” há uma relação metonímica de concreto pelo abstrato em que o banco Santander exerce certa influência, dando o apoio necessário. O banco oferece uma estabilidade, assim como é sugerida na figura, em que o pai exerce uma relação de confiança com o bebê fazendo com que este desenvolva sua auto-confiança para começar a andar.

2 – O anúncio da “Nationwide Marítima”, Veja, 28 de novembro de 2001, tem como texto principal: **Se é assim que o leão vê seus investimentos, está na hora de correr para os Investimentos e Aposentadorias da Nationwide Marítima.** Junto ao texto aparece

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

a figura de uma carne vermelha, que irá completar a idéia do texto: o leão vê os investimentos como carne. Sabemos que o Imposto de Renda tem como imagem símbolo a figura do leão, por ter este animal a boca grande e abocanhar com rapidez e voracidade o máximo de alimento possível ao mesmo tempo, da mesma forma, as características do leão se assemelha numa relação de similaridade com o Imposto de renda, sendo temido por muito. Temos, nesse caso, o leão metaforizado.

3 – A propaganda dos colchões “Simmons” veiculados na Revista “Veja” em 20 de junho de 2001. Possui como texto principal **Acorde no primeiro mundo**. “Primeiro mundo” está metaforizado seguindo uma relação de similaridade com os Estados Unidos da América, pois a bandeira do país serve de pano de fundo para o anúncio. É feita uma comparação implícita com a qualidade de vida dos países do primeiro mundo com a qualidade do produto anunciado.

4 – Na propaganda da Churrascaria “Oásis” (Revista Domingo, 12 de agosto, 2001) na qual aparece a figura de um par de sapatos de couro com uma etiqueta especificando o preço, R\$ 380,00 e como texto principal, **Por muito menos, você pode ter as partes mais nobres deste boi**. Neste texto percebemos uma relação de contiguidade e, portanto, uma metonímia, em que há uma relação de parte pelo todo. Do boi utilizamos a carne e o couro, no texto “as partes mais nobres” referem-se à carne bovina.

5 – No anúncio **Se você quer uma revelação na hora, fique sabendo que a De Plá faz em minutos**. (Revista Domingo, 12 de agosto, 2001) Temos uma relação metonímica quando cita o nome da empresa pelos funcionários que nela trabalham fazendo a revelação das fotos.

6 – A ótica “Bausch & Lomb” vinculou na “Especial Mulher” da Revista “Veja” no dia 12 de Dezembro de 2001 uma propaganda formada pela disposição de cinco (5) tipos de bilhetes de sedução. Em cada papel há um texto dos quais citaremos quatro (4) por conterem relações metonímicas, que é a proposta do nosso trabalho. 1- “*Tô de olho nesses olhos azuis*”. Nesta frase há uso de linguagem coloquial pois se refere a um ambiente informal. “Olhos azuis” é uma metonímia que sugere uma relação de parte pelo todo, no caso os olhos são partes integrantes de uma mulher. 2- “*Acho que já vi esse*

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

*par de olhos verdes em algum lugar. Felipe (no balcão)*". Mais uma vez há metonímia, com relação de contiguidade entre parte pelo todo, "par de olhos verdes" refere à uma mulher com olhos verdes. 3- "*Oi. Qual o telefone desses olhos cor de mel? Beto*" Há uma metonímia com relação de parte pelo todo, onde olhos cor de mel refere-se à uma mulher. 4- "*Eu sabia que gatinhas angorás de olho cinza só saem à noite. Rogério*" Temos nesse caso uma metáfora, onde "gatinhas angorás de olhos cinza" é uma comparação implícita, com relação de similaridade entre o termo "gatinhas" e as mulheres.

7 – A Varig lançou o serviço de entrega de encomendas e anunciou, na Revista Veja em 19 de Dezembro de 2001, uma propagando que continha o texto **Agora você não precisa mais pedir ajuda para sua encomenda chegar na hora. Chegou Velog. Sua encomenda voando Varig.** Há uma relação metafórica em "voando Varig", pois Varig sugere a rapidez da entrega da encomenda através de um dos meios de transporte mais rápidos, o avião. Se nos atermos a relação de marca pelo objeto, no caso, nome da empresa pelo avião, teremos uma relação metonímica.

8 – A "Nossa Caixa" do Estado de São Paulo vinculou um anúncio, na Revista Veja, 26 de setembro de 2001, com o seguinte texto: **Deixe sua vida mais colorida. É primavera na Nossa caixa**" O termo "colorida" está metaforizado com sentido de mais alegre, mais feliz. O mesmo acontece com o termo "primavera" que, no texto, tem sentido de alegria proporcionada pelas flores e, ao mesmo tempo, significa prévia dos lucros, pois as flores precedem os frutos na colheita, e o banco Nossa Caixa deseja que seus clientes poupem para mais tarde verem os lucros dos investimentos.<sup>3</sup>

9 – No Jornal O Globo, 9 de dezembro de 2001- caderno de Economia p. 41, o carro Audi foi exposto numa propaganda com o texto : **"Se tem que ficar preso no trânsito, exija uma cela especial."** Os termos "preso" e "cela" são metáforas significando respectivamente, parado e o carro anunciado, que oferece muito conforto.

10 – A propaganda do Red Bull com o texto: **"Crise de energia? Red Bull te dá aasas."** foi anunciado na Revista Veja, 23 de

---

<sup>3</sup> "Primavera" também designa comemoração de aniversário, podendo significar mais um ano de vida do "Nossa Caixa"

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

maio de 2001. Temos aí a contextualização com a problemática da crise de energia do Brasil, porém o anúncio refere-se à falta de energia física, pois a bebida anunciada é um composto energético. No texto, “Red Bull” é uma metonímia de nome do produto pela bebida anunciada e “te dá aasas” é uma metáfora de alegria, liberdade, força o que está intrinsecamente ligado ao conteúdo do produto que é energético.

11 – A Revista Veja, 1<sup>o</sup> de agosto de 2001, vinculou a propaganda do cartão “Membership Rewards” em uma parceria com a TAM (empresa aérea) com o texto: **Se viajar já deixa qualquer um de alto-astral, viajar sem pagar a passagem vai deixar você nas nuvens.** O termo “nas nuvens” está metaforizado com sentido de deixar o consumidor muito feliz e satisfeito, pois são oferecidas passagens de avião num programa de recompensas pelo uso do cartão.

12 – A “Todeschini” na Revista Veja Rio, 12 de setembro de 2001. Apresentou seus produtos, móveis de quarto e cozinha, com o texto: **Todeschini O coração da casa.** O termo “coração” está metaforizado com sentido de parte mais importante, pois o coração, além do cérebro, é o que dá vida ao corpo. No anúncio os produtos Todeschini têm o intuito de deixar a casa mais bonita, com mais vida.

13 – O Vinho “Vini Portugal” anunciou, na Revista Veja Rio, 19 de dezembro de 2001, o seu produto com o texto: **Suave, cheiroso e gostoso. Estamos falando do vinho** Junto ao texto, aparece a imagem do rosto de um rapaz. Associado à imagem, as palavras “cheiroso e gostoso” ficam metaforizadas, dando um duplo sentido, referindo na primeira leitura ao rapaz, caracterizando-o, e também ao vinho português, que é o produto anunciado.

14 – A revista “Arquitetura e Construção” colocou um anúncio na Revista Veja Rio, 2 de junho de 2001, com o texto: **A revista que dá mãos a sua obra.** O termo “dá mãos” é uma metonímia com relação de concreto pelo abstrato, no sentido de oferecer ajuda e idéias inovadoras.

15 – A “Bigfral” anunciou seu produto na revista Veja, 21 de novembro de 2001, com o texto: **Bigfral Plus você só troca por Bigfral Plus.** Bigfral constitui uma metonímia com relação de nome do produto pelo produto, no caso do anúncio, nome do produto, Big-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

fral Plus, pelo produto, a fralda.

16 – A revista Veja, 26 de setembro de 2001, vinculou a propaganda do atum “Pescador” com o texto: **Nada mais saudável do que o mar. Atum é gostoso. É Pescador.** Os termos “mar” e “Pescador” exercem relação metonímica. “Mar” possui uma relação de todo pela parte, no caso do anúncio, o mar pelo o que ele possui, o atum. “Pescador” tem uma relação de produtor pelo produto, ou seja, nome da fábrica, “Pescador”, pelo que ela oferece, o atum.

17 – A IG, internet grátis, vinculou na Revista Veja, 3 de outubro de 2001, um anúncio com o texto: **No 2º lugar em audiência, o iG está se achando um gato.** Junto ao texto aparece a figura de um gato branco. “Gato” está metaforizado com sentido de esperto, pois apesar do 2º lugar, ainda exerce grande influência entre os usuários da internet.

18 – Na revista Veja, 3 de outubro de 2001 foi anunciado a propaganda da Band-Aid com o texto: **O lado ruim da vida é que os momentos mais gostosos passam rápido. O lado bom é que os esfolados também.** O anúncio é formado a partir de um paralelismo comparando o lado bom e o ruim. A palavra “esfolados” é metáfora de momentos ruins, dolorosos.

19 – A “Itautec” junto a “Intel inside” anunciou na Revista Veja, 28 de novembro de 2001., o computador “Transglobe” com o texto: **Desta torre , você comanda o seu futuro.** A palavra “torre” é uma metonímia com relação de parte pelo todo, pois como sabemos, a torre refere-se ao HD que é o local onde são processados todos os programas e onde ficam os arquivos, com isso a torre do computador, que é a parte mais importante, é usado para referir-se a todo o computador composto pela tela, teclado, etc.<sup>4</sup>

20 – Na revista veja, 28 de novembro de 2001. O Jornal do Brasil vinculou um anúncio com o texto: **Melhor a gente dando fu-**

---

<sup>4</sup> A palavra “torre” pode ser considerado uma metáfora se associarmos a torre com os castelos dos reis que possuíam torres, nesse caso, tem sentido de poder. Podemos fazer, também, uma contextualização com o fato trágico de 11 de setembro de 2001, em que as torres gêmeas, situadas em Nova York, que representavam a força econômica do Estados Unidos, foram alvo de um ataque terrorista. Com a queda das torres a economia mundial foi abalada.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

**ros do que você.** “Furos” é uma metáfora com relação de similaridade, com sentido de cometer um erro, uma gafe.

Como podemos perceber, a linguagem figurada enriquece o texto publicitário, provocando reflexões, fazendo comparações, produzindo uma imagem mental que despertam o interesse do consumidor. Muitas das vezes, a metáfora e metonímia são tão usadas e comuns que o leitor não se dá conta do recurso usado. A comparação implícita já está tão enraizada que passa despercebida, sendo facilmente identificadas as mudanças semânticas da palavra.

### CONCLUSÃO

A Língua Portuguesa possui recursos ricos no que consiste as variações lingüísticas, que são determinadas pelo meio em que é utilizada. Junto a isso, estão as palavras, com seus aspectos expressivos semânticos e morfológicos, que desenvolvem variados sentidos, estando intimamente ligadas com o contexto em que são usadas.

Como vimos a linguagem figurada é largamente utilizada tanto nos textos literários, como na linguagem coloquial. A metáfora e a metonímia constituem um recurso importantíssimo na comparação implícita entre termos e na criação de imagens mentais. A linguagem publicitária utiliza os recursos metafóricos e metonímicos para chamar a atenção do receptor–consumidor, com intuito de divertir, fazer refletir e principalmente de persuadir.

Enfim, a língua, que é um instrumento social, vive em constante mudança, acompanhando o desenvolvimento da sociedade que a utiliza como meio de comunicação. A publicidade, assim como os demais usuários da Língua Portuguesa, utiliza as alterações semânticas das palavras para se comunicarem, tirando delas novos valores expressivos.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Milton José. *O texto na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo : Ática, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro : Lucerna, 2001.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley . *Semântica*. 7ª ed. São Paulo : Ática, 1995.

KEDHI, Valter. *Morfemas do Português*. 3ª ed. Série Princípios. São Paulo : Ática.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual* 3ª ed. São Paulo : Contexto, 1991.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. 3ª ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1996.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 2ª ed. São Paulo : T. A. Queiroz, 1997.

MEDEIROS, Letícia Miranda & MATOS, Lígia Moraes de. *Estudo das Expressões com as palavras “cabeça” e “boca”*. Rio de Janeiro : Cifefil, 2000

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed. Trad. J.ª Osório Mateus. Lisboa : Calouste Gulbenkian, 1977.

## COMPOSIÇÃO POR PREFIXAÇÃO OU DERIVAÇÃO PREFIXAL?

Flavia Maia Bomfim

### 1. INTRODUÇÃO

Esse presente trabalho está ligado ao processo de formação de palavras na Língua Portuguesa e vem com o objetivo de discutir um problema que, por muitas vezes, passa despercebido pelas nossas gramáticas: será a prefixação um processo de composição ou de derivação. Quando abordado esta questão não aparece sempre na mesma seção nas gramáticas atuais, umas vezes aparece na parte da Morfologia, outras vezes, na Etimologia. Na Morfologia, por uma questão mais clara, por se tratar do estudo da forma das palavras e convencionalmente é aí que se reflete a estrutura e os processos de formação de palavras. Na Etimologia, por ser aí que se explica a origem dos termos, pois o maior problema na questão a se tratar é considerar ou não o vocábulo autônomo (e primitivo) na língua vernácula.

Para se fazer essa reflexão, procuraram-se os dados em gramáticas tanto de Ensino Médio, para saber o que se passa aos alunos, como de autores conceituados estudados em faculdades. Comparamos as duas visões e percebemos as polêmicas que vamos tentar aqui não esclarecê-las, mas refletir sobre elas:

A fundamentação, de raízes históricas, esteava-se no fato de os prefixos serem antigos advérbios e preposições latinas e constituírem formas gramaticais autônomas. Numa terminologia mais recente, dir-se-ia que os prefixos são antigas formas livres que, por um processo de gramaticalização, tornaram-se formas presas em português. (CAVALIERE, Ricardo Savola. *Fonologia e Morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói: EdUFF, 2000., p. 308)

Vejamos outra opinião:

Mas os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras. equivale isto a dizer que não está bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição. (SAID ALI. *Gramática Histórica da língua portuguesa*, 3ª. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 229)



# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## DESENVOLVIMENTO

### *O que é a prefixação?*

Generalizando, prefixação é o processo pelo qual uma palavra nova é criada a partir de outra já existente na língua, através de um elemento colocado antes do radical. Esse elemento que se junta ao radical para formar novas palavras é chamado de afixo, mais especificamente, um prefixo, que é o afixo que se agrega antes do radical. Esses afixos são capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Podemos observar isso com a palavra **leal**, acrescentando-lhe o prefixo latino de negação *des-*, teremos uma nova palavra **desleal**, o que muda completamente o significado. Outro exemplo seria com a palavra **portar**, que significa locomover algo de um lugar para outro, com o acréscimo do prefixo latino *ex-*, a nova idéia que surge é algo que se soma a idéia anterior: **exportar** é locomover algo de dentro para fora, enquanto que se usássemos o prefixo *in-*, seria o contrário, **importar**, seria carregar algo de fora para dentro. Sem contar que neste último exemplo, a idéia de “portar” já migrou para a de “comprar de fora” (quando for “importar”) e “vender para fora” (quando for “exportar”). O prefixo muito raramente pode fazer a nova palavra que surge assumir uma classe gramatical diferente da palavra de origem, mas pode acontecer, como por exemplo, a palavra **inflação**, que seria um substantivo, formar uma nova palavra com o prefixo *anti-*, porém, essa nova palavra, assumiria um papel de adjetivo dependendo do contexto, como é o caso de “pacto **antiinflação**”. Outro exemplo, com o substantivo **bairro**, a partir da prefixação poderia vir em forma de adjetivo: “transporte **interbairros**”.

O prefixo, algumas vezes, poderá preceder a outro prefixo, como no exemplo: **desajustar (des+a+justo+ar)**. Alguns gramáticos não concordam com essa afirmação pois acham mais viável afirmar que o prefixo *des-* antecede o radical *-ajust-* e o *a-* só seria prefixo na palavra **ajustar**, onde, na verdade, funcionaria como “circunfixo”, na derivação parassintética.

Os prefixos poderão assumir várias funções: advérbio (**anônimo**, de negação); preposição (**contrapor**, de oposição); numeral (**bisneto**, de duplicidade). Vêm ocorrendo com muita frequência, na língua portuguesa, atualmente casos de migrações, quando preposições e advérbios estão sendo usados como prefixos. Por exemplo, a

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

preposição **sem**, nos casos: *sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família*. Ocorrendo também com os advérbios **não** e **quase**: *não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante; quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida*. Isso ocorre com a finalidade de dinamizar a língua por parte do falante, tornando a comunicação mais rápida e eficiente, só tendo cuidado com alguns equívocos, como, por exemplo, saber que *não-socialista* é diferente de *anti-socialista*.

Um caso interessante é o do “pseudoprefixos”, quando alguns radicais de origem grega passaram a ter uma significação especial em português. O radical grego **auto** que parece em *automóvel* (= que se move por si) passou, com a redução dessa palavra, a ter significação própria (auto=veículo) e é com esse significado que entra na formação de novas palavras, como *auto-estrada, auto-escola, autopeça, etc.* O mesmo fenômeno pode ser observado com o radical **tele**, que veio a se aplicar a tudo o que se refere a televisão e, nesse sentido, passou a entrar na formação de novas palavras, como *telenovela, telecurso, telejornal*.

Nesse trabalho, queremos, no entanto, analisar de qual processo de formação de palavras a prefixação faz parte: a derivação ou a composição. Vejamos um de cada.

### *O que é a derivação?*

Segundo os gramáticos, em geral, é o processo pelo qual palavras novas (derivadas) são criadas a partir de outras já existentes (primitivas). Vemos então que há uma relação bem próxima ao que vimos na prefixação. Porém, começemos por ver o que seria a palavra primitiva. Segundo Ernani Terra, “são aquelas que, na língua portuguesa, não provêm de outra”, por exemplo, *casa, pedra, flor, sombra, árvore, região*. As derivadas desses exemplos seriam: *casinha, pedreira, florista, sombreiro, arvoredos, regional*. Já se convencionou tratar a prefixação por derivação. Vejamos o que nos diz Rocha Lima sobre o caso:

Os prefixos, porque correspondam, em regra, a preposições ou a advérbios, têm um sentido mais ou menos preciso, com o qual modificam o

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

sentido da palavra primitiva: *pôr* – *transpor*; *feliz* – *infeliz*; *leal* – *desleal*. Tal norma se verifica na maioria dos casos, mas isto não quer dizer que ocorra universal e obrigatoriamente. Em *exceder*, *preceder*, não entra a idéia de *ceder*, nem se sente com clareza a significação dos prefixos *ex*, *pro* e *pre*. Por outro lado, nem sempre palavras derivadas se relacionam com palavras primitivas que tenham existência autônoma em português; muitas vezes, a um elemento vocabular herdado do latim ou do grego se apõe uma série de prefixos com os quais se formam numerosos derivados. (ROCHA LIMA. *Gramática normativa*. 35ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. P. 201).

Dáí resulta a polêmica. Poderá a palavra *entreebrir* ser derivação? Não estaria ela muito mais propensa a composição? Vejamos então o que seria a composição.

### *O que é a composição?*

Em termos gerais, é o processo pelo qual a formação de palavras se dá pela união de dois ou mais radicais, formando uma nova palavra, por exemplo, *amor* + *perfeito*: *amor-perfeito*. Quando os radicais não são formas livres na língua, o composto é chamado de erudito: *democracia*, *filosofia*.

Então, são duas palavras simples, primitivas que se juntam, formando uma só palavras. Novamente, deparamo-nos com o problema da palavra primitiva. Poderíamos realmente incluir como compostos os radicais combinados ainda em latim? No ponto de vista diacrônico, a resposta seria sim, pois esses processos não são ignorados mesmo depois da língua morrer. No ponto de vista sincrônico, a resposta seria não, pois os mecanismos que levaram à união já perderam sua significação enquanto termos isolados. Exemplo: **vinagre** funcionaria como primitivo autêntico, e não *vinho* + *acre*. Isso se estende a vocábulos formados no português arcaico, como **fidalgo**, que teria perdido o seu sentido de *filho* + *de* + *algo*.

### **Composição por justaposição**

Quando os elementos constituintes têm acento tônico individual ou a composição sem alteração fonológica dos membros: *couve-flor*.

### Composição por aglutinação

Quando as formas unidas têm apenas um acento tônico ou a composição em que há alteração dos elementos constituintes: *planalto*.

Algumas correntes dão aos compostos significados gramaticais:

– *coordenação ou concordância*: onde haveria um determinante e um determinado. Exemplos: *amor-perfeito*, *livre-pensador*, *fogo-fátuo*, *papel-moeda*.

– *subordinação ou dependência*: onde faz-se necessário um sintagma que lhe explique o sentido. Exemplos: *terremoto* (movimento da terra); *beira-mar* (beira do mar); *cosmografia* (descrição do mundo).

– *compostos de frases verbais*: compõe-se de verbo e de outro termo, ou complemento ou adjunto. Exemplos: *beija-flor*, *bota-fora*, *busca-pé*, *guarda-roupa*.

Alguns autores afirmam que em alguns casos de compostos, há elipse vocabular, como, por exemplo, em **couve-flor**, que na verdade, seria *couve-que-tem-o-formato-de-flor*, sobre isso assim se colocar o autor Saïd Ali:

Logo que o espírito reúne em uma só idéia duas noções até então separadas, todas as sortes de reduções ou de petrificações do primeiro termo se tornam possíveis. Mas são fatos acessórios, cuja presença ou ausência em nada alteram a essência das cousas. A verdadeira composição tem seu critério no espírito. (ALI, 1971 a, p. 259).

Há correntes que indicam a natureza da composição sendo apenas de âmbito morfológico, porém, ela orbita muito mais o psicológico, já que é o resultado da função semântica configurando uma diferenciação entre os termos fundidos. Dois termos se unem, perdendo seu conceito original e formando um terceiro. Além disso, seria apenas uma locução, ou composição em curso. Exemplos: *dona-de-casa* e *pôr-do-sol*. Alguns gramáticos, porém, já os consideram como compostos e, mais, ainda incluem aí as locuções adverbiais e prepositivas.

A par daqueles exemplos que satisfazem a todos os requisitos, mostrando consumada por completo a fusão semântica, ocorrem naturalmente combinações que se acham ou parecem achar-se na fase de transição, isto é, em via de se tornarem palavras compostas. Dificultam sobretudo

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

a análise não sendo de admirar que a seu respeito reine desacordo entre lingüistas, classificando uns como verdadeiras palavras compostas o que a outros se afigura como meros grupos sintáticos do tipo comum. (ALI, 1971 a, p. 258).

### CONCLUSÃO

#### COMPOSTO POR PREFIXAÇÃO OU DERIVAÇÃO PREFIXAL?

Até a década de 50, havia 3 modalidades de composição: por justaposição; por aglutinação; por prefixação. Na língua latina, os advérbios eram formas gramaticais livres, que tornaram-se presas em português. alguns mantiveram o grau de autonomia. Exemplo, um grande número de preposições: contra, de, extra, semi, supra, ultra (*contrapor, entreabrir*). Mas, hoje em dia, a maioria dos prefixos de origem latina e grega não podem ser usados como forma autônoma. Exemplo: desigual, rever.

Há prefixos que funcionam como verdadeiros radicais, cheios de conteúdo significativo, podendo até ser usados isoladamente. Por exemplo, o prefixo *vice-*, que sempre terá de vir isolado por hífen. Porém, em alguns casos, ele se configura até mesmo sozinho na frase, exemplo: “O Vasco sempre é somente vice.” Não se faz necessário o complemento. Por ser tão autônomo, faz-nos pensar em composição e não derivação o caso de “vice-campeão”, “vice-reitor”, “vice-cônsul”.

Da mesma maneira *além-, aquém-, recém-, ex-, pró-, pré-* são prefixos inteiramente autônomos, usados muitas vezes como formas livres. Veja os exemplos em frases: “Não pôde ir *além* das primeiras casa da cidade.”; “O meu chalé está *aquém* da serra”; “Aquela é minha *ex-*.”; “Esses são os *prós* e os contras da questão.”; “Preciso estudar para o vestibular, por isso, entrei para o *pré-*.” Está claro que em alguns desses casos, a palavra que seguiria esses prefixos está subentendido, como em “*pré-vestibular*”, mas não se pode negar a força de expressão que está no uso isolado desses termos.

Vejamos outro exemplo, o caso dos prefixos *mal-* e *bem-* que isoladamente são advérbios o que seria suficiente para os configurarmos numa composição no caso de “mal-assombrado”, “mal-educado”, “bem-educado”, e não como derivação.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

Veja o que nos diz Celso Cunha sobre o assunto:

Os prefixos são mais independentes que os sufixos, pois se autônoma na língua. A rigor, poderíamos, até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *dis-* em *dispor*, *re-* em *reter*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* e, *contrapor*, *entre-* em *entretêr*). No primeiro caso haveria derivação; no segundo, seria justo falar-se em composição. Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação – a derivação prefixal. (Ali, 1971a, p. 259).

Percebemos então ao fim de nossa pesquisa que a prefixação é um processo que talvez pudesse se enquadrar em ambos os casos de derivação e composição, resguardados seus devidos caracteres, pois há casos que melhor se enquadram como derivação por prefixação (infeliz, desleal, reler, inativo, desfazer, perfurar, desamor, remoçar), e outros que melhor se encaixariam em composição por prefixação, devido a autonomia semântica de suas partes (preconceito, pronome, ultra-som, vice-presidente, antebraço, pós-guerra, contrarrevolução, ex-aluno, extra-oficial, hiperácido). Veja o que diz Bechara sobre o assunto:

Os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária. Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras. (BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 357).

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31<sup>a</sup>. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro : Lucerna, 2001.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1998.

TERRA, Ernani & NICOLA, José de. *Gramática, Literatura e Redação para o ensino médio*. São Paulo : Scipione, 1997.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagem: literatura, produção de texto e gramática, volume III*. 3<sup>a</sup>. ed. rev. e ampl.. São Paulo : Atual, 1999.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. *Fonologia e Morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói : EdUFF, 2000.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua portuguesa*. 5<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro : Fename, 1979.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro : Ática, 2001.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. 3<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro : Ática, 2001.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo : Scipione, 2001.

INDIANISMOS EM IRACEMA

*Luciana Barbosa Duarte*

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apontar e elucidar os indianismos do romance *Iracema*, de José de Alencar. Este foi um grande romancista, o autor mais importante do Romantismo, a nosso ver.

Sabe-se que o Romantismo foi o primeiro movimento literário após a Independência do Brasil, e, por este motivo, apresenta um forte traço nacionalista. Uma das formas de Alencar expressar tal traço romântico é por meio da linguagem.

O índio, nesse contexto, é o ser “puramente nacional”, e a sua língua representa a língua nacional. Alencar foi um mestre na incorporação do “falar brasileiro” na literatura, alguns até o criticaram por isto.

Podemos comprovar o fato descrito anteriormente de forma clara em sua obra. *Senhora* e *Lucíola* podem ser representantes do linguajar da corte; *O Sertanejo*, do interior; e *O guarani*, *Iracema*, etc. o falar indígena. Sendo este o que vamos tratar neste trabalho, como já mencionado.

Para tal, faremos um levantamento das palavras indígenas encontradas em *Iracema*, verificaremos seu significado e posteriormente serão expostos exemplos de frases com tais palavras e onde se encontram no livro.



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### PALAVRAS INDÍGENAS DE IRACEMA

**ABAETÉ** – sm Homem verdadeiro, de palavra, honrado. EX: O ABAETÉ derrubou a frente aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu. (p. 68)

**ABATI** – sm milho pequenino, isto é, arroz. EX: “- O coração de Iracema está como a ABATI n’água do rio.” (p. 40). “- Quando o teu filho deixar o seio de Iracema, ela morrerá, como o abati depois que deu seu fruto.” (p. 83).

**ANAGÉ** – s. Gavião de rapina. Ortografia preferível *anajé*. EX: “Tuas armas só chegam até onde mede a sombra do teu corpo; as armas deles voam alto e direto como o ANAJÊ.” (p. 43). “O jaguar, senhor da floresta, e o ANAJÊ, senhor das nuvens, combatem só o inimigo.” (p. 47). “- Assim como o ANAJÊ cai das nuvens, assim cai o braço guerreiro sobre o inimigo.” (p. 73)

**ANANÁS**- sm. `fruto do ananaseiro` , Ananas sativus, da fam. Das broméliaceas. Do tupi *na`na*. EX: “Iracema, acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha d’água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de caju e ANANÁS.” (p. 20)

**ANDIRA** – sm nome tupi do morcego. EX: “É o velho herói, que cresceu na sanha, crescendo nos anos, é o feroz ANDIRA que derrubou o tacape, núncio da próxima luta.” (p. 25). “O velho ANDIRA, irmão do pajé, entrou na cabana;” (p. 39). “- A raiva de Irapuã é como a ANDIRA: foge da luz e voa nas trevas.” (p. 44)

**ANDIROBA** – sf. Planta da família das meliáceas. Do tupi *nã-ni`roua* (*nã`ni`óleo, azeite`+`roua`amargo*). EX: “Enquanto Iracema colhia na floresta a ANDIROBA, para ungir o corpo do velho que a mão piedosa do neto encerrou no camucim.” (p. 69)

**ANGICO** – s. Árvore de grande porte (*Piptadenia peregrina*). EX: “Martim amparou o corpo trêmulo da virgem; ela reclinou lânguida sobre o peito guerreiro, como o tenro pâmpano da baunilha que enlaça o rijo galho do ANGICO.” (p. 31). “Ao romper d’alva, Poti partiu para colher as sementes de crajuru que dão a bela tinta vermelha, e a casca do ANGICO de onde se extrai a cor negra

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

mais lustrosa.” (p. 72)

**ANHANGÁ** – s. O espírito mau, o diabo. EX: “ – ANHANGA turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde nenhum guerreiro penetra contra a vontade de Araquém.” (p. 29)

**APODY** – Chapada, Ceará; Rio Grande do Norte. EX: “Já meus destroçados companheiros voltaram por mar às margens do Paraíba, de onde vieram; de onde vieram; e o chefe, desamparado dos seus, atravessa agora os vastos sertões do APODI.” (p. 21)

**ARAÇÁ** – s. fruto do *Psidium*, fruta silvestre de sabor agradável. EX: “ A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos do ARAÇÁ, que saíram do seio da mesma flor.” (p. 35)

**ARACATY** – s. Nome de uma localidade na margem do Jaguaribe, no Ceará. Vento de maresia. No Vale do Amazonas designa uma variedade de castanha ou pinha. EX: “Era o tempo em que o doce ARACATI chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão.” (p. 26)

**ARAÇÓIA** – sf. Saiote de pernas usado pelas índias no Brasil. Do tupi \*ara’soia. EX: “Iracema havia tecido para ele o cocar e a ARAÇÓIA, ornatos dos chefes ilustres.” (p. 73)

**ARARA** – s. Ave psitacídea, maior que o papagaio, de plumagem multicolorida. EX: “O alto cabeçaço se curva à semelhança do bico adunco da ARARA” (p. 71)

**ARIRANHA** – s. De *irara-ana* a falsa irara, que imita a irara. É a lontra dos nossos rios.

EX: “ O pajé riu: e seu sorriso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ARIRANHA. (p. 39).

**ATI**– sf. Gaivota. Do tupi *atiati*. EX: “É a atiati, a garça do mar, e tu és virgem da serra, que nunca desceu às alvas praias onde arrebatam as vagas” (p. 41)

**BATURITÉ** – s. De *ybatyra-eté*. A serra por excelência, nome de uma localidade no Ceará e de São Paulo. EX: “Tupã não quer que BATURITÉ o leve mais à guerra, pois tirou a força do seu

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

corpo, o movimento do seu braço e a luz dos seus olhos.” (p. 67)

“BATURITÉ tomou o bordão de sua velhice e caminhou.” (p. 67).

“BATURITÉ estava sentado sobre uma das lapas da cascata;” (p. 68)

**CAIÇARA** – Atualmente denominação dos habitantes da costa sul do Est. De São Paulo. De *caá-içara*, o cercado de paus a pique, defesa da taba. EX: “Os guerreiros tabajaras, acorridos à taba, esperavam o inimigo diante da CAIÇARA.” (p. 37). “A vista de Iracema já conheceu o crânio de seus irmãos espetados na CAIÇARA.” (p. 62). “Durante a noite os pitiguaras fincam na praia a forte CAIÇARA de espinho e levantam contra ela um muro de areia, onde o raio esfria e se apaga” (p. 85)

**CAIUBI** – s. A folha azul, o anil. De *caá*, folha; *oby*, azul. Vars.: *Caoby*, *cayoby*, *cauby*. EX: “- Guerreiro branco, espera que CAUBI volte da caça” (p. 23). “- O guerreiro CAUBI vai chegar à taba de seus irmãos.” (p. 31). “Já partiu CAUBI para a grande taba;” (p. 41). “A porta entretercida dos talos da carnaúba foi aberta por fora. CAUBI entrou.” (p. 45). “Ressoa perto o estúpido dos guerreiros; travam-se as vozes iradas de Irapuã e CAUBI” (p. 46)

**CAJU** – s De *acayu* – A fruta amarela, fruta ácida muito usada para refrescos. EX: “Iracema, acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha d’água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de CAJU e ananás.” (p. 20). “Depois que partiram do Soipé, os viajantes atravessaram o rio Taíba, em cujas margens vagavam bandos de porcos-de-mato; mais longe corria o Cauípe, onde se fabricava excelente vinho de CAJU.” (p. 64). “De passagem ele colhia os doces CAJUS, que aplacam a sede nos guerreiros, e aspanhava conchas mimosas para ornar seu colo.” (p. 65)

**CAMUCI** – s. o mesmo que *cambuci*.

**CAMBUCI**- Vars.: *CAMUCIM*, *camotim*, *camoti*. Pote, utensílio para água feito de casca deste fruto. De *caá-mbocy*, a fruta de duas partes. EX: “ (...) rara é a cabana onde já não rugiu contra ele o grito da vingança, porque cada golpe do válido tacape deitou um guerreiro tabajara em seu CAMUCIM.” (p. 42). “Três sóis havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos pitiguaras, senhores,

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

senhores das margens do CAMUCIM e Acaracu.” (p. 61) . “O mar entrando por ele, formava uma bacia cheia de água cristalina, e cavada na pedra como um CAMUCIM.” (p. 65). “Enquanto Iracema colhia na floresta a andiroba, para ungir o corpo do velho que a mão piedosa do neto encerrou no CAMUCIM.” (p. 69).

**CAPIVARA** – sf. Veja *capibara*

**CAPIBARA** – sf. Capivara, animal semelhante ao porco e que se alimenta de capim. De *capii*, capim, erva, *urara*, comedor. EX: “Os guerreiros chegaram aonde a serra quebrava para o sertão: já tinham passado aquela parte da montanha, que por ser despida de arvoredo e tosquiada como a CAPIVARA, a gente de Tupã chamava Ibiapina.” (p. 60).

**CARIMÃ** – sm. Bolo feito de mandioca fermentada. De *quirin-mã*. EX: “Ela dissolveu a alva CARIMÃ e preparou ao fogo o mingau para nutrir o filho” (p. 89)

**CARIOBA** – s. De *cari* + *oba*; camisa usada pelos índios. EX: “Quando Iracema foi de volta, já o pajé não estava na cabana; tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia oculto sob a CARIOBA de algodão entretecida de penas.” (p. 51). “Caminhava para eles com o passo altivo da garça que passeia à beira d’água: por cima da CARIOBA trazia uma cintura das flores da maniva, que era o símbolo da fecundidade.” (p. 71)

**CARNAUBA** – sf. O mesmo que *carnayba*, nome de uma palmeira da qual se extrai a cera dita de carnaúba. EX: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da CARNAÚBA.” (p. 17). “O ancião fumava à porta sentado na esteira da CARNAÚBA, meditando os sagrados ritos de Tupã.” (p. 20). “Iracema dobrou a cabeça sobre a espádua, como a tenra palma da CARNAÚBA, quando a chuva peneira na várzea.” (p. 26). “No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira de CARNAÚBA” (p. 41). A porta entretecida dos talos da CARNAÚBA foi aberta por fora.” (p. 45).

**CAUIM** – Vinho feito de milho fermentado. EX: “ – Andira, o velho Andira, bebeu mais sangue na guerra do que já beberam CAUIM nas festas de Tupã, todos quantos guerreiros alumia agora a luz de seus olhos.” (p. 25). “ O CAUIM perturbou o espírito dos guerreiros”

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

ros; eles vêm contra o estrangeiro.” (p. 45). “Os guerreiros tabajaras, excitados com as copiosas libações do espumante CAUIM, se inflamam à voz de Irapuã que tantas vezes os guiou ao combate, quantas à vitória.” (p. 46). “O chefe pitiguara pensava que o amor é como o CAUIM, o qual bebido com moderação, fortalece o guerreiro, e tomado em excesso, abate a coragem do herói.” (p. 56).

**CEARÁ** – s. De *Ciara*: Canto da jandaia que é uma casta de papagaios pequenos e grasnador. EX: “E foi assim que um dia veio a chamar-se CEARÁ o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.” (p. 93). “O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do CEARÁ, levando no frágil barco o filho e o cão fiel.” (p. 93). “A mairi que Martim erguera à margem do rio, nas praias do CEARÁ, medrou.” (p. 94).

**COLIBRI** – s. beija-flor. É de origem galibi da região caribe. EX: “-Teu hóspede fica, a virgem dos olhos negros: ele fica pra ver abrir em tuas faces a flor da alegria, e para sorver, como o COLIBRI, o mel de teus lábios.” (p. 31). “A voz maviosa, débil como sussurro de COLIBRI, murmura.” (p. 43). “Como o COLIBRI borboleteando entre as flores da acácia, ela discorria as amenas campinas.” (p. 70).

**CONDOR** – s. A águia dos Andes. Do *quéchua kuntur*. EX: “O cabo sombranheiro parece a cabeça calva do CONDOR, esperando ali a borrasca, que vem dos confins do oceano.” (p. 65)

**COPAÍBA**- sf. De *cupa-yba*, a árvore de depósito ou que tem jazida; alusão à capacidade que possui o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico, medicinal, precioso, para cuja extração, em época própria, a dos grandes calores se procede como se o tronco fosse um barril, praticando-se-lhe um pequeno furo, a certa altura, para a introdução do ar e, sangrando-se a árvore, que dá de si, sem mais trabalho, o óleo que tiver. EX: “Ai da esposa!... Sentiu já o golpe no coração e como a COPAÍBA ferida no âmagô, destila as lágrimas em fio.” (p. 81)

**COPE**- Na roça. De *cô roça*, *pe* em. EX: “(...)talvez um dia COPE a verde folhagem e enflorê.” (p. 80)

**COPIM**- s. Mais correntemente cupim, formigueiro que se ergue em

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

forma cônica nas terras pouco produtivas. A forma original é *coii*, a formiga branca. Aplicou-se o nome de cupim ao caruncho da madeira. EX: “ (...)é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o cupim lhe broca o â-mago.” (p. 92).

**CUTIA**- sf. Escreve-se também *cotia*. Pequeno roedor. EX: “Martim seguiu silencioso a virgem, que fugia entre as árvores como a selvagem CUTIA.” (p. 56)

**EMBOABA** – adj. Inimigo, agressor, provocador. EX: “Já os EMBOABAS estiveram no jaguaribe; logo estarão em nossos campos e com eles os potiguaras.” (p. 24). “Celebra, Irapuã, a vinda dos emboabas e deixa que cheguem todos aos nossos campos.” (p. 25).

**GRAÚNA** – De *guira-una*, pássaro preto. EX: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da GRAÚNA e mais longos que o talhe da palmeira.” (p. 18)

**GUARACIABA** – sf. Loura, de cabelos cor do sol. EX: “O sol já nasceu; os guerreiros GUARACIABAS e os tupinambás, seus amigos, correm sobre as ondas das ligeiras pirogas e pojam na praia.” (p. 84) . “Nessa hora em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos GUARACIABAS, o primeiro filho que o sangue da raça branca, gerou nessa terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba.” (p. 85). “Vencidos os GUARACIABAS, na baía dos papagaios, o guerreiro cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava o bárbaro aliado dos tupinambás.” (p. 91)

**IBIAPABA**- s. A chapada, o planalto. Serra entre o Ceará e o Piauí. Forma correta: *Ybyapaba*. EX: “O maior chefe da nação tabajara, Irapuã, descera do alto da serra IBIAPABA, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguara.” (p. 22). “A fama do bravo Poti, irmão de Jacaúna subiu das ribeiras do mar ao cimo da IBIAPABA” (p. 42). “- O branco tapuia está na IBIAPABA para ajudar os tabajaras a combater contra Jacaúna.” (p. 76)

**IBIAPINA** – s. A terra pelada, escarvada, sem vegetação. Forma correta: *Ybyapaba*. EX: “Os guerreiros chegaram aonde a serra quebrava para o sertão: já tinham passado aquela parte da monta-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

nha, que por ser despida de arvoredos e tosquiada como a capivara, a gente de Tupã chamava IBIAPINA.” (p. 60).

**ICÓ** – v. int. Ser, estar, viver, andar. EX: “\_ tua voz queima, filha de Araquém, como o sopro que vem dos sertões do ICÓ, no tempo dos grandes calores.” (p. 83).

**IGAÇABA** – sf. De *yg* água e *açaba*, o transporte. Urna funerária: pote, cântaro. EX: “- Fica tu, escondido entre as IGAÇABAS de vinho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia, e só bebes o sangue da vítima que dorme” (p. 25). “Quando a virgem tornou, trazia numa folha gotas de verde e estranho licor vazadas da IGAÇABA, que ela tirara do seio da terra.” (p. 27). “Vem Iracema com a IGAÇABA cheia do verde licor.” (p. 53).

**IGARA** – sf. De *Ygara*, canoa. EX: “Ele já esteve no alto Mocoripe; e de lá viu correr no mar as grandes IGARAS dos guerreiros brancos, teus inimigos, que estão no Mearim.” (p. 65). “Nestas águas as grandes IGARAS vêm de longes terras, se esconderiam do vento e do mar” (p. 66). “- A IGARA grande do branco tapuia passou no mar.” (p. 75). “Agora só buscas as praia ardentes, porque o mar que lá murmura vem dos campos em que nasceste; e o morro das areias, porque do alto se avista a IGARA que passa.” (p. 82).

**IMBU** – De *Y-*mb-u** – O que dá de beber, que tem água. O mesmo que *embu*, *umbu*, árvore cujas raízes guardam água e matam a sede dos viandantes. EX: “O IMBU, filho da serra se nasce na várzea porque o vento ou as aves trouxeram a semente, vinga, achando boa terra e fresca sombra;” (p. 80)

**INTANHA** – De *Ji*, *rã*, *tã*, forte: é uma rã cujo coaxar lembra uma martelada em bigorna. EX: “Voltou Iracema à cabana; em meio do caminho perceberam seus olhos as sombras de muitos guerreiros que rojavam pelo chão como a INTANHA.” (p. 45).

**INÚBIA** – Trombeta de guerra usada pelo tupinambás do Rio de Janeiro. EX: “- A filha de Araquém é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracema travando da INÚBIA.” (p. 29). “De repente o ruoco som da INÚBIA reboou pela mata;” (p. 37). “O chefe pitiguara está só: não deve rugir a INÚBIA que chamará contra si todods os guerreiros tabajaras.” (p. 48). “Nada separa

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

dois guerreiros amigos quando troa a INÚBIA da guerra.” (p. 76). “Martim e seu irmão haviam chegado à taba de Jacaúna, quando soava a INÚBIA: eles guiaram ao combate os mil arcos de Poti.” (p. 79).

**IPÚ** – s. De *I* (*y*) água; *pu*, estrondo. A fonte, o olho d'água. Pode ser a água que sai barulhenta. EX: “Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do IPU, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara.” (p. 18). “Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos de IPU, e os olhos de Iracema, mas sua alma, não.” (p. 48). “Vi os formosos campos do IPU, as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araquém, e teve saudades;” (p. 79).

**IRAPUÃ** – De *ira-apoã* – O enxu redondo, a casa redonda das abelhas. EX: “O maior chefe da nação tabajara, IRAPUÃ, descera do alto da serra ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguara.” (p. 22). “-IRAPUÃ falou: disse.” (p. 24). “IRAPUÃ desceu de seu ninho de águia para seguir na várzea a garça do rio.” (p. 29). “Contra, cem guerreiros tabajaras com IRAPUÃ à frente, formavam arco.” (p. 36). “Referiu Iracema como a cólera de IRAPUÃ se havia assanhado contra o estrangeiro, até que a voz de Tupã, chamado pelo Pajé, tinha acalmado seu furor.” (p. 44). “Ressoa perto o estúpido dos guerreiros; travam-se as vozes iradas de IRAPUÃ e Caubi.” (p. 46)

**ITAOCA** – s. De *itá-oca* ou *oga* a casa de pedra, a lapa, a furna. EX: “crescia o número de guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande ITAOCA, para despedir o raio.” (p. 91)

**JAÇANÃ** - s. De *ya-ça-nã*, o que grita alto. EX: “Iracema seguindo com os olhos o esposo, divagava como a JAÇANÃ em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar.” (p. 65). “atirava-se à água, e nadava com as garças brancas e as vermelhas JAÇANÃS.” (p. 70).

**JACAÚNA** – s. De *ya-cã-una*. Aquele que tem a cabeça preta. A glândea preta. Nome de um cacique do séc. XVI. EX: “Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os pitiguaras de Acaracu, na cabana do bravo Poti, irmão de JACAÚNA, que plantou comigo a árvore da amizade.” (p. 21). “A fama do bravo Poti irmão de JA-



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

CAÚNA, subiu das ribeiras do mar ao cimo da Ibiapaba” (p. 42). “Seu coração não deixou que voltasse para avisar aos guerreiros de sua taba: mas despediu o cão fiel ao grande JACAÚNA (p. 48). “JACAÚNA atacou Irapuã.” (p. 58). “-JACAÚNA é um grande chefe, seu colar de guerra dá três voltas ao peito.” (p. 59).

**JANDAIA** – s. Periquito-rei. EX: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a JANDAIA nas frondes da carnaúba” (p. 17). “A gente tupi a chamava JANDAIA, porque sempre alegre estrugia os campos com seu campo fremente” (p. 36). “A JANDAIA rugira ao romper d’alva e para não tornar mais à cabana.” (p. 51). “Fugindo, os tabajaras arrebataram seu chefe ao ódio da filha de Araquém que o podia abater, como a JANDAIA abate o prócero coqueiro roendo o cerne.” (p. 59). “Ergueu ela os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda JANDAIA, que batia as asas, e arrufava as penas com o prazer de vê-la.” (p. 79)

**JATI** – s, De *ya-ti* que está por *tinga*, branco. Espécie de abelhas claras. EX: “O favo da JATI não era doce como o seu sorriso;” (p. 18). “- A JATI fabrica o mel no tronco cheiroso do sassafrás;” (p. 86).

**JATOBÁ** – sm. O mesmo que *jatay*. EX: “Poti levou o cristão aonde crescia um frondoso JATOBÁ, que afrontava as árvores do mais alto píncaro da serrania;” (p. 60). “O luar passava entre as folhas do JATOBÁ.” (p. 61). “Mas Tupã foi bom para ele, pois lhe deu um filho como o guerreiro JATOBÁ.” (p. 67). “- Como o JATOBÁ na floresta, assim é o guerreiro Coatiabo entre o irmão e a esposa;” (p. 74).

**JATAÍ** – s. De *ya-atã-yba*: a árvore de fruto duro. Tem a forma de um estojo duríssimo e dentro está o fruto semelhante a uma pequena banana. O mesmo que jatobá. É planta medicinal da qual a farmacopéia brasileira fez um elixir. EX: “Só aplacou essa chama quando ele tocou a terra, onde dormia sua esposa; porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco do JETAÍ nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lágrimas abundantes.” (p. 93)

**JENIPAPO** – s. De *Iyanipab*. Fruto que dá na extremidade (do galho) e oleoso. Do suco desta fruta extraíam os índios uma tinta

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

avermelhada e escura com a qual pintavam o corpo. EX: “Batuireté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; e o sol ardente caía sobre sua cabeça, nua de cabelos e cheia de rugas como o JENIPAPO.” (p. 68). “A filha de Araquém, foi buscar a cabana as iguarias do festim e os vinhos de JENIPAPO e mandioca.” (p. 73)

**JETYCA** – s. De *yetica*. Batata-doce. EX: “Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu, como a JETICA se lhe arrancam o bulbo.” (p. 92)

**JIBOIA** – sf. Um dos grandes ofídios dos lugares pantanosos e rios do Brasil. Pertence, cientificamente, à família *Boidae* e ao gênero *constrictor*. EX: “Tua boca mente como o ronco da JIBÓIA: exclamou Iracema.” (p. 38)

**JIRAU** – sm. Aparador de utensílios culinários. Armação de madeira, estrado para evitar a umidade.

EX: “a espaços o olhar por tênue lágrimas cai sobre o JIRAU, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.” (p. 17). “A ará, pousada no JIRAU fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos.” (p. 35).

**JOSSARA** (Jussara) – v. De *iossá*, comichão. Arder, despertar comichão. EX: “Às vezes sobre os ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome: outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da JUÇARA com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.” (p. 19)

**JUREMA** – s. De *yu-r-ema* –Árvore espinhosa muito comum na Bahia, sobretudo, a jurema branca. EX: “É ela que guarda o segredo da JUREMA e o mistério do sonho.” (p. 22). “Era de JUREMA o bosque sagrado.” (p. 27). “– Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da JUREMA, onde nenhum guerreiro penetra contra a vontade de Araquém.” (p. 29). “Na vida, os lábios da virgem de Tupã, amargam e doem como o espinho da JUREMA” (p. 51)

**MAIRÍ** – s. (Mairy) – T. Sampaio diz: “nome dado pelos tupis às cidades e povoações dos franceses depois da conquista. (...) Depois *Mairy* se generalizou, significando cidade. EX: “Muitos guerreiros

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

ros de sua raça acompanharam o chefe branco para fundar com ele a MAIRI dos cristãos.” (p. 93). “A MAIRI que Martim ergueira à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou.” (p. 94)

**MANACÁ** – sm. Bonita flor branca e azul de suave perfume. Quando na época das flores toda a pequena árvore se transforma num ramilhete. Por isto lhe deram o nome de *mana*, ramilhete, *cã*, de pé, B. Caetano difere na explicação de *manequá* ramalhete cheiroso, feixe cheiroso. EX: “O MANACÁ rugiu-lhe na destra; tiniram os guizos com o passo hirto e lento.” (p. 43). “O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como na flor caída do MANACÁ.” (p. 92).

**MANDIOCA** – Manioca, raiz comestível que foi a base da alimentação dos índios o seu verdadeiro pão. EX: “A filha de Araquém, foi buscar a cabana as iguarias do festim e os vinhos de jenipapo e MANDIOCA.” (p. 73).

**MANGABA** – s. fruto da mangabeira. EX: “Iracema saiu do banho: o aljôfar d’água ainda a roreja, como a doce MANGABA que corou amanhã de chuva.” (p. 18)

**MARACAJÁ** – s. O gato, o gato do mato. EX: “O vulto de Caubi enche o vão da porta; suas armas guardam diante dele o espaço de um bote do MARACAJÁ.” (p. 47)

**MARACUJÁ** – s. Alteração do guarani *mbaracayá*, propriamente, gato. Fruto do maracujazeiro, planta trepadeira que produz primeiramente uma flor cujas tintas lembram a cara de um gato; depois um fruto arredondado, ora verde, ora roxo escuro cujo conteúdo, de um leve sabor agridoce é muito apreciado. EX: “- Ele manda que Iracema ande para trás, como o goiamum, e guarde sua lembrança, como o MARACUJÁ guarda sua flor todo o tempo até morrer.” (p. 78). “Prepara para o filho um berço da macia rama do MARACUJÁ; e senta-se perto.” (p. 90)

**MARANGUAPE** – s. No vale da batalha ou da luta. Nome de uma serra e cidade do Ceará. EX: “À serra onde outrora estava a cabana tomou o nome de MARANGUAPE;” (p. 69)

**MATÁ** – s. De *yimatá* ou *mata* e T. Sampaio afirma: “árvores muitas

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

ou árvores abundantes, isto é, a mata.” EX: “Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da MATA os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba;” (p. 20). “Eles ocupavam as margens do Soipé, cobertas de MATAS, onde os veados, as gordas pacas e os macios jacus abundavam.” (p. 64)

**MEMBY** – s. Flauta. EX: “Ela deve encostar o tacape da luta para tanger o MEMBI da festa.” (p. 25)

**MERUOCA** – S. De mberú mosca; oca, casa. A casa, o local dos mosquitos, mosquiteiro. EX: “Passou além da fértil montanha, onde a abundância dos frutos criava grande quantidade de moscas, de que lhe veio o nome de MERUOCA.” (p. 63)

**MOCORIFE** – s. No rio dos mocuras, das raposas. EX: “O chefe tabajara e seu povo iam precipitar sobre os fugitivos, como a vaga encapelada que arrebenta na MOCORIFE.” (p. 58). “Martim subiu com Poti ao cimo do MOCORIFE.” (p. 65). “O guerreiro arrancou das asas as longas penas, e subindo ao MOCORIFE, rugiu a inúbia.” (p. 72). “Poti acordou a voz da inúbia; e os dois guerreiros partiram ambos para o MOCORIFE.” (p. 84). “Volve o rosto para o MOCORIFE.” (p. 86)

**MOQUEM** – SM. De *moca~e*, fazer seco, assar. Var. *Muquem*. Espécie de grelha, mas feita de varas, na qual assavam as carnes; o assador. EX: “- Filha de Araquém, escolhe para o teu hóspede o presente da volta e prepara o MOQUÉM da viagem.” (p. 33). “Iracema foi preparar o MOQUÉM da viagem.” (p. 34). “Entretanto Poti do alto da rocha, físgava o saboroso camoropim que brincava na pequena baía do Mundaú; e preparava o MOQUÉM para a refeição.” (p. 63)

**MUNDAÚ**- s. Bebedouro, aguada dos ladrões. EX: “Entretanto Poti do alto da rocha, físgava o saboroso camoropim que brincava na pequena baía do MUNDAÚ; e preparava o moquém para a refeição.” (p. 63).

**OCA** – sf. Casa. EX: “Depois que plantou urtiga à porta, para defender contra os animais a OCA abandonada, Poti despediu-se triste daqueles sítios, e tornou com seus companheiros à borda do mar.” (p. 69).

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**OITICICA** - sm. De *uiti* e *icica*, resina. O oiti resinoso, viscoso, grudento. EX: “Banhava-lhe o corpo a sombra da OITICICA, mais fresca do que o orvalho da noite.” (p. 18)

**PACA** – s. mamífero roedor cuja carne tem sabor de carne de porco. EX: “Eles ocupavam as margens do Soipé, cobertas de matas, onde os veados, as gordas PACAS e os macios jacus abundavam. “ (p. 64). “Eles subiram pela encosta da Guaiúba por onde as águas descem para o vale, e foram at’;e o córrego habitada pelas PACAS” (p. 71)

**PACATUBA** – s. De *paca+tyba* sufixo quantitativo. Pode ser também *pacatyba*, com o mesmo significado. Lugar onde há pacas. EX: “Só havia sol no bico da arara, quando os caçadores desceram de PACATUBA ao tabuleiro.” (p. 71)

**PIRANHA** – sf. De *Pirá* + *ãi*, tesoura. Ao pé da letra: peixe-tesoura, terrível peixe devorador, dos rios. Atraídos sempre pelo odor de sangue fresco, em poucos minutos um cardume de piranhas devora um boi, deixando apenas o esqueleto. EX: “Cada guerreiro tomba crivado de muitas flechas, como a presa que as PIRANHAS disputam nas águas do lago.” (p. 85).

**PIRAPORA** – De *pira* (peixe); *pora*, lugar que tem: lugar que tem peixe. Lugar abundante em peixes. EX: “Foram seguindo o curso do rio até onde entrava o ribeiro de PIRAPORA” (p. 68).

**PIROGA** – s. Canoa feita de tronco escavado, esfolado, aparelhado. EX: “O sol já nasceu; os guerreiros guaraciabas e os tupinambás, seus amigos, correm sobre as ondas das ligeiras PIROGAS e põem na praia.” (p. 84). “Os inimigos embarcaram outra vez nas PIROGAS, e voltaram ao maracatim em busca dos grandes e pesados trovões, que um homem só, nem dois, podem manejar.” (p. 85). “Ainda a espuma não se apagara, e já a PIROGA inimiga se afundou, parecendo que a tragara uma baleia. “ (p. 85)

**PITANGA** – sf. Fruto da pitangueira que se qualifica pela sua cor vermelha; que tem a pele, a cutis vermelha, corada. Segundo B. Caetano era o designativo das crianças de pele tenra e corada. EX: “Alongando fagueira o colo, com o negro bico alisou-lhe os cabelos e beliscou a boca mimosa e vermelha como a PITANGA.” (p. 79). “Põe no regaço um por um os filhos da irara: e lhes abando-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

nou os seios mimosos, cuja teta rubra como a PITANGA ungiu do mel da abelha.” (p. 90)

**POCEMA** – s. Grito de guerra. V. gritar. Lemos Barbosa grafa *pos-sema*. EX: “Troa e retroa a POCEMA da guerra.” (p. 24). “A POCEMA dos guerreiros, troando pelo vale, o arrancou ao doce engano: sentiu que já não sonhava, mas vivia.” (p. 51). “Logo após soa a POCEMA, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face.” (p. 58). “Soava a POCEMA da vitória.” (p. 59)

**PORANGABA** – adj. Beleza. EX: “Os guerreiros pitiguaras que apareciam por aquelas paragens, chamavam essa lagoa PORANGABA, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã.” (p. 70). “De longe viram Iracema, que viera esperá-los à margem de sua lagoa da PORANGABA.” (p. 71). “Nessa hora em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue da raça branca, gerou nessa terra da liberdade, via a luz nos campos da PORANGABA.” (p. 85)

**PORAQUÊ** – s. Está por *poraquê*: fazer dormir, quer entorpecer. É o torpedo, peixe-elétrico cuja descarga adormece a mão de quem o apanha. EX: “O cristão parou calcando a mão no peito para sofrear o coração, que saltava como o PORAQUÊ.” (p. 91)

**POTI** – defecar, aliviar o ventre; excremento. EX: “Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os pitiguaras de Acaracu, na cabana do bravo POTI, irmão de Jacaúna, que plantou comigo a árvore da amizade.” (p. 21). “A fama do bravo POTI irmão de Jacaúna, subiu das ribeiras do mar ao cimo da Ibiapaba” (p. 42). “Guerreiro POTI, teu irmão chama pela boca de Iracema.” (p. 43). “POTI chegou;” (p. 62). “POTI acordou a voz da inúbia.” (p. 84)

**POTIGUARA** – adj. Comedor de camarão. EX: “Já os emboabas estiveram no jaguaribe; logo estarão em nossos campos e com eles os POTIGUARAS.” (p. 24). Os guerreiros da grande nação que habitava as bordas do mar, se chamavam a si mesmos pitiguaras, senhores dos vales; mas os tabajaras, seus inimigos, por escárnio os apelidavam POTIGUARAS, comedores de camarão.” (p. 41).

**SABIÁ** – De *soó-biá*, mavioso, cantador. É o passaro de canto admi-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

rável, o sabiá também tem a sabiá, podendo Ter os dois gêneros. O povo conhece várias espécies deste pássaro canoro: sabiá-poca, sabiá-una, sabiá-laranjeira, sabiá do peito amarelo, etc. EX: “Enquanto repousa, empluma as penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o SABIÁ da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.” (p. 18). “O SABIÁ do sertão, mavioso cantar da tarde, escondido nas moitas espessas da ubaia soltava já os prelúdios da suave endecha.” (p. 34). “Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, tenros olhos de SABIÁ, buscam o estrangeiro, e lhe entregam n’alma.” (p. 49).

**SAÍ** – sm. Nome de um pássaro do gênero *Tanagra*. EX: “A mesma lua que o viu chegar aluminou a rede onde SAÍ, sua esposa, lhe deu mais um guerreiro de seu sangue.” (p. 61). **SAPÉ** – Gramínea de folhas compridas e resistentes com as quais se fazem cobertas de casa pobres. EX: “Mas o sono é leve nos olhos de Araquém, como o fumo do SAPÉ no cocuruto da serra.” (p. 33)

**SAPIRANGA** – sm. De *eçá* olho; *piranga*, vermelho. Olho vermelho, isto é, dor d’olhos; adj. Colérico, raivoso, ameaçador, furioso. EX: “Outra vez não era a Jereraú que a levava sua vontade, mas do oposto lado, a SAPIRANGA, cujas águas inflamavam os olhos como diziam os pajés.” (p. 70).

**SAPOPEMA** – De *sapó*, raiz, *pema* esquinada, que se projetam para fora da terra, grossas e chatas. Var. *sapopemba*. Nome de figueiras, gameleiras. EX: “Quem seus olhos primeiro viram, Martim, estava tranquilamente sentado em uma SAPOPEMA, olhando o que passava ali.” (p. 36)

**SUCURI** – De *suú-curi*, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática *Ennectes murinus*. EX: “Bramiu Irapuã; o grito rouco troou nas arcas do peito, como o frêmito da SUCURI na profundidade do rio.” (p. 38).

**TABAJARA** – s.m. De *taba* e *yara* senhor, dono, patrão, etc. O nome da aldeia. Nome de uma tribo da Paraíba do Norte. EX: “Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação TABAJARA.” (p. 18). “O maior chefe da nação TABAJARA, Irapuã, descera do alto da serra ibiapaba, para levar as tribos do

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

sertão contra o inimigo pitiguara.” (p. 22). “Os guerreiros TABAJARAS, acorridos à taba, esperavam o inimigo diante da caçara.” (p. 37). “seu ouvido já escutou o canto de morte dos cativos TABAJARAS;” (p. 62). “- O branco tapuia está na ibiapaba para ajudar os TABAJARAS a combater contra Jacaúna.” (p. 76).

**TACAPE** – s. Borduna, porrete arma de ataque para espancar. EX: “O irado chefe brande o TACAPE e o arremessa no meio do campo.” (p. 24). “É o velho herói, que cresceu na sanha, crescendo nos anos, é o feroz andira que derrubou o TACAPE, núncio da próxima luta.” (p. 25). “O chefe cerrou ainda o punho do formidável TACAPE;” (p. 30). “O chefe tabajara rugiu de alegria; sua mão possante brandiu o TACAPE.” (p. 37). “ (...) rara é a cabana onde já não rugiu contra ele o grito da vingança, porque cada golpe do válido TACAPE deitou um guerreiro tabajara em seu camucim.” (p. 42).

**TAMANDUÁ** – S. De *ta-monduá*, o caçador de formigas. EX: “Valente e forte é o TAMANDUÁ, que mordem os gatos selvagens por serem muitos e o acabam.” (p. 42). A vos do cristão transmitiu a Poti o pensamento de Iracema: o chefe pitiguara, prudente como o TAMANDUÁ, pensou e respondeu.” (p. 49).

**TAPUIA** – s. De *tapyya*, o índio considerado bárbaro pelos demais. EX: “ – A igara grande do branco TAPUIA passou no mar.” (p. 75). “Ainda dessa vez os tabajaras, apesar da aliança dos brancos TAPUIAS do Mearim, foram levados de vencida pelos valentes pitiguaras.” (p. 79). “Depois que se transpuseram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauatinga e ganha as várzeas onde se pesca o piau, viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro TAPUIA.” (p. 91). “Tempo depois, quando veio Albuquerque, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partiram para as margens do Mearim a castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco TAPUIA.” (p. 94).

**TAQUARA** – s Bambu. A haste furada, oca. EX: “Martim cavou a terra e fabricou a porta das fasquias da TAQUARA.” (p. 66).

**TAUAPE** – s. Loc. Adv. No barreiro, no brejo. Localidade do Ceará. EX: “Por esse tempo pisava Martim os campos amarelos do TAUAPE;” (p. 91)



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**TUPÃ** – sm. Var *tupana*. B. Caetano explica: “...dá Montoya este nome como formado da interj. *Tu* e da interr. *Pang*. Parece antes de ser um part. Nom. de *tub* estar, que dá *tupara=tupana* aquele que está, ou aquele que faz o ser, no que concorda com o infin. *Tub*, que já é substantivo e significa “pae”. Deus. EX: “O ancião fumava à porta sentado na esteira da carnaúba, meditando os sagrados ritos de TUPÃ.” (p. 20). “O Pajé inspirado conduzia o sagrado tripúdio e dizia ao povo crente os segredos de TUPÃ” (p. 22). “Em torno corria os troncos rugosos da árvore de TUPÃ;” (p. 27). “- Eles vêm; mas TUPÃ salvará teu hóspede.” (p. 46). “TUPÃ te fortaleça, e traga outra vez à cabana de Jacaúna, para que ele festeje tua boa-vinda.” (p. 62)

**TUPINAMBÁ** – s. De *tupi-nã-mbá*, descendentes dos tupis. Nome de uma tribo numerosa que se estendia desde o Maranhão até o Rio de Janeiro. EX: “- Poti é senhor de mil arcos; se é teu desejo ele te acompanhará com seus guerreiros às margens do Mearim, para vencer o tapuitinga e seu amigo, o pérfido TUPINAMBÁ.” (p. 75). “- E a ânsia de combater o TUPINAMBÁ que volve o passo do guerreiro para as bordas do mar: respondeu o cristão.” (p. 82). “A raça dos cabelos de sol cada vez mais ganhava a amizade dos TUPINAMBÁS;” (p. 91). “Tempo depois, quando veio Albuquerque, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partiram para as margens do Mearim a castigar o feroz TUPINAMBÁ e expulsar o branco tapuia.” (p. 94)

**UBAIA-UVAIA** – s. Fruto azedo, ácido, amarelo. EX: “O sabiá do sertão, mavioso cantar da tarde, escondido nas moitas espessas da UBAIA soltava já os prelúdios da suave endecha. “ (p. 34). “A filha de Araquém estava além, entre as verdes moitas de UBAIA, sentada na relva.” (p. 81).

**URÚ** – s. cesto feito com folhas de carnaúba, dotado de alças. EX: “Às vezes sobre os ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome: outras remexe o URU de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.” (p. 19). “Enquanto Caubi pendurava no fumeiro as peças de caça, I-racema colheu sua alva rede de algodão com franjas de penas, e acomodou-a dentro do URU da palha trançada.” (p. 33)

### CONCLUSÃO

Concluimos essa amostra das palavras indígenas que apresenta *Iracema*, admitindo que haveria muito mais num trabalho mais detalhado.

No entanto, acreditamos que essa pesquisa possa ser de algum proveito para a contemplação e maior entendimento de *Iracema*. Sabemos, que ainda há muito a ser feito, mas esperamos que essa seja uma boa contribuição e incentivo para mais trabalhos voltados para a língua indígena e estudos de linguagens presentes em obras literárias. Mesmo porque a língua e a literatura devem andar sempre juntas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro : Klick, 1999.

BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi Guarani / Português*. 3ª ed. São Paulo : Braslivro, 1984.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## ESTUDO ETIMOLÓGICO GRANDE FERRAMENTA PARA O USO CORRETO DOS HOMÔNIMOS HOMÓFONOS

Sylvia Costa Barbosa (UERJ)

### INTRODUÇÃO

Quando estamos em contato com pessoas, com toda certeza, aprendemos muito ou pelo menos suscitamos questões interessantes de serem pesquisadas. Assim aconteceu com a proposta de trabalho que será aqui desenvolvida, pois durante uma aula dada à turma em um Curso Preparatório no qual leciono descobri que, dentre outras dificuldades, os alunos não conseguem estabelecer a diferença entre os usos das palavras homônimas. É bom lembrarmos que as palavras homônimas podem ser: *homônimas homógrafas* (palavras iguais na grafia, mas diferentes na pronúncia e no significado), *homônimas homófonas* (palavras iguais na pronúncia, mas diferentes na grafia e no significado) ou *homônimas perfeitas* (palavras iguais na grafia e pronúncia, mas diferentes no significado). A grande dificuldade do corpo discente está em desfazer a confusão que existe entre os *homônimos homófonos*, uma vez que o fato de serem pronunciados da mesma maneira torna difícil a identificação da grafia das palavras em alguns casos.

Após assistir à comunicação do *Prof. Bruno F. Bassetto*, “Estudos Filológicos”, no *Encontro Nacional com a Filologia*, na Academia Brasileira de Letras em maio de 2001, foi possível descobrir que esta dificuldade existe em função dos alunos, e mesmo alguns professores, não conhecerem a origem e evolução das palavras.

O presente trabalho pretende, portanto, analisar algumas palavras homônimas, apenas as *homônimas homófonas*, buscando apresentar sua origem e registrando a diferença entre os pares (ou trios) existentes.

Foi utilizada, como ponto de partida, uma “revista” chamada *Frustrando a ignorância – 1290 palavras Homônimas e Parônimas* (SILVA, [s/d]), vendida em algumas bancas de jornal, a qual facilitou a escolha pelos homônimos apresentados neste trabalho. O *corpus* do trabalho de fato, porém, foi selecionado a partir do *Dicionário Aurélio em CD-ROM*.

## **Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02**

Como o objetivo é verificar a origem das palavras encontradas, observando a sua evolução na língua portuguesa, optou-se por consultar o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, pois o mesmo apresenta a origem das palavras, a data de entrada na Língua Portuguesa e em que documento ou texto, e o respectivo autor, elas apareceram pela primeira vez, isto é, a fonte de datação.

Sendo assim, são apresentados num primeiro momento os pares (ou trios) de vocábulos homônimos e suas respectivas definições e, a partir daí, são feitas as considerações em relação à etimologia de cada palavra, estabelecendo as diferenças e/ou semelhanças existentes.

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## ESTUDO ETIMOLÓGICO GRANDE FERRAMENTA PARA O USO CORRETO DOS HOMÔNIMOS HOMÓFONOS

### **ACEITAR x ASSEITAR**

**Aceitar** – (V.) Consentir em receber (coisa oferecida ou dada); estar de acordo com; concordar com; anuir a; conformar-se com (fato, circunstância, etc.).

**Asseitar** – (V.) Tramar ciladas para; enganar, trair; andar à espreita.

Com entrada no português em 1352, o verbo *aceitar* provém do latim *acceptare*. Já o verbo *asseitar* teve sua entrada no português no século XIII e provém do latim *assectare* pelo verbo depoente *adssectari* (que quer dizer *acompanhar, cortejar, seguir*) de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, [s.d.]).

### **ACENDER x ASCENDER**

**Acender** – (V.) Pôr fogo, fazer arder; queimar, incendiar; levar fogo a (pavio, cigarro, charuto, cachimbo, etc.) para fazer arder ou produzir fogo em (fogão, lareira, forno, etc.); riscar, fazendo que se queime por atrito (acender um fósforo.); pôr em funcionamento (sistema elétrico de iluminação).

**Ascender** – (V.) Subir; elevar-se; atingir (certo valor, ou custo, ou patamar): O quilo da carne ascendeu de 4 reais para 6 reais.

Com entrada no português em séculos diferentes, *acender* (XIII) provém do latim *accendere*, e *ascender* (XIV) é proveniente do latim *ascendere*, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha*. (CUNHA, 1982, s.v.).

### **ACENTO x ASSENTO**

**Acento** – (S. m.) Estudos da Linguagem: maior intensidade ou altura que opõe a enunciação de uma sílaba à enunciação das que lhe são contíguas; tom de voz; inflexão, timbre: "Por volta de onze horas, um acento desconhecido na voz, Teixeira gritou por Inocência." (O-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

rígenes Lessa, Rua do Sol, p. 244.)

**Assento** – (S. m.) Objeto ou lugar em que a gente se senta; lugar em que alguma coisa está assente; base; tampo de cadeira, banco, sofá, etc.; termo de qualquer ato oficial.

Com entrada no português em 1562, segundo *Hieronimum Cardozum* (CARDOZUM, 1562), o substantivo *acento* tem origem no latim *accentu*, com provável interveniência do francês *accent*, datado de 1220. Já *assento*, que é datado do século XV de acordo com *Antônio Geraldo Cunha*, (CUNHA, 1982, s.v.) é um substantivo formado por derivação regressiva do verbo *assentar* (século XIII), provavelmente do latim vulgar *\*adsentare*, derivado de *sedeo*, *es*, *sedi*, *sessum*, *sedere* (estar sentado, tomar assento).

### ACERTO x ASSERTO

**Acerto (ê)** – (S. m.) Ato ou efeito de acertar; acertamento; ajuste, acordo, concerto.

**Asserto (ê)** – (S. m.) Proposição afirmativa; asserção, assertiva.

*Acerto* é um substantivo com entrada no português no século XV, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha (suplemento)*, (CUNHA, [s.d.], s.v) formado por derivação regressiva do verbo **acertar** (1188/1230 – *José Pedro Machado*), que é constituído por derivação a partir do prefixo *a* + o adjetivo *certo* + o sufixo *ar*. Já o substantivo *asserto*, é proveniente do latim *assertu*, que é a forma do particípio passado do verbo *asserir* (dizer de modo assertativo, afirmar), do latim *assere*, datado de 1949, segundo *Antônio de Moraes Silva* (SILVA, 1958, s.v.).

### ACESSÓRIO x ASSESSÓRIO

**Acessório** – (S.m.) Aquilo que se junta ao objeto principal, ou é dependente dele; complemento; cada uma das peças ou objetos que contribuem para a harmonia do vestuário, ou da decoração de um ambiente, quer como complemento, quer como adorno; objeto ou utensílio destinado a facilitar o desempenho de uma atividade.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Assessório** – (Adj.) Mesmo que assessorial; referente ou pertencente a assessor; que é da alçada do assessor.

Do latim medieval *accessorius*, o substantivo *accessório* teve entrada no português em 1539, de acordo com o *Corpo Diplomático Português* (SILVA, L.A.R., p. 108), e este de *accedere* na acepção de *ajuntar*. O adjetivo *assessório* é datado de 1858 segundo *Antônio de Moraes Silva* (SILVA, 1958, s.v.), proveniente do latim *assessorius, a, um*.

### ACÉTICO x ASCÉTICO

**Acético** – (Adj.) Química: referente ao ácido acético, ou próprio dele. Pertencente ou relativo ao vinagre.

**Ascético** – (Adj.) Relativo a ascetas ou ao ascetismo; devoto, místico; contemplativo.

Com entrada na língua em 1818, de acordo com o *Dicionário dos Dicionários Portugueses*, (MESSNER, 1994) o adjetivo *acético* é proveniente do francês *acétique* (1787). Já *ascético*, provém do francês *ascétique*, datado de 1679 de acordo com o *Pe. Antônio Vieira* (VIEIRA, 1679-90), o qual é proveniente do grego *asketikós*.

### ÁGIL x ÁGIO

**Ágil** – (Adj. 2g.) Que se move com destreza; destro, hábil, desenvolvido; dançarino ágil; Com suas mãos ágeis, em três tempos arrumou a casa; rápido, desembaraçado, ligeiro, veloz; ativo, expedito, diligente.

**Ágio** – (S. m.) Economia: lucro resultante de operações de câmbio; diferença entre o valor pago por um título e seu valor nominal; adicional cobrado sobre um preço tabelado quando, a esse preço, a procura supera a oferta; comissão cobrada pela transferência de financiamento, etc.

Do latim *agile*, o adjetivo *ágil* teve entrada na língua portuguesa em 1912 de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa*, e o substantivo *ágio* provém do italiano *aggio*, datado de 1801, segun-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

do Antônio de Moraes Silva (SILVA, 1958, s.v.).

### APREÇAR x APRESSAR

**Apreçar** – (V.) Ajustar o preço de; atribuir grande preço ou valor a; ter apreço a.

**Apressar** – (V.) Dar pressa a; tornar rápido ou mais rápido; acelerar; antecipar; abreviar; instar, instigar, induzir; tornar-se ligeiro, rápido; aprontar-se ou preparar-se apressadamente; despachar-se.

A forma verbal *apreçar*, com entrada na língua em 1209, segundo *Leges et Consuetudines* (In *Leges et Consuetudines*, 2 vol.; in *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo VIII post Christum usque ad Quintum decimum.*), é formada por derivação a partir do prefixo *a*, o substantivo *preço* e o sufixo *ar*. O substantivo *preço* é datado do século XIII, proveniente do latim *pretium*. Já a forma verbal *apressar*, com entrada na língua em 1344, é formada por derivação a partir do prefixo *a*, o substantivo *pressa* e o sufixo *ar*. O substantivo *pressa* é datado do século XIII, sendo a forma feminina de *pressus*, *a*, *um*. Os dois verbos têm como fonte de datação o *Índice do Vocabulário do Português Medieval (Fichário)* (CUNHA, [s.d.], s.v.).

Na mesma análise dos homônimos homófonos, estão enquadrados os substantivos *apreço* e *apresso*, os quais são formados por derivação regressiva a partir dos verbos *apreçar* e *apressar* respectivamente.

### ARPAR x HARPAR

**Arpar** – (V.) Arpoar; arremessar o arpão, arpear; fisgar com arpão.

**Harpar** – (V.) Harpear, tocar harpa.

Com entrada na língua em 1543, segundo *Jorge Ferreira de Vasconcelos*, (Cf. ASENSIO, 1951, p. 17) o verbo *arpar* é proveniente do francês *harper* (século XII), derivado do francês *harpe* e do escandinavo *harpa* que significam “garra”; como o vocábulo ocorre nas diversas línguas românicas, admite-se que o escandinavo difundiu-se por intermédio de um latim *\*harpare* “apanhar por meio de



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

instrumento de garra”.

O verbo *harpar* é formado por derivação sufixal a partir do substantivo *harpa* e o sufixo *ar*. Já o substantivo *harpa* (século XIV), tem origem no francês *harpe*, datado do século XI.

### ARROCHAR x ARROXAR

**Arrochar** – (V.) Apertar (carga) com arrocho; apertar muito; ser exigente com aqueles que estão sob sua dependência; apertar-se, comprimir-se.

**Arroxar** – (V.) Roxear, arroxear; tornar-se roxo ou semelhante ao roxo.

Datado de 1533 no *Dicionário da Língua Portuguesa*, (SILVA, 1958, s.v.) o verbo *arrochar* é formado a partir do substantivo *arrocho* e o sufixo *ar*. Já o substantivo *arrocho*, datado de antes de 1523 em *Gil Vicente*, é de origem obscura. *José Pedro Machado* (MACHADO, 1952-9, s.v) lembra possível relação com *garrocha*, *garrocho*; note-se também o português *garrote* “arrocho, pedaço de pau curto com que se torcem cordas usadas para apertar”, do francês *garrot* (garrote).

Formado a partir do prefixo *a*, o adjetivo *roxo* e o sufixo *ar*, o verbo *arroxar* é datado de 1864 no *Dicionário de Língua Portuguesa* (SILVA, 1958, s.v.). O adjetivo que o constitui provém do latim *russus*, *a*, *um*, datado de 1572 segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1966).

### ÁS x AZ

**Ás** – (S. m.) Carta de baralho marcada com um só ponto e que inicia (ou, conforme o jogo, termina) a seqüência de cartas de cada naipe; pessoa exímia em determinada atividade.

**Az** – (S. m.) Ala de exército; esquadrão.

Do latim *as*, *assis*, o substantivo *as* é datado do século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha*, (CUNHA, 1982, s.v.) assim como *az* que provém do latim *acies*, e teve entrada no português no

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

mesmo século e possui a mesma fonte de datação.

### ASADO x AZADO

**Asado** – (Adj. ) Que tem asas; alado. (S. m.) Vaso com asas.

**Azado** – (Adj.) Propício, oportuno, próprio.

Particípio passado do verbo *asar*, o vocábulo *asado* entrou na língua em 1145 de acordo com *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.). O verbo *asar*, por sua vez, é formado pelo vocábulo latino *ansa*, *ae*, datado do século XIII de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

Com entrada no português no século XIV, de acordo também com *Antônio Geraldo da Cunha*, o adjetivo *azado* é o particípio passado do verbo *azar*, que quer dizer ‘dar azo ou oportunidade a’. (Datado de 1353, significa causa, motivo, oportunidade e provém do provençal *aize*. Exercício prático que leva à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral, do grego *áskesis*, 'exercício espiritual)

### ASCETA x ASSETA

**Asceta** – (S. 2 g.) Pessoa que se consagra à ascese (Exercício prático que leva à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral, do grego *áskesis*, 'exercício espiritual).

**Asseta** – (V.) Assetejar, provocar ferimento em ou matar com seta ou instrumento de incisão.

Com entrada no português em 1836, de acordo com *Francisco Solano Constâncio* (CONSTÂNCIO, 1836), o substantivo *asceta* provém do baixo-latim *asceta* que veio do grego *asketés*, “que pratica uma certa arte ou certo ofício”.

Já a forma verbal *asseta* apresenta-se na 3ª pessoa do singular no Presente do Indicativo, datada do século XV. O verbo é formado pelo prefixo *a*, o substantivo *seta* (= flecha) e o sufixo *ar*. O substantivo *seta* teve entrada no português no século XIII e provém do latim *sagitta*, *ae* pelo português antigo *saeta*, *seeta*. O verbo e o substantivo têm como fonte de datação o *Índice do Vocabulário do Português*

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Medieval* (CUNHA, 1982, s.v.).

### **BROCHA x BROXA**

**Brocha** – (S. f.) Prego curto, de cabeça larga e chata; tacha; cunha ou chaveta de madeira ou de ferro, que se põe nas extremidades dos eixos dos carros a fim de segurar as rodas; correia de couro que cinge o pescoço do boi pela parte inferior da canga.

**Broxa** – (S. f.) Pincel grande, de pêlos ordinários, empregado em caiação e noutros tipos de pintura pouco apurada. (S. m.) Termo chulo: Indivíduo sem potência sexual.

Os dois substantivos são datados do século XIV, de acordo com o *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.). O substantivo *brocha* é proveniente do francês *broche* (1121), pelo latim vulgar *\*brocca*, que é a forma feminina substantiva do adjetivo latino *broc(c)us*, *broc(c)hus*, *a*, *um* “saliente, proeminente, pontudo”, e *broxa* é proveniente do francês *brosse*.

### **BUCHO x BUXO**

**Bucho** – (S. m.) Estômago dos mamíferos e dos peixes; popularmente, o estômago do homem; ventre, barriga.

**Buxo** – (S. m.) Gênero-tipo das buxáceas, com arbustos e arvoretas, originários da Europa e da Ásia. Qualquer espécie desse gênero, como, por exemplo, *Buxus sempervirens*, dotado de flores pequenas e alvas, frutos capsulares, e de madeira útil para marchetaria, torno, instrumentos musicais de sopro e instrumentos de desenho, cujo nome vulgar é buxeiro.

Datado do século XIV, o substantivo *bucho* tem origem controversa e obscura.

Já o substantivo *buxo* provém do latim *buxus*, *i*, adaptado do grego *púxos*, *ou* e teve entrada no português em 1344. Os dois substantivos têm como fonte de datação o *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (CUNHA, 1982, s.v.).

### **CAÇAR x CASSAR**

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

**Caçar** – (V.) Perseguir (animais silvestres) a tiro, a laço, a rede, etc., para os aprisionar ou matar: caçar veados, elefantes; procurar, buscar.

**Cassar** – (V.) Fazer cessar, tornar nulos ou sem efeito, os direitos políticos ou de cidadão.

Do latim vulgar *\*captiare*, pelo latim clássico *capto, as, avi, atum, are*, o verbo *caçar* é datado do século XIII e o verbo *cassar*, do latim *casso, as, avi, atum, cassare*, é datado de 1257 de acordo com o *Índice do Vocabulário do Português Medieval (suplemento)* (MACHADO, 1977, s.v.).

### CALÇÃO x CAUÇÃO

**Calção** – (S. m.) Calça curta e entufada que ia da cintura às virilhas, depois até o meio da coxa e, por fim, até o joelho; calça de bocas um tanto largas, que não ultrapassa o meio da coxa.

**Caução** – (S. f.) Cautela, precaução; garantia, segurança; o que serve de penhor a um empréstimo, ou a um adiantamento; depósito de valores aceitos para tornar efetiva a responsabilidade dum encargo.

Datado de 1559 de acordo com a *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente* (SÁ, p. 317), *calção* é um substantivo formado por *calça* e o sufixo *ão*. O substantivo *calça* entrou no português antes de 1252, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), do latim vulgar *\*calcea*, derivado de *calceus, i*.

Já o substantivo *caução* provém do latim *cautio, onis*, datado de 1217 segundo *Leges et Consuetudines* (CUNHA, [s.d.], s.v.).

### CALDA x CAUDA

**Calda** – (S. f.) Solução de açúcar e água fervidos conjuntamente; xarope; sumo de qualquer fruta fervido com açúcar.

**Cauda** – (S. f.) Prolongamento posterior, mais ou menos comprido, do corpo de alguns animais; rabo. Por extensão, a parte do vestido ou manto que se arrasta posteriormente; a parte posterior ou o prolon-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

gamento de certas coisas: a cauda de um avião.

Os dois substantivos entraram no português no mesmo século (XIV) de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), possuindo, porém, origens diferentes: *caldá* provém do latim *caldus, a, um*, (< *calidus, a, um*), sendo a forma feminina do substantivo; e *cauda* provém do latim *cauda, ae*, por via culta.

### CEDE x SEDE

**Cede** – (V.) Transferir (a outrem) direitos, posse ou propriedade de alguma coisa. Pôr (algo) à disposição de alguém; emprestar: Cedolhe por uma semana minha casa de campo. Não resistir; sucumbir; dobrar-se, curvar-se.

**Sede** – (S. f.) Lugar onde alguém pode sentar-se; assento de pedra fixado na parede, junto à janela; centro de governo duma diocese ou paróquia; a casa principal de uma ordem religiosa; lugar onde se fixa um tribunal, um governo, uma administração, ou onde uma empresa comercial tem o seu principal estabelecimento.

A forma verbal *ceder* encontra-se na 3ª pessoa do singular no Presente do Indicativo, datada do século XIV de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), proveniente do latim *cedo, is, cessi, cessum, cedere* “ir, caminhar, ir-se embora, retirar-se, fazer cessão de bens”. Do latim *sedes, is* que significa “assento, cadeira, lugar em que se pode parar, pousar, morar”, é proveniente o substantivo *sede*, datado de 1446 de acordo com *Ordenações Afonsinas* (Cf. SILVA, 1446, s.v.).

### CÉDULA x SÉDULA

**Cédula** – (S. f.) Documento escrito; apontamento; papel representativo de moeda de curso legal; nota.; papel com o nome de candidato a cargo eletivo, e próprio para votação.

**Sédula** – (Adj.) Ativo, cuidadoso, diligente.

Do latim *schedula, ae*, diminutivo de *scheda, ae* “folha de livro, página”, é proveniente o substantivo *cédula*, datado de 1324 de

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

Já o adjetivo *sédula*, provém do latim *sedulus*, *a*, *um*, sendo a forma feminina que significa “cuidadosa, aplicada, zelosa”, com entrada na língua em 1665 de acordo com a *Academia dos Singulares de Lisboa* (Lisboa, 1665).

### CEGAR x SEGAR

**Cegar** – (V.) Tirar a vista a; tornar cego; privar do sentido da visão; fazer perder a razão; alucinar; tirar o fio ou o gume de (faca, navalha, tesoura, etc.); embotar.

**Segar** – (V.) Ceifar, cortar; pôr fim a; acabar com.

Do latim *caeco*, *as*, *avi*, *atum*, *are* “cegar, privar da vista”, derivado de *caecus*, *a*, *um* “cego”, é proveniente o verbo *cegar*; o verbo *segar*, porém, provém do latim *seco*, *as*, *secui*, *sectum*, *secare* “cortar, separar cortando”, por via popular, ambos com entrada no português no século XIII de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha (fichário)* (ASENSIO, 1951, *apud* CUNHA, 1962).

### CEITA x SEITA

**Ceita** – (S. f.) Tributo de dez-réis por família, que se pagava para se ficar isento de ir servir pessoalmente em Ceuta.

**Seita** – (S. f.) Doutrina ou sistema que diverge da opinião geral e é seguido por muitos; conjunto de indivíduos que professam a mesma doutrina; comunidade fechada, de cunho radical; teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos.

O substantivo *ceita* é uma alteração do topônimo *Ceita*, hoje *Ceuta*, do português antigo. Do latim *secta*, *ae*, com entrada no português no século XIII, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha (fichário)* (ASENSIO, 1951, *apud* CUNHA, 1962), o substantivo *seita* frequentemente está ligado ao verbo *sequi* “seguir, ir atrás de, ir em companhia de”; já os antigos, o associavam ao verbo latino *secare*, “cortar, recortar em pedaços, dividir em dois”.

### CELA x SELA

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Cela** – (S. f.) Pequena alcova ou quarto de dormir; aposento de freiras ou de freiras, nos conventos; aposento de condenado, em penitenciárias.

**Sela** – (S. f.) Arreio de cavalgadura, o qual constitui assento sobre que monta o cavaleiro.

No latim *cella, ae* “lugar em que se guarda alguma coisa, despensa, adega, celeiro, pequeno compartimento”, tem origem o substantivo *cela*.

Do latim *sella, ae* “cadeira, assento”, é proveniente o substantivo *sela*. Ambos são datados do século XIII, de acordo com o *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (CUNHA, 1982, s.v.).

### CELEIRO x SELEIRO

**Celeiro** – (S. m.) Casa onde se ajuntam e guardam cereais; depósito de provisões.

**Seleiro** – (S. m.) Fabricante ou vendedor de selas. (Adj.) Que é bom cavaleiro ou se firma bem na sela; diz-se do cavalo que já experimentou sela.

Do latim *cellarium, ii*, o substantivo *celeiro* teve entrada no português em 1032 de acordo com *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.). Já o substantivo *seleiro* é formado a partir do substantivo *sela* (Do latim *sella, ae* “cadeira, assento”, com entrada no português no século XIII de acordo com o IVP.M.) e o sufixo *eiro*, com entrada no português em 1393 de acordo com o *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (fichário) (CUNHA, 1982, s.v.).

### CEM x SEM

**Cem** – (Num.) Quantidade que é uma unidade maior que 99; noventa mais dez; número correspondente a essa quantidade (nessa acepção representa-se em algarismos arábicos por 100, e em algarismos romanos, por C).

**Sem** – (Prep. ) Indica falta, privação, exclusão, ausência, condição, exceção.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

Forma apocopada de *cento*, em decorrência de próclise, do latim *centum* “cem, cento”, o numeral *cem* teve entrada no português em 1275. No português arcaico, *cem* e *cento* eram empregados indiferentemente, com igual sentido; atualmente *cento* só é usado se combinado com unidades e dezenas (Ex.: cento e um; cento e dez).

Já a preposição *sem* provém do latim *sine*, com entrada no português no século XIII. Ambos têm como fonte de datação o *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (CUNHA, 1982, s.v.).

### CENA x SENA

**Cena** – (S. f.) A arte teatral; a arte do espetáculo; o drama; qualquer marcação ou diálogo dos atores; cada uma das unidades de ação numa peça, cuja divisão se faz segundo as entradas ou saídas dos atores; cena francesa; cada uma das situações ou lances no decorrer da evolução da intriga de uma peça, filme, novela, romance, etc.; episódio.

**Sena** – (S. f.) Carta de jogar, dado, ou peça de dominó com seis pintas ou pontos. (S. 2 g.) Indivíduo dos senas, um dos povos que habitam as províncias de Sofala, Manica, Zambézia e Tete (Moçambique); a língua falada pelos senas, pertencente ao grupo banto.

Do grego *skéné* “barraca, cabana, tenda ou qualquer construção para servir de abrigo”, pelo latim *scena, ae* “arte dramática, arte ou profissão de cômico”, o substantivo *cena* teve entrada no português em 1619, de acordo com *Francisco Rodrigues Lobo (Corte na Aldeia. 1619.)*.

Já o substantivo *sena* provém do latim clássico *senā*, plural neutro do numeral distributivo *seni, senae, sena*, “de seis em seis, a cada seis”, com entrada no português no século XIII de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha*.

### CENÁRIO x SENÁRIO

**Cenário** – (S. m.) Conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

(telões, bambolinas, bastidores, móveis, luzes, formas e cores), que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos locais onde decorre a ação dramática; conjunto de elementos que compõem o espaço criado para realização de um espetáculo artístico, filme cinematográfico ou programa de televisão.

**Senário** – (Adj.) Que contém seis unidades; que tem a base de seis: sistema senário; diz-se do verso latino composto de seis pés jâmbicos.

Com entrada no português em 1833, de acordo com a *Revista de Portugal*, Série A. Língua Portuguesa. p. 72. Lisboa, 1942, o substantivo *cenário* é proveniente do latim tardio *scaenarium*, *ii* “lugar de cena”, provavelmente pelo italiano *scenari* (antes de 1665) “papel com as indicações necessárias do contra-regra”.

Do latim *senarius*, *a*, *um* “composto de seis”, provém o substantivo *senário*, datado do século XV de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha*.

### CENSO x SENSO

**Censo** – (S. m.) Conjunto dos dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, província, estado, nação, etc., com todas as suas características; censo demográfico, recenseamento.

**Senso** – (S. m.) Faculdade de apreciar, de julgar, entendimento; juízo, tino, sisó, discrição, circunspeção.

Do latim *censo* “recenseamento, lista ou rol das pessoas e dos bens, feito pelo censor etc”, provém o substantivo *censo* com entrada no português em 1422, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

Já o substantivo *senso* provém do latim *sensus* “sentido, órgão sensório, sentimento, juízo, razão, inteligência”, com entrada no português no século XIV, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (fichário).

### CENSÓRIO x SENSÓRIO

**Censório** – (Adj.) De, ou pertencente ou relativo a censor (subst.) ou

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

a censura.

**Sensório** – (Adj.) Respeitante à sensibilidade; próprio para transmitir sensações. (S. m.) Qualquer centro nervoso sensitivo; sede de sensação, de localização encefálica.

**Do latim *ensorius, a, um, censório* teve entrada no português em 1589, de acordo com Amador Arrais ARRAIS, 1589).**

Com entrada no português em 1789, segundo *Antônio de Moraes Silva SILVA, 1789*), *sensório* é proveniente do baixo-latim *ensorium* “sede de uma faculdade”, derivado de *sensus*, pelo francês *sensorium* (1718) “órgão central onde as sensações provenientes de diversos órgãos sensoriais se sintetizam de maneira a permitir a percepção de um objeto”.

### CÉPTICO x SÉPTICO

**Céptico** – (Adj.) Que duvida de tudo; descrente; pertencente ou relativo ao cepticismo.

**Séptico** – (Adj.) Que provoca infecção; que contém germes patogênicos.

Do grego *skeptikós*, pelo latim *scepticu*, o adjetivo *céptico* teve entrada no português em 1702 com o *Pe. Sebastião Pacheco Varela (VARELA, 1702)*, e o adjetivo *séptico* provém do grego *septikós*, 'que causa putrefação', pelo latim *septicus, a, um* “corrosivo, que faz apodrecer” e teve entrada no português em 1601, de acordo com *Antônio da Cruz (CRUZ, 1601)*.

### CÉRIO x SÉRIO

**Cério** – (S. m.) Química: elemento de número atômico 58, metálico, pertencente aos lantanídeos, usado em ligas [símbolo: Ce].

**Sério** – (Adj.) Que merece atenção, cuidado, consideração; importante; que tem valor, mérito, importância; que denota gravidade, sobriedade; sóbrio, austero.

Com entrada no português em 1844, de acordo com o *Jornal*

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

*de Sciencias, Letras e Artes*, segundo *Antônio Geraldo da Cunha*, *cério* é proveniente do latim científico *cerium* (de Ceres + -ium), introduzido por Berzelius na linguagem internacional da Química em 1804, em alusão ao nome do planeta.

Já *sério*, é proveniente do latim *serius, a, um*, com entrada no português em 1652, de acordo com *Pe. Antônio Vieira* (VIEIRA, 1652).

### **CERRAÇÃO x SERRAÇÃO**

**Cerração** – (S. f.) Nevoeiro espesso; escuridão, treva(s).

**Serração** – (S. f.) Ato ou efeito de serrar; serradura, serramento, serradela, serragem.

O substantivo *cerração* é uma palavra formada por derivação sufixal (de cerrar + -ção), com entrada no português no século XV de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

Também é um derivado sufixal o substantivo *serração* (de serrar + -ção), com entrada no português em 1836, de acordo com *Francisco Solano Constâncio* (CONSTÂNCIO, 1836).

### **CERRAR x SERRAR**

**Cerrar** – (V.) Fechar; unir fortemente; apertar: cerrar os punhos, os dentes. Fechar-se, unir-se, juntar-se (as partes separadas ou afastadas de).

**Serrar** – (V.) Cortar, separar, dividir, com serra ou serrote; trabalhar com serra ou serrote.

Os dois verbos tiveram entrada no português no século XIII, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.). O verbo *cerrar* provém do latim tardio *serare*, de *sera* “fechadura, ferrolho”, e o verbo *serrar* é proveniente do latim *serro, as, avi, atum, are*, derivado de *serra, ae* “serra”.

### **CERVO x SERVO**

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

**Cervo** – (S. m.) Mamífero artiodáctilo, cervídeo (*Blastoceros dichotomus*), das regiões pantanosas da Bolívia, Brasil meridional, Paraguai e Uruguai. Castanho-claro, pés escuros, anel branco em torno da boca, e garganta e abdome claros; mede 2m de comprimento e 1,30m de altura, e a galhada tem 0,50m de comprimento, podendo chegar a quatro ou mais pontas em cada chifre, ramificadas dicotomicamente. Muda de galhada entre agosto e dezembro, e prefere as regiões de banhados e pântanos.

**Servo** – (S. m.) Aquele que não tem direitos, ou não dispõe de sua pessoa e bens; na época feudal, indivíduo cujo serviço estava adstrito à gleba e se transferia com ela, embora não fosse escravo; criado, servidor, servente; serviçal.

Os dois substantivos tiveram entrada no português no século XIII, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.). *Cervo* provém do latim científico *cervus*, descrito em 1758, o qual foi calcado no latim *cervum, i* “veado, cervo”, e *servo* do latim *servus, i*.

### CESSÃO x SEÇÃO x SESSÃO

**Cessão** – (S. f.) Ato de ceder.

**Seção** – (S. f.) Ato ou efeito de seccionar(-se); parte de um todo; segmento; cada uma das divisões ou subdivisões de uma repartição pública ou de um estabelecimento qualquer, correspondente a serviço ou assunto determinado; setor: seção eleitoral; seção médica; seção de pessoal; seção de arte. O conjunto dos balcões numa loja comercial que vendem um mesmo tipo de mercadoria: seção de roupas; seção de bijuteria.

**Sessão** – (S. f.) Espaço de tempo que dura a reunião de um corpo deliberativo, consultivo, etc.; espaço de tempo durante o qual funciona um congresso, uma junta, etc.; espaço de tempo durante o qual se realiza um trabalho ou parte dele: Levou três sessões para pintar o retrato. Nos teatros e cinemas, espaço de tempo em que se leva o programa diversas vezes ao dia, cada um desses espetáculos.

Com entrada no português no século XVI, de acordo com a *Ordenação Filippina* (século XVI), *cessão* provém do latim *cessio*,

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

*onis* “ação de ceder, transferência”; *seção* é variação de *secção*, do latim *sectio*, *onis*, do radical *sectum*, supino de *secare*. Já *sessão* é proveniente do latim *sessione*, 'ato de assentar-se', derivado de *sedere* “estar sentado, ter assento”, com entrada no português antes de 1595, de acordo com a *Jornada del-rei Dom Sebastião à África* (ed. de 1878, p. 159).

### CESSAR x SESSAR

**Cessar** – (V.) Não continuar; interromper-se; acabar, parar; deixar, desistir; interromper, suspender.

**Sessar** – (V.) Joeirar pela urupema; peneirar.

Com entrada no português em 1344, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), *cessar* provém do latim *cesso*, *as*, *avi*, *atum*, *are*, freqüentativo de *cedere*.

Segundo *Antenor Nascentes* (NASCENTES, 1988), *sessar* é proveniente do *quimbundo*<sup>5</sup> *kusesa*.; *Nei Lopes* tira do *quimbundo* e do *quicongo*<sup>6</sup> *sesa* “peneirar, joeirar”, com entrada no português em 1836 de acordo com *Francisco Solano Constâncio* (Cf. CUNHA, 1982, s.v.).

### CHÁ x XÁ

**Chá** – (S. m.) Árvore regular, ou arbusto, da família das teáceas (*Thea sinensis*), de frutos verdes e carnosos, flores alvas, hermafroditas, e de cujas folhas, coriáceas e lanceoladas, se faz uma infusão largamente usada em todo o mundo; as folhas secas e preparadas dessa planta; a infusão dessas folhas.

**Xá** – (S. m.) Título do ex-soberano do Irã (antiga Pérsia).

Com entrada no português em 1565, *chá* provém do chinês

---

<sup>5</sup> Língua banta dos bundos ou ambundos (Angola, África); ambundo, andongo, bundo, dongo, luanda, quindongo, e (desus.) língua de Angola.

<sup>6</sup> Língua banta falada no Congo, em Angola e na República Democrática do Congo (antigo Zaire), na África ocidental.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

**ch'a** (dialeto mandarino), segundo *Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado* (DALGADO, 1919-21).

Já o substantivo *xá*, com entrada no português em 1523, provém do persa *xah*, antigo persa *k<sup>h</sup>ayathiya*. Segundo *Dalgado*, o vocábulo foi levado à Índia, onde era posposto ao nome próprio, enquanto na Pérsia é anteposto. Os dois substantivos têm como fonte de datação o *Glossário Luso-Asiático* (DALGADO, 1919-21).

### CHÁCARA x XÁCARA

**Chácara** – (S. f.) Pequena propriedade campestre, em geral perto da cidade, com casa de habitação; terreno urbano de grandes dimensões, com casa de moradia, jardim, horta, pomar, etc.

**Xácara** – (S. f.) Narrativa popular em verso.

Com entrada no português em 1710, segundo as *Expedições, de E. Brazão*, *chácara* provém do *quíchua*<sup>7</sup> (quéchua) antigo *chacra*, hoje *chajra*, provavelmente pelo espanhol *chácara*, com anaptixe; *Antenor Nascentes* (NASCENTES, 1988) considera uma variação epentética de *chacra*.

Da mesma origem que o espanhol *jácara*, 'romance popular alegre em que se narram trechos de vida airada', é o substantivo *xácara* com entrada no português em 1836 segundo *Francisco Solano Constâncio* (Cf. CUNHA, 1982, s.v.).

### CHEQUE x XEQUE

**Cheque** – (S. m.) Ordem de pagamento de determinada quantia dirigida a um banco, por pessoa ou firma que aí tenha conta de depósito, em favor de outra pessoa ou firma.

**Xeque** – (S. m.) No jogo de xadrez, lance em que o rei fica numa casa atacada por uma peça adversária; acontecimento parlamentar que envolve perigo para o governo; risco, perigo, contratempo.

---

<sup>7</sup> Importante língua indígena sul-americana, ainda hoje falada na Bolívia, Argentina, Equador e Peru, e que foi língua geral do antigo império inca.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### **Xeque** – (S. m.) *Entre os árabes, chefe de tribo, ou soberano.*

Com entrada no português em 1840, segundo *Ferreira Borges, Dicionário Jurídico-Comercial*, 1840, *cheque* provém do inglês norte-americano **check** (1774) ou do inglês britânico **cheque** (grafia usada para diferenciar do substantivo *check* em outras acepções, derivado do verbo *to check* nas acepções “controlar, verificar”).

Já o substantivo *xequê*, ligado ao jogo de xadrez, teve entrada no português em 1899, segundo *Cândido de Figueiredo* (FIGUEIREDO, 1899), e provém do persa **xah**, pelo árabe **xah**, através da forma *xaque* por influência do francês *échec*. Com o significado de *chefe de tribo*, o substantivo teve entrada no português em 1327, segundo *Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado* (DALGADO, 1919-21), e provém do árabe **xauh** “velho, ancião, chefe, soberano”, variação de *xeique*.

### **CILÍCIO** x **SILÍCIO**

**Cilício** – (S. m.) Pequena túnica ou cinto ou cordão, de crina, de lã áspera, às vezes com farpas de madeira, que, por penitência, se trazia vestido diretamente sobre a pele. Sacrifício voluntário; martírio a que alguém se submete com resignação.

**Silício** – (S. m.) Elemento de número atômico 14, não metálico, cinzento, leve, duro, muito abundante na crosta terrestre, semicondutor largamente utilizado em eletrônica de estado sólido [símbolo: Si ].

Com entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), *cilício* provém do latim **ci-licium, ii** “pano grosseiro feito do pêlo de cabra da Cilícia de que se cobriam soldados e marinheiros; armação que servia de defesa contra projéteis e armas de arremesso”, no latim tardio **cilício** do grego **kilí-kion**, substantivo neutro de **kilíkios, a, um** “da Cilícia”.

Já *silício* provém do latim científico **silicium**, formado do latim **silix, icis** “seixo, pedra”, para o elemento obtido em 1822 por Berzelius, com entrada no português em 1836, segundo *Francisco Solano Constâncio* (Cf. CUNHA, 1982, s.v.).

### **CINTO** x **SINTO**

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

**Cinto** – (S. m.) Faixa ou tira de tecido, couro, etc., que cinge o meio do corpo, em geral com uma só volta.

**Sinto** – (V.) 1ª pessoa do singular no Presente do Indicativo do verbo sentir: Perceber por meio dos sentidos; experimentar (sensação física ou moral); ser afetado por; ser sensível a.

As duas palavras tiveram entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.). O substantivo provém do latim *cinctus* “ação de cingir, cinturão, cintura,” de *cinctum* supino de *cingere* ‘cingir’; a forma verbal provém do latim *sentio, is, sensi, sensum, sentire*.

### *CÍRIO x SÍRIO*

**Círio** – (S. m.) Vela grande, de cera. Procissão que, partindo de determinado lugar, vai levar um círio a outro lugar.

**Sírio** – (S. m.) Grande estrela da constelação do Cão Maior. (Adj. / S. m.) Da, ou pertencente ou relativo à Síria (Ásia); o natural ou habitante da Síria.

Com entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), o substantivo *círio* provém do latim *cereus, i* substantivo masculino de *cereus, a, um* “céreo, de cera”, derivado de *cera, ae*.

Já *sírio*, na acepção de estrela, teve entrada no português em 1624, segundo *Leonel da Costa* (COSTA, 1624) e provém do grego *seírios*, pelo latim *sirius, ii* ou latim *sirius, a, um* “relativo à estrela Sírio”, e na acepção de ‘natural ou habitante da Síria’ provém do grego *súrioi* forma singular de *súrios, a, on*, com entrada no português em 1899, segundo *Cândido de Figueiredo* (Cf. SILVA, 1958, s.v.).

### *CISÃO x SISÃO*

**Cisão** – (S. f.) Ato ou efeito de cindir; divergência, desacordo, dissensão; separação do corpo de um partido, de uma sociedade, de uma doutrina. (Variação de cissão).



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Sisão** – (S. m.) Ave pardacenta muito semelhante ao *adem*<sup>8</sup>, que apresenta uma espécie de colar de penas negras no pescoço.

Com entrada no português em 1843, de acordo com o *Jornal de Sciencias, Letras e Artes (Minerva Brasiliense*, publicado por huma Associação de Litteratos. nº 1, p. 5. Rio de Janeiro, na Typographia de J. E. S. Cabral, 1843-1845.), o substantivo *cisão* provém do latim *scissio*, *onis*, do radical de *scissum*, supino de *scindere* “fender, romper, rachar, partir”; talvez a redução do *-ss-* do étimo latino a *-s-* se deva à influência de palavras como *decisão*, *incisão* compostas de *caedere* (cortar), radical semanticamente aparentado.

Já o substantivo *sisão* provém do catalão *sisó*, pelo espanhol *sisón*. No dicionário *Houaiss*, não há indicação sobre a fonte de datação de entrada no português.

### CONCELHO x CONSELHO

**Concelho** – (S. m.) Circunscrição administrativa de categoria imediatamente inferior ao distrito, do qual é divisão.

**Conselho** – (S. m.) Parecer, juízo, opinião; advertência que se emite; admoestação, aviso; senso do que convém; tino, prudência, aviso.

Com entrada no português em 991, segundo *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.), *concelho* provém do latim *concili-um*, *ii* por via popular.

Já *conselho*, provém do latim *consilium*, *ii*, com entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

### CONCERTO x CONSERTO

**Concerto** – (S. m.) Ato ou efeito de concertar; comparação, cotejo, confronto; consonância de instrumentos, ou de vozes no canto; harmonia; composição musical extensa para um instrumento solista,

---

<sup>8</sup> Ave palmípeda anatídea (Anas boschas); alavanco, lavanco, pato-real. Do latim *anate*, pela forma arcaica *aade*.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

com acompanhamento de orquestra; espetáculo em que se executam obras musicais.

**Concerto** – (S. m.) Ato ou efeito de consertar; reparo.

Com entrada no português em 1364, segundo *Antônio Geraldo da Cunha*, *concerto* é derivação regressiva de *concertar*; na acepção musical, é empréstimo do italiano *concerto*, talvez através do francês *concert*.

*Concerto* também é derivação regressiva do verbo *consertar*, proveniente do latim vulgar \**consertare* freqüentativo do latim clássico *conserere* “ligar, atar, juntar partes entre si”, com entrada no português no século XIV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

### **COSER x COZER**

**Coser** – (V.) Unir com pontos de agulha; costurar.

**Cozer** – (V.) Preparar (alimentos) pela ação do fogo; submeter à ação do fogo (substâncias dentro de líquido); cozinhar.

Os dois verbos tiveram entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.). O verbo *coser* provém do latim vulgar \**cosere*, por *consuo*, *is*, *sui*, *sutum suere* “unir uma coisa a outra”, e *cozer* provém do latim vulgar \**coco*, *is*, *coxi*, *coctum*, *ere*.

### **DECENTE x DESCENTE**

**Decente** – (Adj. 2 g.) Conforme à decência, ao decoro, ao bom-tom; correto, digno; que age com decência; honesto, honrado, sério; que mostra recato, pudor: moça decente; conveniente, satisfatório, adequado.

**Descente** – (Adj. 2 g. / S. f.) Que desce. Descida; vazante.

Com entrada no português em 1572, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), o adjetivo *decente* provém do latim *decens*, *entis* particípio presente do verbo impessoal latino *decet*,

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

*decebat, decuit, ere* “ser decoroso, conveniente”.

Já *descende*, com entrada no português no século XV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), é uma derivação sufixal do verbo *descer* (descer + -nte), o qual tem entrada no português em 1244 e provém do latim *descendo, is, di, sum, ere* “descender, aproximar-se de, descer, provir”.

### EMPOÇAR x EMPOSSAR

**Empoçar** – (V.) Meter em poço ou poça; formar poça; cair em poça; atolar-se.

**Empossar** – (V.) Dar posse a; investir na posse; tomar posse; apos-sar-se, apoderar-se, assenhorear-se.

Com entrada no português em 1562, segundo *Hieronimum Cardozum* (CARDOZUM, 1962), o verbo *empoçar* é uma derivação do substantivo *poço* [de em- + poço + -ar], o qual tem entrada na língua em 937, segundo *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.), e provém do latim *puteus, i* “buraco, fossa, poço de mina; cisterna ou cova onde se guardam grãos etc.”.

Já *empossar*, com entrada no português em 1537, de acordo com o *Corpo Diplomático Portuguez* (SILVA, L.A.R, p. 406), é uma derivação do substantivo *posse* [de em- + posse + -ar], o qual tem entrada na língua no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), e provém de *posse* substantivo infinitivo latino de *possum, potes, potui, posse* “poder, ser capaz de”.

### ESPEÇAR x ESPESSAR

**Espeçar** – (V.) Tornar mais comprido (uma peça à qual se junta outra longitudinalmente).

**Espeessar** – (V.) Tornar espesso, grosso ou denso; engrossar; condensar.

Com entrada no português em 1899, segundo *Cândido de Figueiredo* (Cf. CUNHA, 1982, s.v.), o verbo *espeçar* tem origem obscura. Para alguns autores, a base deve ser *peça*; há quem veja no vo-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

cábulo a mesma formação do antigo verbo *repeçar* “juntar ou pregar peças, remendar”.

Já o verbo *espessar*, com entrada no português no século XIV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, 1951, *apud* CUNHA, 1962), provém do latim *spisso, as, avi, atum, are* “condensar, fazer espesso, apertado”.

### *ESPECTADOR x EXPECTADOR*

**Espectador** – (S. m.) Aquele que vê qualquer ato; testemunha; aquele que assiste a qualquer espetáculo.

**Expectador** – (S. m.) Aquele que tem expectativa, que está na expectativa.

Com entrada no português em 1677, segundo *Duarte Ribeiro de Macedo* (MACEDO, 1677), o substantivo *espectador* provém do latim *spectator, oris*.

Já *expectador*, com entrada no português em 1762, segundo *Francisco Calmon* (CALMON, 1982), provém do latim *expectator* por *exspectator, oris*, do radical de *exspectum*, supino de *exspectare*.

### *ESPERTO x EXPERTO*

**Esperto** – (Adj.) Acordado, desperto; inteligente, fino, arguto; enérgico, vigoroso; espertalhão.

**Experto** – (Adj. / S. m.) Que tem experiência; experimentado, experiente; que sabe ou tem conhecimento; sabedor, ciente; indivíduo que adquiriu grande conhecimento ou habilidade graças à experiência, à prática.

Com entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), *esperto* provém do latim vulgar *expertus, a, um*, forma contrata de *expergitus, a, um* particípio passado de *expergo, is, gi, gitum, ere* “despertar, acordar”.

Já o adjetivo *experto*, provém do latim *expertus, a, um*, parti-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

cípio passado de *experior, iris, ertus, sum, eriri*, com entrada no português em 1572, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.).

### *ESPIAR x EXPIAR*

**Espi**ar – (V.) Observar secretamente; procurar descobrir, com o fim de fazer danos, as ações de; espionar; olhar, observar furtivamente, disfarçadamente.

**Exp**iar – (V.) Remir (a culpa), cumprindo pena; pagar; sofrer as conseqüências de; sofrer, padecer; purificar-se (de crimes ou pecados).

Com entrada no português no século XV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), o verbo *espiar* tem origem provavelmente no gótico *spaihôn*.

Sua forma homônima provém do latim *expio, as, avi, atum, are*, com entrada no português antes de 1669, segundo *Antônio de Moraes Silva* (SILVA, 1958).

### *ESPIRAR x EXPIRAR*

**Espir**ar – (V.) Exalar, desprender, emanar: As flores espiram perfumes; emitir sopra; bafejar, soprar; respirar; estar ou parecer vivo.

**Exp**irar – (V.) Expelir (o ar) dos pulmões; exalar, bafejar, respirar; chegar ao fim; acabar, terminar, finalizar(-se); extinguir-se a pouco e pouco; sumir-se, definhar; morrer.

Os dois verbos tiveram entrada no português no século XIV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962). A forma verbal *espirar* provém do latim *spiro, as, avi, atum, are*, e *expirar* provém do latim *expiro* por *expiro, as, avi, atum, are*.

### *ESTÁTICO x EXTÁTICO*

**Estático** – (Adj.) Imóvel como estátua; sem movimento; parado, hirto; que se acha em estado de repouso (em oposição a dinâmico); parado.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

**Extático** – (Adj.) Posto em êxtase; absorto, enlevado.

Com entrada no português em 1644, tendo como fonte de datação as *Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista* (LUND, 1980, p. 75.), o adjetivo *estático* provém do grego *statikós, é, ón*.

Já o adjetivo *extático* teve entrada no português no século XV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), e é proveniente do grego *ekstatikós, é, ón*.

### **ESTERNO x EXTERNO**

**Esterno** – (S. m.) Osso ímpar, situado na parte anterior do tórax, e com o qual se articulam as clavículas e as cartilagens costais das sete primeiras costelas.

**Externo** – (Adj.) Que está por fora, ou que vem de fora; exterior.

Com entrada no português em 1670, segundo *Antônio Ferreira* (FERREIRA, 1670), o substantivo *esterno* provém do latim científico *esternum* pelo grego *stérnon* “peito, caixa torácica”.

O adjetivo *externo*, com entrada no português em 1660, segundo *Dom Francisco Manuel de Melo* (MELO, 1977), provém do latim *externus, a, um*, radical estendido de *exterus, a, um* de *ex* (fora de) + *-ter* (sufixo nominalizador).

### **ESTRATO x EXTRATO**

**Estrato** – (S. m.) Cada uma das camadas das rochas estratificadas. Faixa ou camada de uma população quanto ao nível de renda, posição social, educação, etc.

**Extrato** – (S. m.) Coisa que se extraiu de outra; trecho, fragmento; resumo, síntese; reprodução, cópia; produto industrial constituído de essência aromática; perfume; produto obtido pelo tratamento de substâncias animais ou vegetais por um dissolvente apropriado, evaporando-se depois até à consistência desejada o excipiente que se empregou.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Com entrada no português em 1873, segundo *Frei Domingos Vieira* (VIEIRA, 1871-4), *estrato* provém do latim *stratum, i*, substantivo neutro singular do particípio passado de *sternere* “estender por cima, pôr em cima, desdobrar”.

E o substantivo *estrato*, com entrada no português em 1540, de acordo com o *Corpo Diplomático Português* (SILVA, L. A. R.), provém do latim *extractum, i*, substantivo neutro singular do particípio passado *extractus, a, um*, de *extraere*.

### INCERTO x INSERTO

**Incerto** – (Adj.) Não certo; indeterminado, impreciso; duvidoso, hipotético, problemático, contingente, aleatório; inconstante, variável, mudável; indeciso, irresoluto, vacilante, hesitante.

**Inserto** – (Adj.) Introduzido, inserido; publicado entre outras coisas.

Com entrada no português no século XIV, adjetivo *incerto* provém do latim *incertus, a, um* “que não é preciso, não fixado, não determinado”.

Já *inserto* provém do latim *insertus, a, um* “metido, introduzido”, com entrada no português no século XV. Os dois adjetivos possuem como fonte de datação o *Índice do Vocabulário do Português Medieval (Fichário)* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962).

### INCIPIENTE x INSIPIENTE

**Incipiente** – (Adj. 2 g.) Que está no começo; principiante.

**Insipiente** – (Adj. 2 g.) Não sapiente; ignorante; desassissado, insensato; sem cautela; imprudente.

Com entrada no português em 1735, segundo *Manoel Rodrigues Coelho* (COELHO, 1735), *incipiente* provém do latim *incipiens, entis* particípio presente de *incipere*, ‘começar, dar princípio’.

Já o adjetivo *insipiente* provém do latim *insipiens, entis* ‘desarrazoado, insensato’, com entrada no português em 1589, segundo *Amador Arrais* (ARRAIS, 1589).

### *INTENÇÃO x INTENSÃO*

**Intenção** – (S. f.) Ato de tender; intento, tenção; vontade, desejo, pensamento; propósito, plano, deliberação.

**Intensão** – (S. f.) Veemência, intensidade; aumento de tensão.

Com entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), *intenção* provém do latim *intentio, onis* “ação de entesar, de estender, pressão, esforço, vontade etc.”.

Já o substantivo *intensão*, com entrada no português em 1540, segundo *João de Barros* (BARROS, [s.d.]), provém do latim *intensio, onis* “ação de entesar, tensão, esforço”; note-se que **intenção** e **intensão** especializaram seus sentidos para cada forma, ainda que ambas provenham do supino de *intendere* (estender, entesar) que possui duas formas: uma *intentum* e a outra *intensum*.

### *INTERCESSÃO x INTERSEÇÃO*

**Intercessão** – (S. f.) Ato de interceder; intervenção.

**Interseção** – (S. f.) Ato de cortar; corte; cruzamento. Operação por meio da qual se forma o conjunto de todos os elementos que pertencem simultaneamente a dois ou mais conjuntos; produto. (Variação de intersecção.)

Com entrada no português no século XV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), *intercessão* provém do latim *intercessio, onis* ‘interposição, mediação’.

Já o substantivo *interseção*, com entrada no português em 1678, segundo *Pe. Antônio Carvalho da Costa* (COSTA, 1678), provém do latim *intersectio, onis* ‘o espaço entre dois dentículos nos capitéis das colunas jônicas e coríntias’.

### *LAÇO x LASSO*

**Laço** – (S. m.) Nó que se desata sem esforço, e que apresenta uma, duas ou mais alças; aliança, vínculo, união.



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Lasso** – (Adj.) Cansado, fatigado, enervado; frouxo, bambo, relaxado, laxo.

As duas formas tiveram entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962). O substantivo *laço* provém do latim vulgar \**laceus*, *i* por *laqueu* ‘laço, nó, qualquer armadilha para caça, cilada, empecilho’, e o adjetivo *lasso* provém do latim *lassus*, *a*, *um* ‘cansado, fatigado, inclinado, debruçado, caído, derrubado, lânguido, abatido, enfermo’.

### MAÇA x MASSA

**Maça** – (S. f.) Clava; arma de ferro ou de outro material, com uma extremidade esférica provida de pontas aguçadas; pilão cilíndrico usado pelos calceteiros; maço; instrumento com que se maça o linho.

**Massa** – (S. f.) Quantidade mais ou menos considerável de matéria sólida ou pastosa, em geral de forma indefinida; aglomerado de elementos (em geral da mesma natureza) que formam um conjunto; a totalidade, ou grande maioria; mistura de farinha com água ou com outro líquido, formando pasta; substância mole e pastosa preparada para determinado fim; pasta.

Com entrada no português no século XIV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), o substantivo *maça* provém do latim vulgar \**matea* ou \**mattea*, provavelmente do latim *mateola*, *ae* ‘pau, instrumento agrícola, cabo de enxada’.

Já *massa* provém do grego *máza*, pelo latim *massa*, *ae* ‘monete, massa, o todo, a totalidade’ e teve entrada no português no século XIII, de acordo com o *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (*Fichário*) (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962).

### MAIS x MAS

**Mais** – (Adv.) Designa aumento, grandeza, superioridade ou comparação.

**Mas** – (Conj.) Exprime oposição ou restrição; porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

As duas formas tiveram entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962). O advérbio *mais* provém do latim *magis* o qual, pelo português arcaico, deu origem à conjunção *mas*. O valor adversativo originou-se do fato de, em muitos contextos em que se usava esta partícula, a idéia de adversativa estar implícita, do que resultou a fixação desse sentido na partícula.

### PAÇO x PASSO

**Paço** – (S. m.) Palácio real ou episcopal; edifício suntuoso, nobre; a corte; os cortesãos.

**Passo** – (S. m.) Ato de deslocar o ponto de apoio do corpo de um pé para o outro, por meio de movimentos para a frente, para trás ou para os lados; o espaço percorrido a cada um desses movimentos; o ato de andar; andamento, marcha

Com entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), o substantivo *paço* provém do latim *palatium, i* ‘Palatino’, colina de Roma onde ficava a moradia imperial; na poesia da época imperial e na prosa de baixa época, passou a designar *palácio*, com síncope, por via popular.

Já o substantivo *passo*, com entrada no português em 1008, segundo *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.), provém do latim *passus, us* e tardio *passus, i*, propriamente afastamento das pernas, donde espaço compreendido entre esse afastamento; passada, medida itinerária acerca de um metro e meio, derivado de *pandere* ‘estender, abrir, desenrolar, afastar’.

### POLPA x POUPA

**Polpa** – (S. f.) Carne musculosa, sem ossos nem gorduras; a parte carnosa dos frutos, raízes, etc.

**Poupa** – (S. f.) Pássaro semelhante à pega. Tufo de pena que adorna a cabeça de algumas aves; crista, penacho. (V.) 3ª pessoa do singular no Presente do Indicativo do verbo poupar: gastar com moderação ou economia; despende com parcimônia; não desperdiçar; economizar;

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

viver com economia; amearhar.

Com entrada no português em 1563, segundo *João de Barros BARROS*), o substantivo *polpa* provém do latim *pulpa, ae* ‘parte carnosa (dos animais), fibra, carne (das pessoas), corpo, polpa (dos frutos)’.

Por outro lado, a forma *poupa*, com entrada no português antes de 1580, de acordo com a *Lírica de Camões* (edição de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira de 1918), provém do latim *u-pupa, ae*, e o verbo *poupar* provém do latim *palpo, as, avi, atum, are* ‘tocar levemente com a mão, acariciar, afagar’, com entrada no português no século XIII, de acordo com o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (MACHADO, 1949-64). *Antenor Nascentes* (NASCENTES, 1988). comenta que a idéia de gastar moderadamente provém “das cautelas de quem apalpa”.

### **PRESAR x PREZAR**

**Presar** – (V.) Apresar; tomar como presa; capturar, aprisionar, apreender.

**Prezar** – (V.) Ter em alto preço; ter em grande consideração ou respeito; estimar muito; apreciar; desejar, amar, querer.

Com entrada no português em 1899, segundo *Cândido de Figueiredo* (Cf. CUNHA, 1982, s.v.), é formado pelo substantivo *presa* + o sufixo *-ar*. Já o substantivo *presa* teve entrada no português no século XIII, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), sendo um substantivo feminino de *preso*, particípio irregular de *prender* do latim *prehensus, a, um* particípio passado de *prehendere*.

Já a forma verbal *prezar*, com entrada no português no mesmo século em que o substantivo *presa* e de acordo com a mesma fonte de datação, provém do latim *pretio, as, avi, atum, are* ‘apreciar, estimar’, derivado de *pretium, ii* ‘preço, valor, merecimento’.

### REMIÇÃO x REMISSÃO

**Remição** – (S. f.) Ato ou efeito de remir(-se); libertação, resgate; salvação de pecados ou de crimes por meio da expiação.

**Remissão** – (S. f.) Ação ou efeito de remitir(-se); remissão; misericórdia, clemência, indulgência; perdão; ação ou efeito de remeter, de mandar a um ponto dado.

Com entrada no português em 1844, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1982, s.v.), *remição* é formado pelo verbo *remir* + o sufixo *-ção*. O verbo *remir* teve entrada no português no século XIII, segundo o *Índice do Vocabulário do Português Medieval (fichário)* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), proveniente do latim *redimo, is, emi, emptum/emptum, imere* ‘resgatar, comprar para substituir, libertar, salvar etc.’, por via popular.

Já o substantivo *remissão*, com entrada no português no mesmo século em que o verbo *remir* e, de acordo com a mesma fonte de datação, provém do latim *remissio, onis* ‘ação de pôr a caminho de novo; diminuição; isenção’.

### RUÇO x RUSSO

**Ruço** – (Adj.) Tirante a pardo; pardacento, pardaço; diz-se do cabelo ou da barba grisalha, arruçada, ou da pessoa que tem cabelos ou barbas dessa cor. Difícil, complicado, apertado.

**Russo** – (Adj. / S. m.) Da, ou pertencente ou relativo à Rússia ou aos seus habitantes; o natural ou habitante da Rússia; vocábulo dessa língua.

Com entrada no português no século XIV, segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), o adjetivo *ruço* provém, provavelmente, do latim *roscidus, a, um* ‘orvalhado’.

Já *russo* é de origem controversa: segundo *Antônio Geraldo da Cunha* (CUNHA, 1966), provém do latim medieval *rusi* plural *rossos*, derivado do russo *rús* de origem escandinava; segundo *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.), é proveniente do francês *russe* (século XV) e segundo *Antenor Nascentes* (NASCENTES, 1988), do Finlandês *ruotsen*.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### TACHA x TAXA

**Tacha** – (S. f.) Pequeno prego de cabeça larga e chata; brocha; mancha, nódoa; defeito moral, mácula.

**Taxa** – (S. f.) Tributo, imposto; preço cobrado por certos serviços; tarifa.

O substantivo *tacha* é de origem controversa. Com a acepção de *pequeno prego*, teve entrada no português em 1508, segundo *Conde de Sabugosa* (SABUGOSA, 1905). Conforme *Antenor Nascentes* e *Antônio Geraldo da Cunha* provém do espanhol *tacha*, do *occitânico* *tacha*, sendo este de origem incerta, segundo *Joan Corominas* (COROMINAS, 1980). Já na acepção de *mancha* (século XV), *mácula* (século XIV), de acordo com *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (fichário) (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), provém do francês *tache* (século XI), de origem incerta, talvez do gótico *taikn* ‘sinal, marca’, latinizado *\*tacca* ou de um latim vulgar *\*tagicare*, derivado de *tangere* ‘tanger, tocar’, sob influência de *tingere* ‘tingir’.

Já o substantivo *taxa*, com entrada no português em 1372, de acordo com os *Descobrimentos Portugueses* (MARQUES, 1944), é formado por derivação regressiva do verbo *taxar*, o qual provém do latim *taxo, as, avi, atum, are*.

### TERÇO x TERSO

**Terço** – (Num.) Terceiro; fracionário correspondente a três. (S. m.) A terça parte de qualquer coisa; a terça parte do rosário.

**Terso** – (Adj.) Puro, limpo; lustroso, polido; correto, vernáculo.

Com entrada no português no século XIII, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha* (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962), *terço* provém do latim clássico *tertius, a, um* por via popular.

Já o adjetivo *terso* provém do latim *tersus, a, um*, com entrada no português em 1588, segundo *Luís Pereira Brandão* (BRANDÃO, 1958).

**TESTO x TEXTO**

**Testo** (ê) – (S. m.) Tapa de barro ou de ferro, para vasilhas.

**Texto** – (S. m.) Conjunto de palavras, de frases escritas; obra escrita considerada na sua redação original e autêntica (por oposição a sumário, tradução, notas, comentários, etc.). Toda e qualquer expressão, ou conjunto de expressões, que a escrita fixou.

As duas formas tiveram entrada no português no século XIV, de acordo com *Antônio Geraldo da Cunha*. O substantivo *testo* provém do latim *testu* (indeclinável) ou *testum, i*. Por outro lado, *texto* provém do latim *textus, us* 'narrativa, exposição', do verbo latino *texo, is, xui, xtum, ere* 'tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar'.

**TRANSVASAR x TRANSVAZAR**

**Transvasar** – (V.) Passar dum vaso para outro; trasfegar, transfundir. (Variação de trasvasar).

**Transvazar** – (V.) Pôr fora; entornar, verter, transudar; entornar-se, derramar-se.

Com entrada no português em 1858, segundo *Antônio de Moraes Silva* (SILVA, 1958), o verbo *transvasar* é formado a partir do substantivo *vaso* (de trans- + vaso + -ar], o qual é proveniente do latim vulgar *\*vasum*, do latim clássico *vas, asis*, com entrada no português no século XIII, de acordo com o *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (fichário) (ASENSIO, *apud* CUNHA, 1962).

Já *transvazar*, com entrada no português em 1874, segundo *Frei Domingos Vieira* (VIEIRA, 1871-4), é formado pelo prefixo *trans-* e o verbo *vazar* [de trans- + *vazar*], que é uma alteração de *vaziar*, proveniente de *vazio* pelo latim *vacivus, a, um*.

**TRÁS x TRAZ**

**Trás** – (Prep. / Adv.) Depois de, após; atrás, detrás; em seguida.

**Traz** – (V.) 3ª pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo *trazer*: conduzir ou transportar para o local onde está o falante; trans-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

ferir de um lugar para outro; transmitir; ter consigo; transportar, levar, portar.

Com entrada no português em 960, a palavra *trás* provém do latim *trans* 'além de, para lá de'.

Já a forma verbal *trazer*, com entrada no português em 1034, provém do latim clássico *\*traho, is, xi, ctum, ere* 'puxar', 'arrastar', pelo latim vulgar *\*trago, \*tragui*, e pelo português arcaico *trager*. As duas formas possuem a mesma fonte de datação, segundo *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.).

### VÓS x VOZ

**Vós** – Pronome pessoal da 2ª pessoa do plural de ambos os gêneros. Usa-se quando nos dirigimos a muitas pessoas (ou animais ou coisas personificados), funcionando como sujeito, como predicativo e como regime de preposições.

**Voz** – (S. f.) Som ou conjunto de sons emitidos pelo aparelho fonador. Faculdade de falar; fala.

Com entrada no português no século XIII, segundo o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (Cf. NASCENTES, 1988, s.v.), o pronome *vós* provém do latim *vos* (tônico), nominativo de *vos, vestri ou vostrum*.

Já o substantivo *voz*, com entrada no português em 978, segundo *José Pedro Machado* (MACHADO, 1977, s.v.), provém do latim *vox, vocis* 'som da voz, voz'.

### CONCLUSÃO

A execução deste trabalho possibilitou um grande aprendizado e um enorme interesse pela pesquisa no que diz respeito à etimologia das palavras existentes em nossa língua.

Para realização deste trabalho foram analisados adjetivos, verbos e substantivos que utilizamos normalmente em nosso dia-a-dia. A pesquisa permitiu um contato mais próximo à Língua Portuguesa no que diz respeito à origem das palavras homônimas homó-

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

fonas. Se todas as pessoas, alunos e professores, tivessem conhecimento da origem e evolução das palavras, seria muito fácil estabelecer as diferenças e fazer o uso correto de cada palavra.

Em relação aos homônimos homófonos, isto seria extremamente importante pois por pronunciarmos as palavras da mesma maneira, às vezes, poderíamos escrevê-las erradamente, o que causaria um grande problema, uma vez que ao trocarmos a grafia, modificaríamos também o significado das palavras. Como foi visto no trabalho, o conhecimento prévio da etimologia de cada palavra, especialmente das homônimas homófonas, possibilitaria o uso adequado de cada vocábulo respeitando, inclusive, o significado pedido pelo contexto analisado.

O breve estudo etimológico desenvolvido nesta monografia possibilitou a observação de alguns processos existentes na Língua Portuguesa que se mostraram invariáveis, como por exemplo o fato de todo *-one* em latim evoluir para *-ão* em português. Isso pôde ser verificado, como vimos, em palavras como *cessione* > *cessão*, *sessione* > *sessão*, *intensione* > *intensão*, *intercessione* > *intercessão*.

Outro aspecto importante observado foi o fato de todo *-tione* em latim ter evoluído para *-ção* em português, como por exemplo em *sectione* > *se(c)ção*, *intentione* > *intenção*, *intersectione* > *interse(c)ção*.

Além disso, a grande maioria das palavras analisadas tiveram sua entrada na Língua Portuguesa por volta do século XIII e o nome mais citado como aquele que registrou a aparição desses vocábulos na língua foi, sem dúvida, Antônio Geraldo da Cunha no Índice do Vocabulário do Português Medieval (Fundação Casa de Rui Barbosa), no Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (Rio de Janeiro, 1982; 2ª ed., 1986) e no Índice Analítico do Vocabulário de 'Os Lusíadas' ([1572]. 1ª ed., vol. 3. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1966).

Enfim, torna-se imprescindível ressaltar que há algumas dificuldades a serem vencidas em relação a uma análise etimológica das palavras, visto que nem sempre dispomos de material necessário para a condução de uma pesquisa séria e voltada ao esclarecimento de dúvidas relativas a este assunto. Talvez por esse motivo os corpos



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

docente e discente não tenham tanta facilidade, e ao mesmo tempo interesse, para realizar uma pesquisa voltada para este campo de estudo.

Por outro lado, é impossível afirmarmos que qualquer assunto está esgotado para análise ou discussão, principalmente se falarmos de uma língua tão dinâmica como a nossa. Sendo a Língua Portuguesa um organismo vivo e em constante evolução, torna-se necessário estarmos atentos às modificações ocorridas na mesma, objetivando nos prepararmos melhor para elucidarmos dúvidas pertinentes ao corpo discente.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRAIS, Amador. *Diálogos de Dom Frei Amador Arrais, Bispo de Portalegre*. Coimbra, 1589.

ASENSIO, Eugenio (ed.). *Comedia Eufrosina*. Edición, prólogo y notas de Eugenio Asensio. p. 17. Madrid, 1951.

BARROS, João de. *Décadas*: I. Asia de Ioam de Barros dos factos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares e terras do oriente [...]. Lisboa, 1552; II. Segunda década da Asia [...]. Lisboa, 1553.; III. Terceira década da Asia [...]. Lisboa, 1563.

———. *Dialogo de João de Barros com dous filhos seus, sobre preceptos moraes, em modo de jogo*. Olyssipone. Lodouicum Rotorigiū Typographum, [s.d.], p. 11. [Publicação póstuma, tendo falecido o autor em 1540].

BRANDÃO, Luís Pereira. *Elegiada*, Poema Heróico de 18 cantos, a Guerra, a Pedra e a Morte de El-Rei D. Sebastião. 1588.

CALMON, Francisco. *Relação das faustissimas festas [...] da Comarca da Bahia [...]*. 1762. p. 60. Reprodução fac-similada publicada pela Funarte / INF. Rio de Janeiro, 1982.

CARDOZUM, Hieronimum. *Dictionarium latino lusitanicum et lusitanico latinum*. Ulissypone: Ex officina & sumptibus Antonii Craesbeeck à Mello Serenissimi Principi Typographi, 1677 [1ª ed.: 1562].

COELHO, Manoel Rodrigues. *Pharmacopea Tubalense, chimico-galenica*. Lisboa, 1735.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*. Paris, 1836.

COROMINAS, Joan Corominas. *Diccionario Critico Etimológico Castellano y Hispánico*. Vol. 6. Madrid, 1980-1991.

COSTA, Leonel da. *Éclogas & Geórgicas de Virgílio* – Traduzidas do Latim em verso solto, com a explicação de todos os lugares escuros, históricos e fábulas que o poeta tocou, e outras curiosidades muito dignas de se saberem. Lisboa, 1624.

COSTA, Pe. Antônio Carvalho da. *Tratado compendioso da fábrica e uso dos relógios do sol*. Lisboa, 1678.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1978.

CRUZ, Antônio da. *Recopilação da Cirurgia*. 1601.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.

———. *Índice Analítico do Vocabulário de 'Os Lusíadas'* [1572]. 1ª ed., vol. 3. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1966.

———. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*. Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, [s.d.].

DALGADO, Monsenhor Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. 2 vols. Coimbra, 1919-1921.

FERREIRA, Antônio. *Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia*. Lisboa, 1670.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **DICIONÁRIO AURÉLIO** – Novo Aurélio Século XXI : O dicionário da Língua Portuguesa. CD-ROM. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1899.

HAUY, Amini Boainain. *História da Língua Portuguesa – I*. 2ª ed. São Paulo : Ática, [1994]. Série Fundamentos.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

LUND, Christopher C. *Istorias e ditos galantes que sucederão e se disserão no Paço* [Texto manuscrito do século XVII (c 1664). Leitura do texto, introdução, notas e índices por... Coimbra, 1980, p. 75.

MACEDO, Duarte Ribeiro de. *História da Imperatriz Teodora*. 1677.

MACHADO, Elza e MACHADO, José Pedro(ed.). *Antigo Colocci-Brancuti*. Leituras, comentários e glossários por... [1949-1964].

MARQUES, João Martins da Silva (ed.). *Descobrimientos Portugueses – Documentos para a sua Historia* publicados e prefaciados por. Lisboa, 1944.

MELO, Dom Francisco Manuel de. *Epanaphoras de varia historia portuguesa [...]*. Lisboa, 1660, p. 78. Texto fac-similado, reproduzido na edição de Joel Serrão, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1977.

MESSNER, Dieter. *Dicionário dos dicionários portugueses*. Institut fur Romannistik der Universitat Salzburg. 1994 [Em publicação].

NASCENTES, Antenor. *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, Bloch Ed., 1ª ed., 1930; 2ª ed., 1988.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da Língua Portuguesa – II*. São Paulo : Ática, [1988]. Série Fundamentos.

RODRIGUES, José Maria e VIEIRA, Afonso Lopes. *Lírica de Camões*. Edição Crítica. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1918.

SÁ, Artur Basílio de. *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*. Coligida e anotada por. *Insulíndia*. Vol. II, p. 317.

SABUGOSA, Conde de. *O Paço de Cintra*. [Que tem apensado o livro *Truncado de Receita e Despesas de André Gonçalves*, datado de 1508.]. Lisboa, 1905.

SILVA, Abel Brito e. *Frustrando a ignorância – 1290 palavras homônimas e parônimas*.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 6ª ed., Lisboa, 1958.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

SILVA, Luiz Augusto Rebello da. *Corpo Diplomático Portuguez* por Luiz Augusto Rebello da Silva. Contém os actos e relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo desde o século XVI até os nossos dias. Academia real das Sciencias de Lisboa, vol. IV, p. 305.

VARELA, *Sebastião Pacheco*. *Número Vocal*, Exemplar Católico e Político, proposto ao maior entre os Santos, o glorioso João Batista etc. Lisboa, 1702.

VICENTE, Gil. *Copilançam de totalas obras de Gil Vicente* [1502-1536]. Lisboa.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugeza*. 5 vols. Porto, 1871-1874

VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermoens do Padre Antônio Vieira*. Em Lisboa. Tomos 1 a 15. 1679-1690.

———. *Arte de Furtar*. Ed. de 1652.

# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## OS SUFIXOS FORMADORES DE ADJETIVOS COM IDÉIA NEGATIVA

*Juliana C. de Lima Muniz*

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho, intitulado "Sufixos formadores de adjetivos com idéias negativas", é justamente fazer um levantamento dos sufixos de que se vale Manuel Antônio de Almeida na feitura de seu romance *Memórias de um sargento de milícias* e o quão produtivos podem ser esses sufixos. Baseamo-nos, para nossa pesquisa, no livro: "Memórias de um sargento de milícias".

No tocante ao estudo dos sufixos da língua portuguesa, existe vasta literatura sobre o assunto, entretanto constitui material rico, a ser melhor explorado, o teor de produtividade dos sufixos.

Analisaremos, pois, o processo de formação dos adjetivos, através da derivação sufixal, numa perspectiva sincrônica, ou seja, levando em conta apenas o falar do nosso tempo histórico. O autor escolhido, entretanto, dará uma pitada de diacronia ao trabalho, já que se trata de um autor do século passado. Não podemos nos esquecer que a língua não é algo estável e constante, mas sim um organismo vivo, em constantes modificações, principalmente a "língua funcional". Por isso mesmo, qualquer tentativa de estudo da língua não é uma regra geral, a riqueza da língua está justamente nas exceções.

### A DERIVAÇÃO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Os principais processos de formação de palavras novas, ou melhor, os de mais alta produtividade são a derivação e a composição. Entretanto, interessa-nos em particular a derivação.

O processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. Por exemplo, as formas retratista (retrato + ista), livreiro ( livro + eiro), predispor ( pre + dispor) são formas derivadas, nelas verificamos a presença de uma base + sufixo ou prefixo + base.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

Como nos esclarece Bechara (2000:338):

O sufixo não tem curso independente na língua (e por isso se chama forma presa) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma idéia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc) a que pertence. (...) ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa.

A maior diferença entre prefixo e sufixo parece residir, no entanto, no aspecto estrutural ou sintático. O sufixo é sempre o *determinado*, o núcleo ou elemento principal ou subordinante, só tem sentido junto da base. Já o prefixo é sempre *determinante*, o adjunto ou elemento subordinado ou secundário da estrutura vocabular. O prefixo, além do mais, só muda a classe ou subclasse da base: *fixar* é verbo e *pré-fixar* também o é, *feliz* é adjetivo e *infeliz* também. O sufixo por ser *determinado* é o núcleo da palavra e tem a função de mudar a classe da mesma: amigo (substantivo) e amigável (adjetivo).

### *Prefixação X Sufixação*

Em *chatice*, o sufixo - **ice** tem função sintática - transforma o adjetivo em substantivo - e semântica: o resultado da sufixação é o sentido depreciativo, que a base *chato* não tem necessariamente.

Como diferenças principais entre prefixação e sufixação temos, pois, que a prefixação tem função primordialmente semântica e a sufixação principalmente sintática, por outro lado, o sufixo, excetuando o de grau, constitui o núcleo da palavra complexa produzida, e o prefixo, o adjunto.

De uma forma ou de outra, o resultado da derivação é sempre um novo vocábulo, em que a palavra derivada amplia a primitiva.

O inventário de afixos, embora mais amplo do que o de gramemas flexionais é também mais fechado, o que significa que seu número é limitado e que novas criações são raras na história da língua. Isso significa que se formam palavras novas a partir de combinações de afixos já existentes. É por isso que a fala atualiza a língua, o falante *escolhe* os afixos e os radicais que formarão palavras novas, de acordo com a sua ideologia, sua filosofia, sua cultura, enfim, sua postura diante da vida.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### *Diferença entre flexão e derivação*

A flexão consiste no acréscimo ao radical de um morfema aditivo sufixal (casa, casa + s), enquanto na derivação é acrescido ao radical um sufixo lexical (casa, casa + inha).

O último exemplo nos permite afirmar com segurança que em língua portuguesa, grau não é flexão, é derivação, ao contrário do que é apresentado na NGB. Vejamos a opinião do Professor Bechara: "A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levava o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*."

É importante ressaltar que uma vez usados os sufixos derivacionais, estaremos formando novas palavras, o que não ocorre, é claro, quando usamos sufixos flexionais (ou morfema aditivo sufixal). O caráter fixo e restrito destes se contrasta com a enormidade de combinações daqueles. Além disso, ao flexionar uma palavra, o falante da língua se vê obrigado a utilizar o pequeno número de sufixos flexionais, no caso da derivação as opções são infinitas e as escolhas são feitas de acordo com a vontade do falante.

A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como era no latim, ou por sufixos derivacionais.

### COMO FORMAMOS PALAVRAS NOVAS

Em nosso cotidiano, geralmente, não paramos para pensar como se formam palavras. Formamos palavras freqüentemente e não percebemos que são criações novas, como por exemplo, *caretice* e muitas outras, usadas na fala coloquial, além dos inúmeros diminutivos e aumentativos que formamos diariamente.

Os processos de formação de palavras nem sempre é algo fácil de se sistematizar, alguns escondem mistérios difíceis de se explicar, isso se deve ao fato de a língua ser um organismo vivo, em constante modificação.

Por que será que construções como "imexível" e "escapação"

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

soam tão mal aos ouvidos? Uma explicação possível é a que diz respeito ao uso: desprezamos o que nos soa estranho.

Muitas vezes, desprezamos algumas construções porque o lugar já está ocupado. Por exemplo, não se tornou hábito dizermos "escapação" porque já nos acostumamos com o termo *escapatória*, consagrado pelo uso.

Formamos palavras novas também quando necessitamos de usar uma palavra de classe já existente, como por exemplo verbo, em outra classe gramatical, como substantivo. É o caso dos **deverbais**: caçar (verbo) gera caça (substantivo). Processo inclusive muito comum e de fácil execução.

No entanto, o diminutivo sempre acompanha a classe de palavra básica à qual se aplica: livro/livrinho (substantivos).

Enfim, a língua, como já dissemos, é um organismo vivo e, por isso, flexível. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número grande de elementos básicos sem termos que sobrecarregar a memória com um número ainda maior de palavras.

### *Produtividade lexical*

Sabemos que através da derivação podemos criar palavras novas. Todavia, os afixos possuem um teor de produtividade variável. Ou seja, uns são mais produtivos que outros.

Este talvez seja o ponto central do presente trabalho, isto porque nos interessa saber que sufixos são mais produtivos na formação de adjetivos

De acordo com Basilio (1995), anteriormente se supunha que a formação de palavras de diferentes classes a partir do mesmo sufixo era determinante da produtividade, entretanto alguns afixos como o sufixo **-ista**, forma palavras da mesma classe e é bastante produtivo

O fator relevante na produtividade desses sufixos não é a função de mudança de classe, mas a generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação. Assim, por exemplo, noções como a negação, o grau, a designação de indivíduos (...) são noções bastante comuns e de grande generalidade; conseqüentemente, esperamos que processos que incluam tais noções em sua função sejam altamente produtivos. Já pro-



## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

cessos apresentando funções mais particulares teriam produtividade menor. (Basilio, 1995:50)

Sandmann(1997) acrescenta que

a mudança de classe gramatical da palavra, por exemplo, de verbo para adjetivo (*intimidar - intimidatório*), é um fato muito comum, favorecendo a produtividade dos modelos, porque facilita a expressão, dando-lhe outras alternativas ou variedade.

Um exemplo de regra pouco produtiva, temos no sufixo de grau **-aço** (golaço, tarifaço), em oposição ao aumentativo **-ão** (pacotão, brizolão) com bastante força expressional. Também são de grande produtividade os sufixos **-ismo** (petismo, malufismo), **-ista** (consumista, colunista) e **-ção** (miniaturização, consumação).

### *A Produtividade dos sufixos aumentativos e diminutivos*

Embora não estando presentes no *corpus* deste trabalho, não podemos deixar de mencionar os sufixos formadores de aumentativos e diminutivos, por serem de grande produtividade dentro da língua portuguesa, e por expressarem o sentido negativo das palavras com tanta intensidade.

A língua não é apenas veículo de comunicação, segundo Ullmann (1964: 265) ela é "também um meio de despertar emoções e de as fazer surgir nos outros." Por isso, os sufixos são de grande utilidade para os usuários da língua, principalmente os formadores de adjetivos com sentido pejorativo. Segundo Ullmann (p. 273) eles "acrescentam uma nota emotiva ou um juízo de valor ao significado do radical", podendo o usuário ou o escritor fazer uso destes sufixos, para despertar emoções no ouvinte ou leitor e, ao mesmo tempo, fazer com que estes compreendam seu pensamento.

Contudo, como lembra-nos Monteiro (1995:17), qualquer rendimento estilístico só ocorre em função do contexto. Isto é, "o vocábulo mais banal pode carregar-se de expressividade, tudo depende dos fatores ligados ao contexto."

Isto posto, apresentaremos neste item do trabalho alguns sufixos de relevância.

### Sufixos Aumentativos

*-aço, -uça*

Formam adjetivos com força aumentativa e pejorativa. Exemplos: ricaço, dentuça, animalaço.

*-ão*

É o formador de aumentativos por excelência. Ex.: sabichão, mandão, valentão, malandrão.

*-arro, -arra*

Sufixos de pouca produtividade na língua, apesar de ter forte valor depreciativo. Ex.: bebarro, bebarra, beijorra, cabeçorra.

Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma **-orro**, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de 'filhote de cão e de algumas feras', deveria ter sido um diminutivo. (Cunha, 1989)

*-astro*

Neste sufixo, que aparece em pouquíssimas palavras da língua, o valor pejorativo é o mais saliente. Ex.: *medicastro* "médico ruim, charlatão", *poetastro* "poeta medíocre". O sufixo assume a forma **-asto, -asta** em *padrasto, madrasta*.

### Sufixos diminutivos

Faz-se mister, nesta passagem do trabalho, abordarmos novamente o tema contextualização. Tendo em vista que a função do diminutivo é dar idéia de redução de tamanho, nada impede que ele assuma diferentes valores. Tomemos como exemplo o sufixo **-inho**, o mais utilizado na língua, ele pode assumir vários sentidos, dependendo do contexto:

a) No exemplo: *A bolinha é feita de meia*. a palavra *bolinha*

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

*nha* indica uma *diminuição de tamanho*.

- b) Em: *Minha filhinha fez quarenta anos!* Apesar da filha já Ter completado quarenta anos, ainda é tratada com *afetividade*.
- c) Em: *Aquela mulherzinha não se toca! Vive me convidando para sair!* O diminutivo de mulher está empregado com sentido depreciativo.

Os exemplos comprovam que, para um sufixo diminutivo formar palavras com valor negativo, é preciso levar em conta o contexto no qual está inserido o discurso do falante, já que é justamente o contexto que definirá o grau de expressividade positiva ou negativa do vocábulo e, por que não dizer, do próprio discurso. Vejamos alguns sufixos diminutivos:

### **-ebre**

De origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde tem caráter pejorativo.

### **-eco**

De acentuado valor pejorativo. Origina *jornaleco*, *livreco*.

## OS ADJETIVOS

O adjetivo é uma palavra variável, porque combina com os morfemas flexionais ou desinênciais, que acompanha o substantivo, imprimindo neste uma noção qualitativa.

De acordo com Bechara:

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações.

A partir daí, é possível imaginar a importância do emprego dos adjetivos na literatura, dado que toda qualidade manifestada implica sempre uma atitude valorativa. Monteiro afirma que "é uma das

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

classes que mais indicam o lado afetivo da comunicação."

Ocorre que o falante é dono e senhor do seu discurso e pode fazer as escolhas que quiser, inclusive pelo fato de que cada indivíduo é tocado pela palavra de modo diferente. Assim, cada palavra desperta em nós tonalidades afetivas inesperadas e novas, e é a partir disso que fazemos nossas escolhas. Entretanto, há palavras que já apresentam uma tonalidade afetiva negativa ou positiva, encerradas em si próprias, tonalidade essa que talvez possa ser explicada pela história, haja visto que a língua é um sistema de signos *convencionados*. Como exemplo podemos citar a palavra *madrasta*.

Bechara diz que:

A função informativa as evita ou procura empregá-las de maneira a reduzi-las ao seu significado neutro. A expressividade, ao contrário, faz delas instintivamente cabos elétricos da mais alta tensão.

### ANÁLISE DE DADOS

Neste item do trabalho exploraremos os sufixos formadores de adjetivos com idéia negativa no romance *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida.

Antes, porém, é importante que se fale um pouco a respeito desse brilhante escritor brasileiro. Almeida foi um médico que nunca clinicou, sempre se dedicou à literatura e às artes. De origem humilde, foi colega de trabalho do também desvalido Machado de Assis. Teve vida curta, vindo a falecer aos trinta anos de idade num naufrágio na Baía de Guanabara. O referido romance, embora escrito durante o período romântico, é considerado obra de transição para um novo estilo de época: o Realismo/Naturalismo. Trata-se de um romance de humor popular, baseado nas aventuras de tipos humanos bem característicos da sociedade carioca do séc. XIX. Não foi somente nas personagens que inovou, seu estilo brilhante revela aos leitores o quão divertido e bem-humorado pode vir a ser o cotidiano das pessoas de baixa renda, cheio de encantamentos e, porque não dizer, de adjetivos.

Os quadros anexos demonstram o quanto os sufixos retirados do texto podem ser produtivos na formação de adjetivos com valor negativo.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Comprovamos, a partir destes e de outros sufixos, aqui abordados, que a derivação sufixal é um processo de formação de palavras altamente produtivo na língua portuguesa.

**Quadro 1**

| Sufixos   | Palavras retiradas do livro                                    | Outras palavras da língua   |
|---|--|---|
| <b>-oso, -osa</b> (provido ou cheio de...)                                | presunçosa, ocioso, tihoso, melindroso, estrondoso, desgostoso | furioso, venenoso, orgulhoso, nebuloso, teimoso, vergonhoso, manhoso                        |
| <b>-ado, -ada</b> ( a. provido ou cheio de... b. que tem o caráter de...) | sarapantado, acabrunhado, impacientado                         | enrolado (uso coloquial), assustado, adamado, desdentado, fracassado, complicado, esfomeado |
| <b>-ento</b> (a provido ou cheio de... b. que tem caráter de...)          | Pachorrento  | rabugento, peçonhento, ciumento, turbulento   |
| <b>-eira</b> ( relação, posse, origem)                                    | Bisbilhoteira  | fofoqueira, quizumbeira (coloquial)   |
| <b>-ível</b> (possibilidade de praticar ou sofrer uma ação)               | Falível  | perecível, punível, desprezível, discutível   |
| <b>-aco</b> (estado íntimo)   | Velhaco  | maníaco, demoníaco  |
| <b>-ona</b> (sufixo aumentativo feminino)                                 | bonachona, matrona   | solteirona, chorona   |
| <b>-eirão</b> (sufixo aumentativo)  | Moleirão   | asneirão, toleirão  |
| <b>-aço</b> (suf. aumentativo)  | Meirinhaço   | mulheraço, ricaço   |
| <b>-azão</b> (suf. aumentativo)   | Folgazão   |   |
| <b>-esco</b> (referência, semelhança)                                     | Grotesco   | dantesco, burlesco  |
| <b>-ivo</b> (modo de ser)   | Enjoativo  | fugitivo, negativo  |
| <b>-ão</b> (suf. aumentativo)   | maganão, chorão  | folgadão, "entrão"  |

Quadro 2

| Sufixos   | Palavras retiradas do livro                                   | Outras palavras da língua   |
|---|---|---|
| <b>-oso, osa</b> (provido ou cheio de... )                                | Presunçosa, ocioso, tinho, melindroso, estrondoso, desgostoso | furioso, venenoso, orgulhoso, nebuloso, teimoso, vergonhoso, manhoso                        |
| <b>-oso, osa</b> (provido ou cheio de... )                                | Presunçosa, ocioso, tinho, melindroso, estrondoso, desgostoso | furioso, venenoso, orgulhoso, nebuloso, teimoso, vergonhoso, manhoso                        |
| <b>-ado, -ada</b> ( a. provido ou cheio de... b. que tem o caráter de...) | sarapantado, acabrunhado, impacientado                        | enrolado (uso coloquial), assustado, adamado, desdentado, fracassado, complicado, esfomeado |
| <b>ento</b> (a provido ou cheio de... b. que tem caráter de...)           | pachorrento,  | rabugento, peçonhento, ciumento, turbulento   |
| <b>eira</b> ( relação, posse, origem)                                     | bisbilhoteira   | fofoqueira, quizumbreira(uso coloquial)   |
| <b>-ível</b> (possibilidade de praticar ou sofrer uma ação)               | falível   | perecível, punível, desprezível, discutível   |
| <b>-aco</b> (estado íntimo)   | velhaco   | maníaco, demoníaco  |
| <b>eirão</b> (sufixo aumentativo)   | moleirão  | asneirão, toleirão  |
| <b>-aço</b> (suf. aumentativo)  | meirinhaço  | mulheraço, ricaço   |
| <b>-azão</b> (suf. aumentativo)   | folgazão  |   |
| <b>-esco</b> (referência, semelhança)                                     | grotesco  | dantesco, burlesco  |
| <b>-ivo</b> (modo de ser)   | enjoativo   | fugitivo, negativo  |
| <b>-ão</b> (suf. aumentativo)   | maganão, chorão   | folgadão, "entrão"  |

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### CONCLUSÃO

O trabalho que ora concluímos é uma humilde investigação acerca da produtividade dos sufixos, muito ainda se tem que pesquisar, principalmente no que diz respeito à língua coloquial, campo de estudo bastante interessante porque demonstra o quanto a língua culta pode ser influenciada pela coloquial.

Durante a pesquisa pudemos avaliar o alto grau de produtividade dos sufixos, quando estes formam adjetivos com valor negativo. A qualidade dessas formações reside no fato dos sufixos exercerem uma função sintática, ao contrário dos prefixos que exercem um função semântica, assim, adjetivos são formados a partir de verbos ou substantivos.

A partir do romance de Manuel Antônio de Almeida, pudemos comprovar a produtividade dos sufixos, bem como a grande expressividade dos adjetivos.

É, então, a partir destas considerações finais, que concluímos nosso trabalho.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo : Saraiva, 1965.

BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo : Ática, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro : Lucenna, 2000.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis : Vozes, 1997.

———. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis : Vozes, 1997.

———. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1978.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfosintaxe*. São Paulo : Ática, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luiz F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.

KEHDI, Valter. *Formação de Palavras em Português*. São Paulo : Ática, 1995.

MONTEIRO, J. Lemos. *A estilística*. São Paulo : Ática, 1995.

SANDMANN, Antônio J. *Morfologia lexical*. São Paulo : Contexto, 1997.

SILVA, Maria Cecília P. de S. & KOCH, Ingedore V. *Lingüística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo : Cortez, 1983.

ULLMANN, Stephen. *Semântica - Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.



# MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

## PALAVRA, VOCÁBULO E TERMO

*Luciana Barbosa Duarte*

### INTRODUÇÃO

Este trabalho visa elucidar as semelhanças e as diferenças entre *palavra*, *vocábulo* e *termo*, apontando seus usos e aplicações

Para tal, utilizaremos a base teórica de diversos autores, consultando gramáticas, dicionários (de língua portuguesa, etimológico, de lingüística, etc.) e livros sobre lingüística.

Nossa hipótese é que os três (*palavra*, *vocábulo* e *termo*) são sinônimos parciais. Baseamos esta afirmação em Bloomfield que diz que:

sinônimos perfeitos não existem ou, quando existem, existem por apenas um curto período de tempo, partindo do pressuposto que se duas palavras ou formas lingüísticas possuíssem exatamente o mesmo significado e ocorressem exatamente nas mesmas situações e contextos, a tendência inexorável da língua seria, mais cedo ou mais tarde, optar por uma forma lingüística em lugar de outra.”

Sendo assim, o que procuraremos será encontrar as diferenças de situação, contexto, etc. que distinguem a sinonímia dos termos citados.

### *Palavra*

Devido a complexidade da questão, primeiro apresentaremos algumas definições para depois entrar nas questões polêmicas.

1. Palavra s.f. Unidade lingüística portadora de *significação externa*.
2. Palavra são os signos acústicos de uma conformação fonética e capacidade contextual simbólica.
3. Palavra é a parte menor do discurso autônoma, caracterizada como uma unidade de construção do plano fonético (e também gráfico), gramatical e semântico e que, tanto do ponto de vista material como do ponto de vista material como do ponto de vista semântico, entra em relação

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

com as restantes unidades da língua. Por isso a palavra é uma unidade de forma e de conteúdo.

4. Palavra [Do gr. Parabolé, pelo lat. Parabola] s.f. fonema ou grupos de fonemas com uma significação.
5. Palavra s.f. vocábulo provido de significação.
6. Palavra é uma unidade de expressão que os falantes nativos reconhecem intuitivamente, tanto na linguagem escrita como na falada.

Partiremos agora para as complexidades do termo palavra e de suas definições.

Zélio dos Santos Jota apresenta três fases da palavra:

perceptual, quando temos da coisa a imagem visual ou auditiva; afetiva, quando tal imagem se transforma em idéia; conceitual, quando a idéia, bem arraigada, já é capaz de provocar outras idéias, ou é sentida como elemento sintático (assim, à idéia lápis correlacionamos escrever, da mesma forma que sentimos como nome: o lápis, um lápis).

Posteriormente, ele afirma que a palavra deixa o aspecto fônico e gráfico para o vocábulo e o fonológico deve caber à palavra já que a função do fonema é distinguir palavras. Considerando a palavra como “uma entidade fonética-psicológica, de conteúdo significativo”. Esta afirmação se contrapõe ao Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa que coloca palavra como vocábulo representado graficamente. Também encontramos a aproximação de vocábulo e voz em outros dicionários. Zélio, porém, também liga o vocábulo a parte gráfica.

Contudo, há uma outra questão que parece com uma certa frequência: se palavras flexionadas como (ando, andas, andamos) são palavras diferentes ou variações de uma mesma palavra.

Bechara, explica os fatos acima classificando palavra sob três formas:

- a) seu aspecto material, fônico, como significante ou expressão; b) sua significação gramatical como uma classe de palavra ; c) a sua significação lexical, isto é, o que significa a palavra (em relação a outra).

No primeiro caso, ele compara palavra com vocábulo “do latim vox, que significa ‘ a voz’”. Entretanto, duas palavras (uma tônico

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

ca e uma átona) na fala se unem formando um só vocábulo, como em *aluga-se*.

Além de diferenciar vocábulo de palavra, Bechara propõe a classificação em dois tipos de palavras: palavras gramaticais e palavras léxicas. A primeira está relacionada ao critério b. Assim, *cheguei*, *chegaste* são duas *palavras gramaticais*, por terem classificações gramaticais diferentes. Já o mesmo exemplo, de acordo com o critério c, seriam uma única *palavra léxica*, pois têm a mesma significação apenas com flexões diferentes.

David Crystal, por sua vez, apresenta também três tipos de palavra. No primeiro caso, palavras como “máquina de lavar” seriam uma palavra composta de três vocábulos; no segundo, considera “andar, andei, andaste, andando” como variantes de uma mesma palavra, e as variantes seriam lexemas; e o terceiro tipo é a unidade gramatical. Ele ainda apresenta alguns critérios para distinguir palavras na fala:

um desses critérios reza que as palavras são as mais estáveis de todas as unidades lingüísticas, com respeito a sua estrutura interna, isto é, as partes CONSTITUINTES de uma palavra complexa tem poucas possibilidades de reorganização em comparação com a relativa MOBILIDADE POSICIONAL dos constituintes das sentenças e outras estruturas gramaticais

Outro critério é a “coesão das palavras” o que levou Bloomfield a definir “palavra como uma forma livre mínima”.

Contudo, é interessante que Crystal coloca a palavra como “uma unidade de expressão que os falantes nativos reconhecem intuitivamente tanto na linguagem escrita quanto na falada.” Talvez seja por isso que os falantes usam, sem maiores problemas, palavra, vocábulo e termo, a utilização é certamente intuitiva, não apresentando a complexidade estudada pelo especialista.

Mário Vilela e Igedore Koch explicam que por causa da amplitude de usos e valores de “palavra” há a tendência de substituí-la por outro termo como “lexema, unidade lexical, monema”, incluímos, em muitos casos, vocábulo e termo. Eles conceituam palavra “como uma das unidades do sistema lingüístico e definimo-la como a unidade menor potencialmente isolável, autônoma, portadora de significado e função, que é separada, como seqüência de grafemas (ou

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

letras), de outras palavras e que, no caso das palavras flexionais, dispõe de várias formas”.

Esta, em nossa opinião é a definição e explicação mais completa e cremos que todas as complexidades e questões expostas são feitas devido ao ponto de vista que encara-se palavra, se é fonético, morfológico ou sintático.

### *Vocabulo*

1. Vocabulo sm. Palavra que faz parte de uma língua; termo (tb.dicção, no Aurélio );
2. Vocabulo sm. Palavra considerada apenas quanto à forma, independentemente da significação que nela se encerra.
3. Vocabulo sm.(l. vocabulu) Gram. 1. Palavra considerada especialmente quanto ao seu aspecto material (pronúncia, constituição e escrita). 2. Dicção, voz.
4. Vocabulo sm. Palavra, independentemente de sua significação ou categoria (Do lat. vocabulu, nome com que se chama uma coisa ou pessoa).

Segundo Manoel Pinto Ribeiro há dois tipos de vocabulos: o fonológico e o formal. O primeiro seria o que possui acento tônico e o segundo, um segmento fônico que se associa a uma significação léxica e/ou gramatical. Dentro deste conceito, os vocabulos formais podem ser formas livres ou dependentes. As livres são as que possuem significação própria (substantivo, adjetivo, advérbios) e as dependentes, como o próprio nome diz depende, ou está ligada a outra (artigo, preposição, etc).

Podemos perceber ainda que, este autor utiliza vocabulo como sinônimo de palavra, pois divide a morfologia em: “formação de vocabulos, famílias de vocabulos, processo de formação de vocabulos, etc”.

Para Maria Cecília “o vocabulo formal ou morfológico apresenta-se, então, como a unidade que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres”, ou dependentes de acordo com Mattoso Câmara. Ela não considera o vocabulo fonológico-

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

co citado anteriormente.

Horácio Rollim, mencionando Mattoso, considera os dois tipos de vocábulos, o formal e o fonológico.

Segundo Carone, “o conceito de vocábulo diz respeito a uma estrutura, algo interno: o vocábulo é uma unidade constituída de morfemas”. Ela também expõe a oposição entre vocábulo formal ou morfológico e vocábulo fonológico. Assim,

a forma dependente é um vocábulo formal que não é um vocábulo fonológico. Inversamente, a palavra composta por justaposição consta de mais de um vocábulo fonológico, mas o conjunto é apenas um vocábulo formal. Quando os elementos do composto se aglutinam, dá-se o encontro: passam a coincidir.

Certamente esta distinção entre vocábulo formal e fonológico existe para aproximar vocábulo de palavra. O vocábulo formal é o tradicional, ou o que aparece nos dicionários, comparado a voz, som, fonema e o vocábulo fonológico é o que se assemelha a palavra, pois se leva em conta o significado.

### *Termo*

1. Termo - vocábulo, palavra, expressão: um termo obsoleto.
2. Termo sm. Palavra considerada quanto à extensão de seu significado.
3. Termo sm. Vocábulo ou conjunto de vocábulos que representam uma unidade funcional: o predicado é o termo essencial da oração. // palavra com sentido específico: Esse termo foi mal empregado. São termos médicos.
4. Termo sm. Palavra ou expressão própria de uma arte ou ciência.
5. Termo sm. Vocábulo, dicção, palavra, expressão. Lóg. Termo representado por uma expressão verbal. Termos acessórios da oração.
6. Termo sm. Gram. Elemento de oração. Vocábulo ou locução que denomina conceito, prévia e rigorosamente definido, peculiar a uma ciência, arte, profissão, ofício.

## Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02

Não há muitas discussões em relação a termo. As questões giram em torno de palavra e vocábulo. Termo é algo especializado, relacionado a uma ciência ou profissão, ou a oração. Não há grandes problemas, pois termo em geral se liga à sintaxe, enquanto vocábulo liga-se à fonética e a morfologia e a palavra às três áreas gramaticais.

### CONCLUSÃO

Concluimos acreditando que palavra é um “termo” mais geral, tendo como característica principal um significado, podendo ser simples, isto é, composta apenas por um vocábulo (cadeira) ou composta, ou seja, composta por dois ou mais vocábulos (guarda-chuva, pé-de-moleque).

Já vocábulo seria uma unidade sonora de uma determinada língua, não tendo necessidade de um significado. Cada unidade é um vocábulo, por exemplo a palavra pé-de-moleque, citada anteriormente é constituída de três vocábulos (1. pé; 2.de; 3.moleque), não sendo preso a palavra como um todo.

O termo, por outro lado, é empregado em casos específicos como conceitos, nomes técnicos, etc. Além disso, está ligado a estruturas sintáticas, conhecidas como termos da oração. Nesta ocasião, o termo engloba uma unidade maior, como o sujeito, o predicado, etc. Como exemplo vejamos a frase: Douglas é muito interessante, “Douglas” pode ser considerado tanto palavra como termo (sujeito); já “é muito interessante” são três palavras (1. é- verbo, muito- advérbio, e interessante - adjetivo), mas só um termo, o predicado.

Contudo, de forma geral, podemos considerar *palavra*, *vocábulo* e *termo* como sinônimos.

## MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Delta, 1958.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo : Ática, 1988.

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de Términos Filológicos*. 2<sup>a</sup> ed. Madrid : Gredos, 1962.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo : Mirador Internacional, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2<sup>a</sup> ed. rev. e aument. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de Morfologia*. Rio de Janeiro : Presença, 1979.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística*. Rio de Janeiro : Presença, 1976.

KOOGAN/ HOUAISS. *Dicionário e Enciclopédia*. Rio de Janeiro : Ed. Delta, 1997.

PÂNDU, Pandiá. *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Fase, [s.d.].

RIBEIRO, Manoel P., *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 9<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Metáfora, 1996.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. *Lingüística Aplicada ao Português: Morfologia*. 8<sup>a</sup> ed. São Paulo : Cortez, 1997.

VILELA, Mário & Koch, Igedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra : Almedina, 2001.